



ano VII . especial

TRANS AID

CAMILA FALCÃO | THIX | RENATA CARVALHO
A TRANSÄLIEN | ACERVO BAJUBÁ | AMARA MOIRA

TRANS FALO é uma edição especial da FALO®.
ISSN 2675-018X
versão 25.10.24

editor-chefe: Filipe Chagas
edição, redação e design: Filipe Chagas
co-edição deste especial: Marcos Rossetton
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: *O amor é a luz do mundo*, técnica mista de Gio Carvalho, 2022.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos (cis/trans), incluindo imagens de genitais. Consulte com precaução caso sintá-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55



Sumário

TRANS GALERIA ao longo da edição
throughout the edition

- 12 CAMILA FALCÃO
- 24 THIX
- 36 ENSAIO | PHOTOSHOOT
A TRANSÄLIEN as Gaya
- 48 MÚSICA | MUSIC
Ey Boyceta, de Jupi77er
- 50 MODA | FASHION
por Marcos Rossetton e Vicenta Perrota
- 66 ARTIGO | ARTICLE
Traduzir, Travestir, por Amara Moira
- 68 ACERVO | COLLECTION
A travesti e o acervo, por Angel Natan
- 76 ARTIGO | ARTICLE
Prazer, me apresento: Rossetton, não-binarie
- 84 ABC Não-Binária
- 88 PROJETO | PROJECT
[TRANS]*itoriedade, por Marcos Rossetton
- 96 TEATRO | THEATER
Vivências travestis, por Renata Carvalho
- 112 ENTREVISTA | INTERVIEW
Indra Haretrava
- 126 CRÔNICA TRANSFÁLICA
Doce Licantropia
- 136 TRAVESTECA, por Renata Carvalho

Assim que a Falo passou a existir, ela sofreu críticas: “é falocêntrica!”, “é uma revista gay”, “só serve pra punheta” e por aí vai. No entanto, essa superficialidade nunca atingiu a essência do projeto que sempre foi revelar a nudez masculina como algo fundamental na História da Arte e, assim, reduzir tabus machistas e patriarcais que envolvem o corpo masculino.

MASCULINO. É dessa palavra que vieram as provocações mais desafiadoras... afinal, que masculino é esse que a Falo quer revelar? Porque, se a revista somente se preocupasse com o genital, era preciso incluir todas as pessoas com pênis, ou seja, incluir algumas mulheres trans; e, se estou falando de homens em geral, era preciso incluir os homens trans independente do genital. Sendo o discurso essencial da revista o de inclusão, diversidade e pertencimento, então, era necessário trazer a pauta para o foco.

Desconhecendo totalmente o universo trans em 2019, decidi convidar dois artistas – Chris, The Red e Bruno Novadvorski – para entrevistarem homens e mulheres trans que pudessem falar com propriedade sobre o tema. Na nona edição saiu o artigo *Falo Trans* com esses discursos. A partir daí, a curadoria da revista ficou mais atenta à artistas que abordassem em suas poéticas todos os corpos, inclusive os ditos dissidentes.

Contudo, a pouca produção me instigava... Onde estavam os artistas trans falando sobre o corpo trans? Fui alertado sobre as questões da disforia e da fetichização que faziam com que o corpo e sua nudez se tornassem assuntos quase proibidos.

Minha busca continuou. Na edição 22, entrevistei o ator pornô Trip Richards e encontrei um outro olhar, outro posicionamento, mais livre, e que trouxe mais provocações: era hora da Falo

realmente ampliar seu escopo e se tornar um local seguro para todos os homens e todas as pessoas com pênis. Marcos Rossetton, artista visual e frequente colaborador da Falo, foi um dos grandes instigadores dessa abertura e eu decidi convidá-lo para ser co-editor desta edição especial que você tem em mãos.

Aliás, essa edição não é ESPECIAL somente por ser uma publicação diferente das periódicas bimestrais. O trabalho árduo, conflituoso, questionador e conscientizador resultou num compêndio de artigos e imagens feitos por nomes seminais da Arte e da Cultura brasileiras. Aqui se discutem as terminologias em vários idiomas, há um letramento no universo não-binário, expandem-se as linguagens artísticas para além da pintura e da fotografia, abordando música, teatro, moda e muito, muito mais.

Se eu já tinha orgulho do que criei em 2018 com a Falo, agora não caibo em mim por ter aberto esse espaço de visibilidade e potência – que não existiria sem o ímpeto avassalador de Rossetton.

Sem modéstia, vejo a história sendo construída, sendo TRANSformada. Espero que você veja e também seja TRANSformado.

Vida longa, TRANS FALO!



Matéria *Falo Trans*, na nona edição. *Falo Trans* article, in the ninth edition.

As soon as *Falo* came into existence, it was criticized: “it’s phallocentric!”, “it’s a gay magazine”, “it’s only good for jerking off” and so on. However, this superficiality never touched the essence of the project, which has always been to reveal male nudity as something fundamental in the History of Art and, thus, reduce sexist and patriarchal taboos surrounding the male body.

MASCULINE. This is the word that gave rise to the most challenging provocations... after all, what masculine is this that *Falo* wants to reveal? Because, if the magazine was only concerned with the genitals, it would need to include all people with penises, that is, include some trans women; and, if I’m talking about men in general, it would be necessary to include trans men regardless of their genitals. Since the magazine’s essential discourse is about inclusion, diversity and belonging, it was necessary to bring the issue into focus.

Completely unfamiliar with the trans universe in 2019, I decided to invite two artists – Chris, The Red and Bruno Novadvorski – to interview trans men and women who could speak with authority on the subject. In the ninth issue, the article *Falo Trans* came out with their discourses. From then on, the magazine’s

curatorship became more attentive to artists who addressed all bodies in their poetry, including the so-called dissident ones.

However, the lack of production intrigued me... Where were the trans artists talking about the trans body? I was alerted to the issues of dysphoria and fetishization that made the body and its nudity almost forbidden subjects.

My search continued. In issue 22, I interviewed porn actor Trip Richards and found another perspective, another position, freer, and that brought more provocations: it was time for *Falo* to really broaden its scope and become a safe place for all men and all people with penises. Marcos Rossetton, a visual artist and frequent contributor to *Falo*, was one of the great instigators of this opening and I decided to invite him to be co-editor of this special issue that you are holding in your hands.

In fact, this issue is not SPECIAL just because it is a different publication from the bimonthly periodicals. The hard, conflicting, questioning and awareness-raising work resulted in a compendium of articles and images made by seminal names in Brazilian Art and Culture. Here, terminologies are discussed in several languages, there is literacy in the non-binary universe, artistic languages are expanded beyond painting and photography, addressing music, theater, fashion and much, much more.

If I was already proud of what I created in 2018 with *Falo*, now I am beyond proud for having opened this space of visibility and power – which would not exist without Rossetton’s overwhelming impetus.

Without modesty, I see history being built, being TRANSformed. I hope you see it and are also TRANSformed.

Long live, TRANS FALO!



Entrevista com Trip Richards, na edição 22. Interview with Trip Richards, in issue 22.

A credito que uma revista, como instrumento de mídia e veículo de comunicação, principalmente independente, tem a responsabilidade de trazer à tona as evidências estampadas na rua, na sociedade e no mundo. Concomitantemente a isso, no decorrer de um percurso de 6 anos de (r)existência – como é o caso da revista Falo Magazine –, entendo e identifico natural os processos de interesse da publicação em explorar, provocar e divulgar pautas latentes a todo esse movimento, porém, obviamente, com a inclinação nas artes contemporâneas interseccionada na nudez, mantendo, assim, sua essência e foco editorial.

Esse é o resultado desta edição especial TRANS FALO. É sobretudo um olhar atento a outras perspectivas sobre o corpo, sua silhueta e nudez; o corpo que provoca rupturas semióticas aos olhares confortáveis que naturalizam apenas estéticas padrões; o corpo em não conformidade com a binaridade. É a celebração de corpos ditas “dissidentes”, ao homem masculino e sem pau, ao corpo trans e travesti, as complexidades e diversidades da expressão de gênero e dela a pluralidade de silhuetas, nudezes, formas, pêlos, aquendações, volumes, salivas, afetos, vida, arte e liberdade!

Analiso também a edição como um ato de coragem do editor-chefe Filipe Chagas em sair da zona de conforto e tangenciar pautas correlacionadas às estruturas e essências da própria revista, sem titubear ou imaginar se estaria distante do habitual material encaminhado ao seu cativo público leitor.

Evidentemente tudo isso também não quer dizer que os processos tiveram caminhos

simples e fáceis. Foram cheios de debates, reuniões e até provocações! O meu papel nesta edição, que se iniciou como uma sugestão para pautas trans, foi se (trans)formando e quando percebi, estava completamente envolvido. Com o tempo, oficializado o convite para ser o co-editore desta edição da revista, o lacre só estava para começar! Preparades?! Calafrio, preoCUp(ação) e boca de confusão!

Me encontrei em uma overdose mental de referências, artistas transvestigêneres, obras que particularmente sou fã, produções disruptivas e personas da cena das artes que gostaria que estivessem presentes nesta edição! Uma energia dentro de mim de agrupar todes! E talvez muita pretensão e sem medo de ser feliz, fui atrás de cada artista! Fazendo convites, conversando e, com a liberdade que obtive pelo editor: trabalhando!

Deixo a ressalva, que mesmo admirando muitos artistas, obras e projetos da comunidade T, o que colocamos aqui, foi também o que nos foram permitidos! Pois a via de mão dupla existe, e não obtendo autorizações, declinamos de obras e citações de artistas – que exclusivamente para mim, seriam agregadores na edição.

Por fim, a materialidade dessa edição está aqui! Espero que todes gostem. Ganhei muito fazendo e criando vínculos com artistas phoda, da generosidade de artistas do patamar de Renata Carvalho à entrega colaborativa e co-criativa de A TRANSALIEN, entre tantos. É difícil se colocar num grau profissional quando você é fã de quem está atuando, co-criando juntas, estabelecendo reuniões, negociando prazos etc, ao seu lado e com você! Fico feliz pela experiência, pelas parcerias, pela revista criar mais esse vínculo comigo. Fazer a revista foi um presente!

I believe that a magazine, as a media instrument and communication vehicle, especially an independent one, has the responsibility of bringing to light the evidence displayed on the streets, in society and in the world. At the same time, over the course of a 6-year journey of (r)existence – as is the case of Falo Magazine –, I understand and naturally identify the publication’s interest in exploring, provoking and disseminating latent issues in this entire movement, but, obviously, with a focus on contemporary arts intersected with nudity, thus maintaining its essence and editorial focus.

This is the result of this special edition TRANS FALO. It is above all a close look at other perspectives on the body, its silhouette and nudity; the body that provokes semiotic ruptures in the comfortable gazes that naturalize only standard aesthetics; the body that does not conform to the binary. It is a celebration of so-called “dissident” bodies, of the masculine and penisless man, of the trans and transvestite body, of the complexities and diversities of gender expression and its plurality of silhouettes, nudity, shapes, hair, tucking, volumes, saliva, affections, life, art and freedom!

I also analyze the issue as an act of courage by the editor-in-chief Filipe Chagas in leaving his comfort zone and touching on topics related to the structures and essence of the magazine itself, without hesitation or wondering if he would be far from the usual material sent to his captive readership.

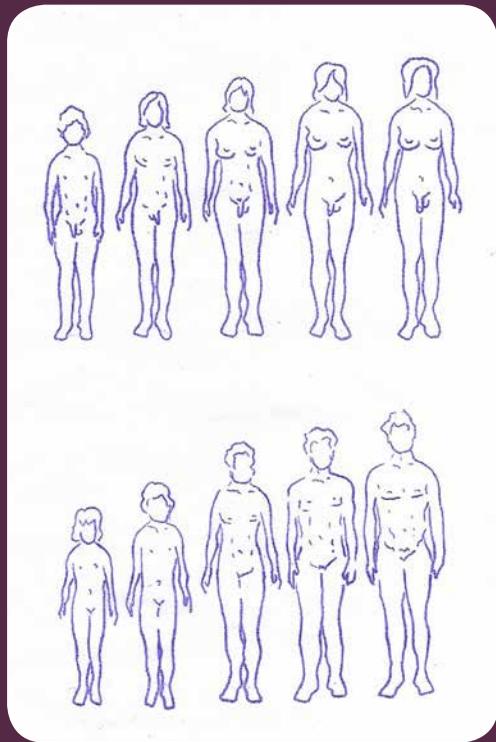
Of course, none of this means that the processes were simple and easy. They were full of debates, meetings and even provocations! My role in this issue, which began as a suggestion for trans

topics, was (trans)forming and before I knew it, I was completely involved. Over time, the invitation to be the co-editor of this issue of the magazine was made official, and the party was just about to begin! Are you ready?! Chills, preoccupation and confusion!

I found myself in a mental overdose of references, transvestite artists, works that I am particularly a fan of, disruptive productions and personalities from the art scene that I would like to see present in this edition! An energy inside me to group them all! And perhaps too much pretension and without fear of being happy, I went after each artist! Making invitations, talking and, with the freedom that I was granted by the editor: working!

I would like to point out that even though I admire many artists, works and projects from the T community, what we put here was also what we were allowed to do! Because there is a two-way view, and without obtaining authorization, we declined to include works and quotes from artists – which, exclusively for me, would be aggregating in the edition.

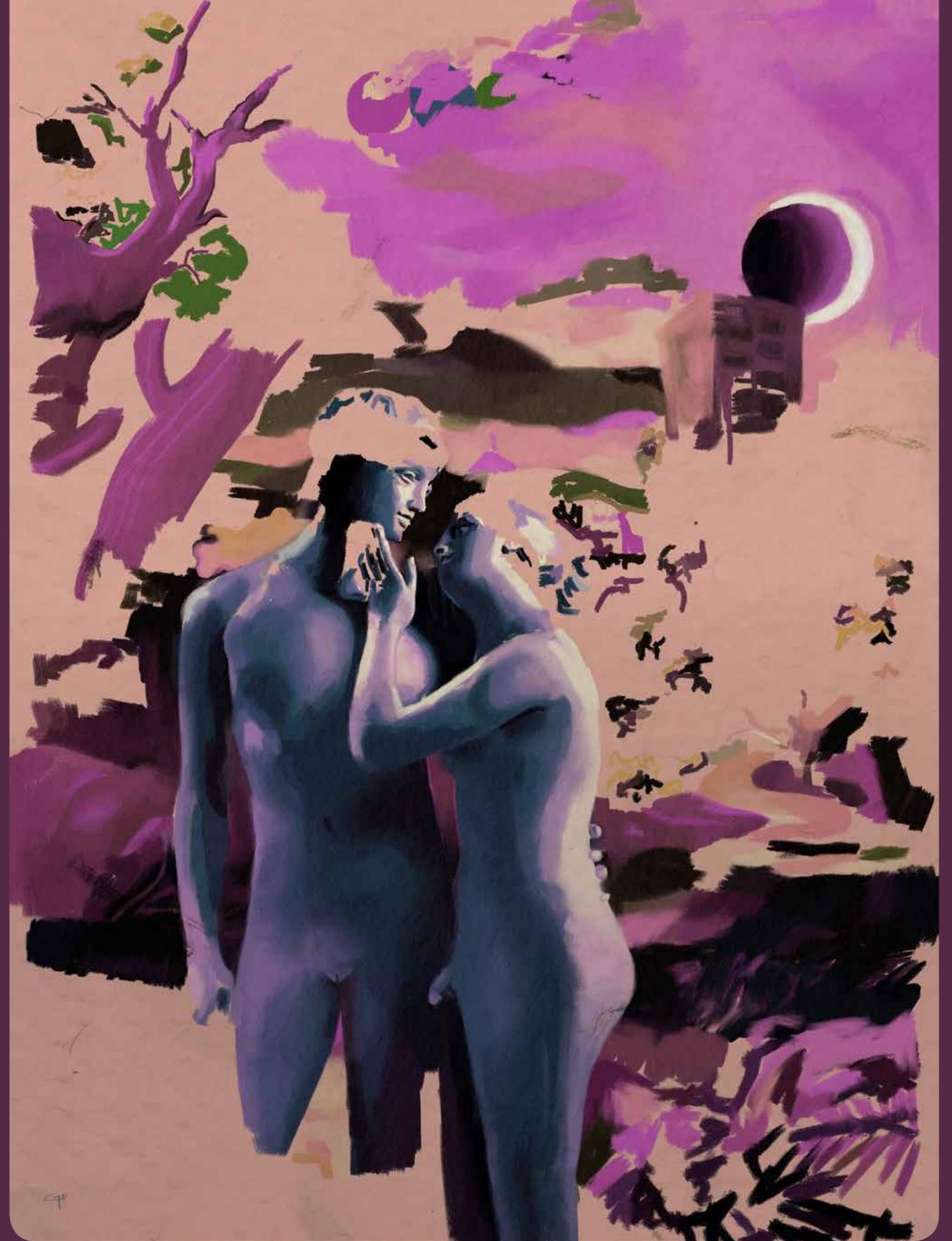
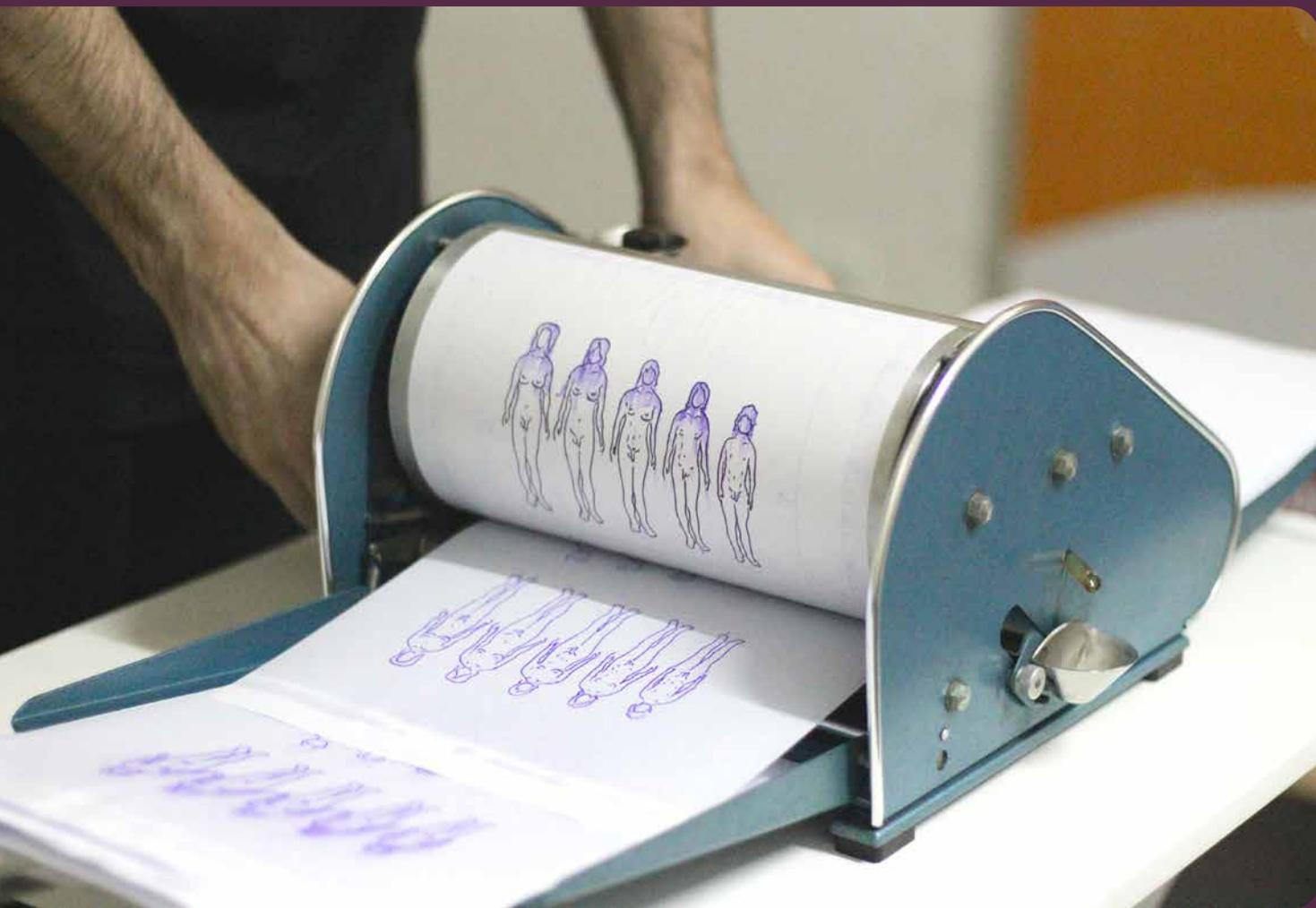
Finally, the materiality of this edition is here! I hope you all like it. I gained a lot by making and creating connections with amazing artists, from the generosity of artists of the caliber of Renata Carvalho to the collaborative and co-creative delivery of A TRANSALIEN, among many others. It’s hard to put yourself on a professional level when you’re a fan of the person you’re working with, co-creating with, setting up meetings, negotiating deadlines, etc., alongside you and with you! I’m happy with the experience, the partnerships, and the magazine creating this new bond with me. Making the magazine was a gift!



Brunøvaes

Apostila de Ciências: ensino fundamental
ação com mimeógrafo, 2017.

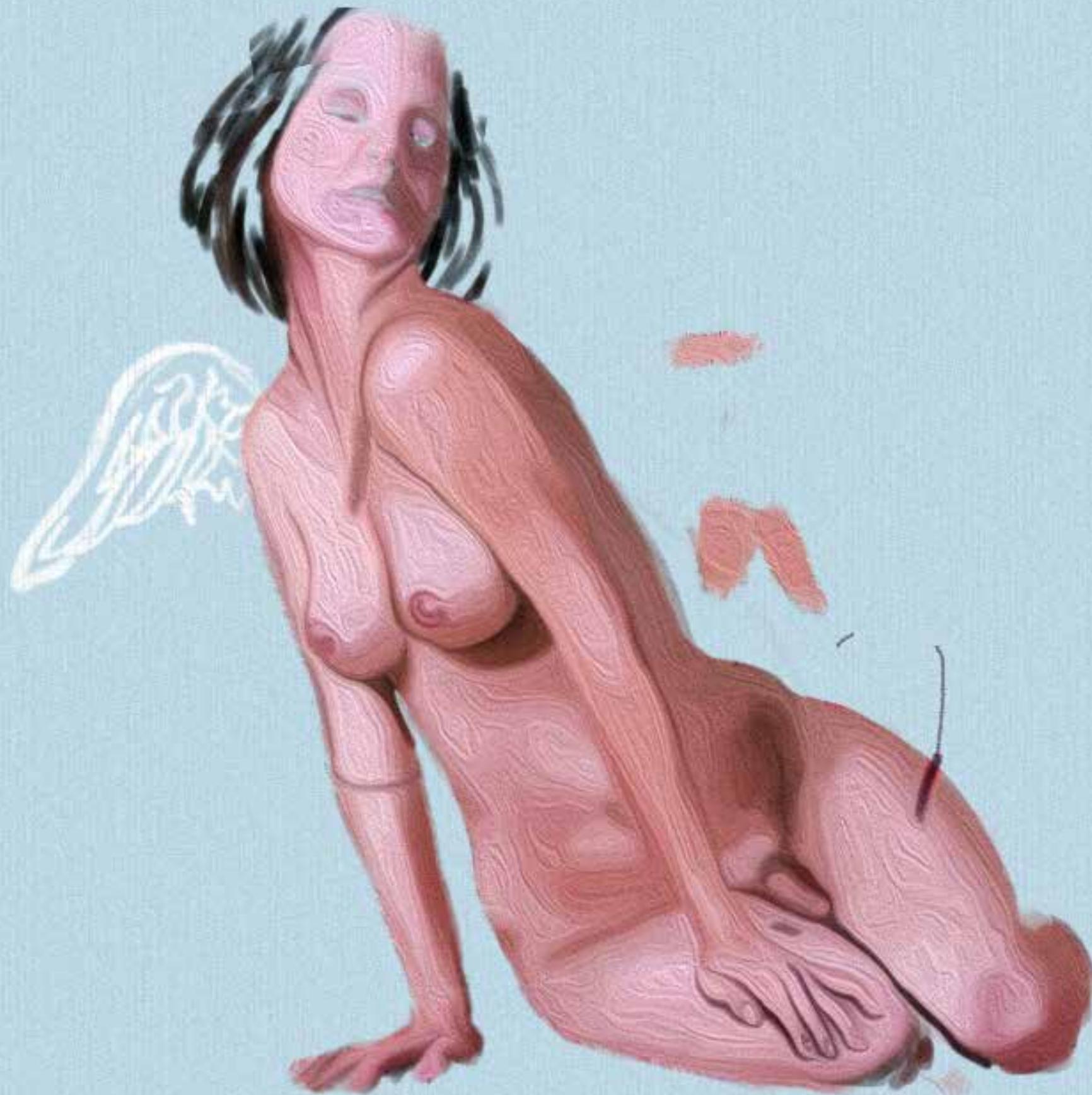
Science Handbook: Elementary School
action with mimeograph, 2017.



Gio Carvalho

O amor é a luz do mundo
técnica mista, 2022.

Love is the light of the world
mixed media, 2022.



Gio Carvalho
ELA
técnica mista, 2022.

SHE
mixed media, 2022.

Camila Falcão

Comecei a pintar com uns 10 anos de idade. Por volta dos meus 17, 18 anos, percebi que agia e pensava diferentemente da maioria das pessoas ao meu redor, que meus valores e objetivos eram outros, que eu já pensava como artista. Então, quando entrei na faculdade de artes plásticas (FAAP-SP), minha ambição era me tornar pintora. Porém, entendi que as disciplinas de fotografia e vídeo se encaixavam melhor nos meus anseios criativos e acabei deixando a pintura de lado para praticar, errar e explorar nessas linguagens.

Tive a oportunidade de morar em Nova York e trabalhar como assistente de fotografia de David Armstrong (1954-2014) por dois anos. Com ele aprendi a usar luz natural, dirigir modelos e conduzir um set. Mesmo tendo sido assistente de outros renomados fotógrafos e ter artistas consagrados como inspiração – Nan Goldin, Cindy Sherman, Zaneli Muholi, Catherine Opie, Hellen van Meene, Michal Chalbin, Ana Mendieta, Jenny Holzer, Judy Chicago etc –, é o jeito do David que sempre vem à minha mente nesses 20 anos de produção artística.

Geralmente fotografo as pessoas em suas casas. Gosto do clima intimista e acredito que elas fiquem mais à vontade no ambiente delas. Por isso, converso



Olga e Kali (2018).
Olga and Kali (2018).

Alina (2017).



Abigail e Eric (2019).



Lucy e Bernoch (2019).



Onika em quatro momentos.



Onika in four moments.



bastante antes de começar a fotografar, para conhecer um pouco da pessoa e pra nos sentirmos à vontade uma com a outra. Em seguida, procuro um local da casa que tenha uma boa luz natural e começamos. Eu costumo ter algo na cabeça, uma referência ou ideia de pose, mas quero saber como a pessoa quer ser retratada para dar as minhas sugestões e seguir com a proposta.

Tenho meus critérios particulares para as pessoas que vão participar dos meus projetos. A pessoa tem que ser interessante, ter elã, se destacar ou que eu admire profissionalmente. Não curto pessoas “padrãozinho” e fujo disso. Só fotografo homens cis se for comissionado ou fizerem parte de algum projeto bem específico. Não tenho nada contra homens cis – inclusive me relaciono com um há anos

e admiro vários. O “problema” é o grupo, a “classe”. Homens cis vêm sendo exaltados pela humanidade desde sempre. Estão e estarão no topo da pirâmide por muito tempo ainda, e eu não pretendo, como artista, contribuir para essa exaltação. Aliás, meu projeto de Mestrado em Poéticas Visuais tem o título provisório de “O poder e a vulnerabilidade do falo nas máscaras das masculinidades”, onde pretendo abordar essas questões.

As primeiras pessoas nuas que fotografei foram amigas, mulheres cis. Como a sociedade está acostumada a ver e consumir corpos de mulheres cis nuas, não recebi reações negativas. Eu não tenho dificuldade em fotografar pessoas nuas – inclusive adoro! Eu gosto de pele! Sempre que as pessoas que estiverem posando pra mim quiserem ficar nuas, eu vou gostar

independente do quanto vão querer mostrar. Pode ser também com algum acessório, como um colar ou uma peça de roupa.

Sei conduzir um retrato nu com respeito e profissionalismo (pelo menos esse é o feedback que costumo receber). Isso faz com que as pessoas se sintam confortáveis e queiram mostrar o orgulho que tem de seus corpos. Acredito que as fotos acabam passando isso.

Quando me perguntam como eu faço para as pessoas tirarem a roupa, eu revelo que, na grande maioria das vezes, parte delas mesmas. Algumas foram ou se sentiram reprimidas por muito tempo, outras só querem exibir suas belezas dissidentes, seu corpo travesti com peito e neça ou uma buceta masculina. Isso faz muito sentido pra mim. Quando temos, ou

passamos a ter, uma boa relação com nossos corpos deixamos de lado inibições, que muitas vezes dão lugar a essa possível vontade de se mostrar nu. A inibição trabalha para o recalque.

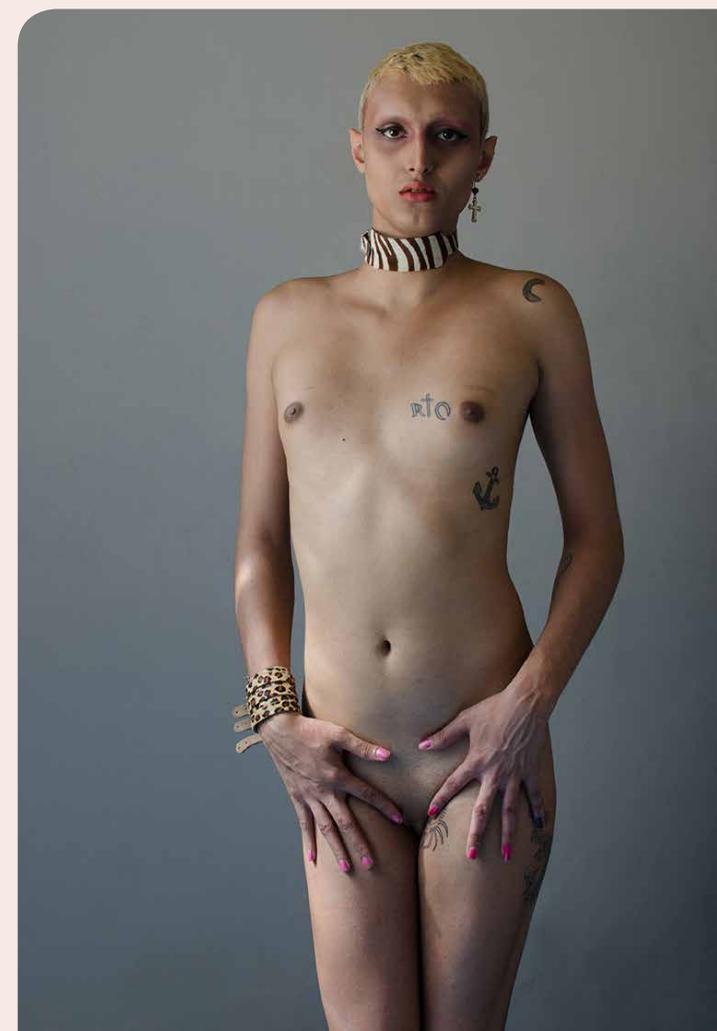
Acredito que é muito importante esfregar os corpos ditos dissidentes na cara das pessoas. Mostrar como eles são belos, plenos e de como essas pessoas se sentem à vontade em seus corpos. Jogar na cara da sociedade que eles não precisam da autorização de ninguém pra existir. É essencial incomodar quem precisa ser incomodado e proporcionar reconhecimento sempre que possível para aqueles que carecem de reconhecimento.

Por exemplo, em espaços tradicionais, meu trabalho é aceito até certo ponto: nu frontal ou uma foto mais sensual jamais. Sempre que



Juno e Benett (2019),
Matuzza (2021),
Cecília (2020) e
Giorgia (2021).

Página seguinte (*Next page*):
Mavi (2017),
Barbara (2021) e
Larissa (2018).





eu mandava a foto de nu frontal da Alina, do projeto *Abaixa Que é Tiro*, para concursos e editais, eu não conseguia nada. Quando parei de mandar essa foto específica e substituí por outra dela “mais comportada”, passei a ser selecionada para exposições coletivas e convidada para publicar. Nem vou comentar sobre o Instagram porque odeio aquele lugar e só permaneço ali porque infelizmente preciso. Nos poucos locais alternativos que conheço, já existe uma liberdade maior e bem menos hipocrisia, onde estes corpos não são vistos somente como objetos, mas também como sujeitos. Já na publicidade e no mundo editorial, vejo um novo retrocesso. Em 2018 houve uma onda de modelos gordos, trans, pessoas com deficiência, mulheres mais velhas... Eu mesma fiz campanhas publicitárias nessa perspectiva, mas não estamos mais nesse lugar. Um olhar atento nas campanhas e desfiles atuais mostra que voltamos a um “padrão”, mesmo com mais pessoas pretas e trans envolvidas.

Acredito que esse cenário só vai ter uma mudança significativa se as pessoas se envolverem mais com a cultura, visitando museus e galerias, lendo livros e revistas de arte, bem como sobre corpo, gênero e sexualidade. Ao aprender o respeito ao outro, teremos uma relação melhor com todos os corpos, nus ou não. <T>

Autorretrato



Camila Falcão

I started painting when I was about 10 years old. When I was around 17 or 18, I realized that I acted and thought differently from most of the people around me, that my values and goals were different, and that I already thought like an artist. So, when I entered the College of Fine Arts (FAAP-SP), my ambition was to become a painter. However, I realized that photography and video were a better fit for my creative desires and I ended up leaving painting aside to practice, make mistakes and explore these languages.

I had the opportunity to live in New York and work as a photography assistant for David Armstrong (1954-2014) for two years. With him, I learned how to use natural light, direct models and manage a set. Even though I have worked as an assistant for other renowned photographers and have been inspired by renowned artists – Nan Goldin, Cindy Sherman,

Zaneli Muholi, Catherine Opie, Hellen van Meene, Michal Chalbin, Ana Mendieta, Jenny Holzer, Judy Chicago, etc. –, it is David's style that always comes to mind in these 20 years of artistic production.

I usually photograph people in their homes. I like the intimate atmosphere and I believe that they feel more comfortable in their own environment. That is why I talk a lot before I start photographing, to get to know the person a little and to make us feel comfortable with each other. Then, I look for a place in the house that has good natural light and we get started. I usually have something in mind, a reference or idea of a pose, but I want to know how the person wants to be portrayed so that I can give my suggestions and move forward with the proposal.

I have my own criteria for the people who will participate in my projects. The person has to be interesting, have enthusiasm, stand out or someone I admire professionally. I don't like "standard" people and I avoid them. I only

photograph cis men if I'm commissioned or if they're part of a very specific project. I have nothing against cis men – I've even been in a relationship with one for years and admire many of them. The "problem" is the group, the "class". Cis men have always been exalted by humanity. They are and will be at the top of the pyramid for a long time to come, and I don't intend, as an artist, to contribute to this exaltation. In fact, my Master's project in Visual Poetics has the provisional title of "The power and vulnerability of the phallus in the masks of masculinity", where I intend to address these issues.

The first naked people I photographed were friends, cis women. Since society is used to seeing and consuming naked cis women's bodies, I didn't receive any negative reactions. I have no problem photographing naked people – in fact, I love it! I like skin! Whenever the people posing for me want to be naked, I'll like it regardless of how much they want to show. It can also be done with an accessory, such as a necklace or a piece of clothing.

I know how to conduct a nude portrait with respect and professionalism (at least that's the feedback I usually get). This makes people feel comfortable and want to show how proud they are of their bodies. I believe that the photos end up conveying this.

When people ask me how I get people to take their clothes off, I reveal that, most of the time, it's part of themselves. Some have been or felt repressed for a long time, others just want to show off their dissident beauty, their transvestite body with breasts and a dick or a male pussy. This makes a lot of sense to me. When we have, or start to have, a good relationship with our bodies, we let go of inhibitions, which often give way to this possible desire to show ourselves naked. Inhibition works for repression.

I believe it's very important to rub so-called dissident bodies in people's faces. Show how beautiful and full they are and how comfortable these people feel in their bodies. Rubbing in society's face that they don't need anyone's permission to exist. It's essential to bother those who need to be bothered and to provide recognition whenever possible to those who lack recognition.

*For example, in traditional spaces, my work is accepted to a certain extent: never a full-frontal nude or a more sensual photo. Whenever I sent a full-frontal nude photo of Alina, from the *Abaixa Que é Tiro* project, to competitions and public notices, I didn't get anything. When I stopped sending that specific photo and replaced it with another "more well-behaved" one of hers, I started to be selected for group exhibitions and invited to publish. I won't even comment on Instagram because I hate that place and I only stay there because unfortunately I have to. In the few alternative places I know, there is already greater freedom and much less hypocrisy, where these bodies are not seen only as objects, but also as subjects. In advertising and the publishing world, however, I see a new setback. In 2018, there was a wave of fat models, trans models, people with disabilities, older women... I myself did advertising campaigns with that perspective, but we are no longer in that place. A close look at current campaigns and fashion shows shows that we are returning to a "standard", even with more black and trans people involved.*

I believe that this scenario will only change significantly if people become more involved with culture, visiting museums and galleries, reading books and magazines about art, as well as about the body, gender and sexuality. By learning to respect others, we will have a better relationship with all bodies, whether naked or not. <T>



Amber e Lucy (2019).

Thix

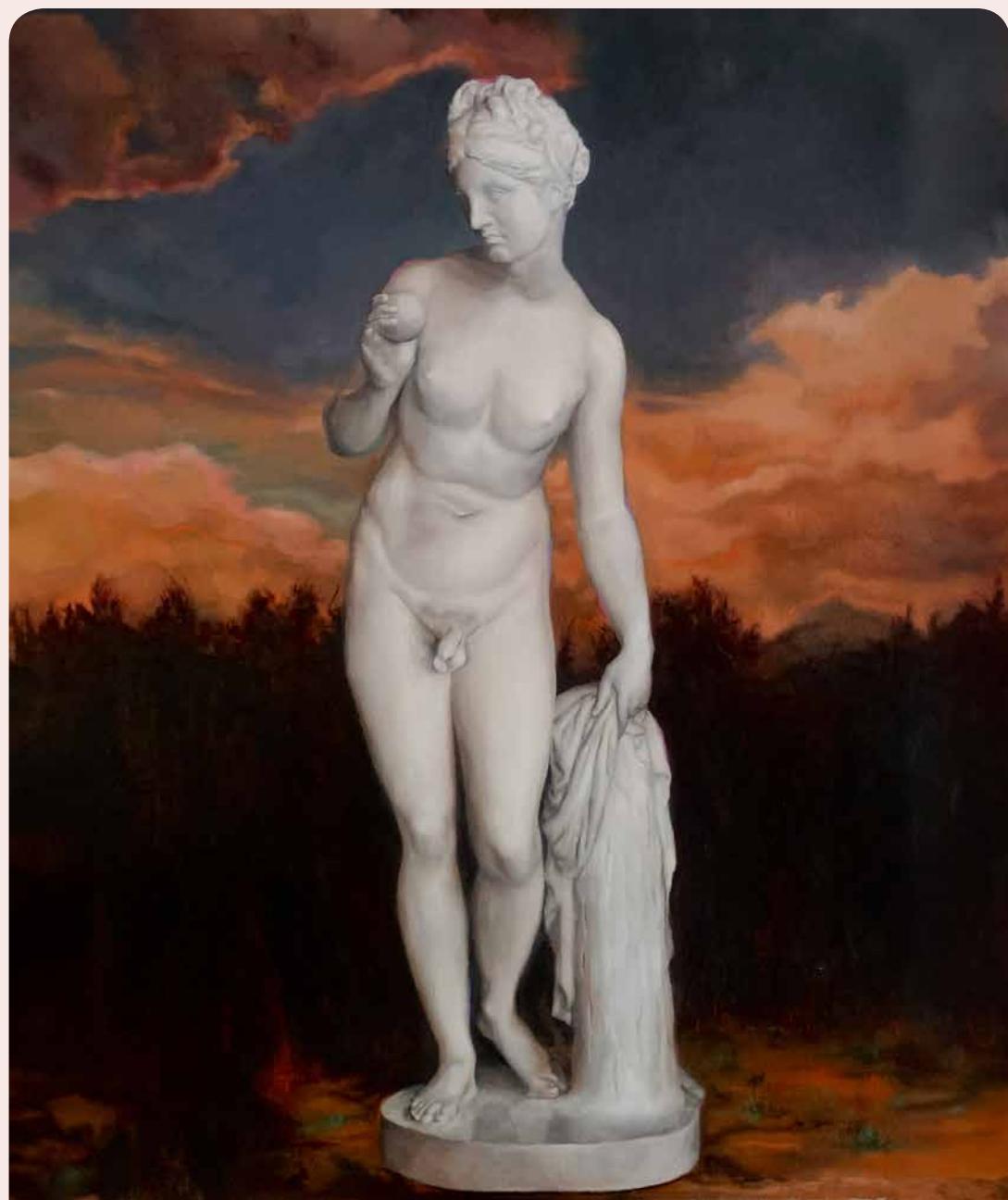


Sempre trabalhei com pintura, tendo o gênero do retrato como elemento central. Me interessa pela expressão do rosto, pois, para mim, é onde universos de subjetificação e identificação se abrem. Com um forte senso de luz e sombra em desdobramentos de cor, forma e materialidade exploro noções de beleza, alteridade, comunidade e identidade e me debruço sobre um olhar para a intimidade através de uma lente queer.

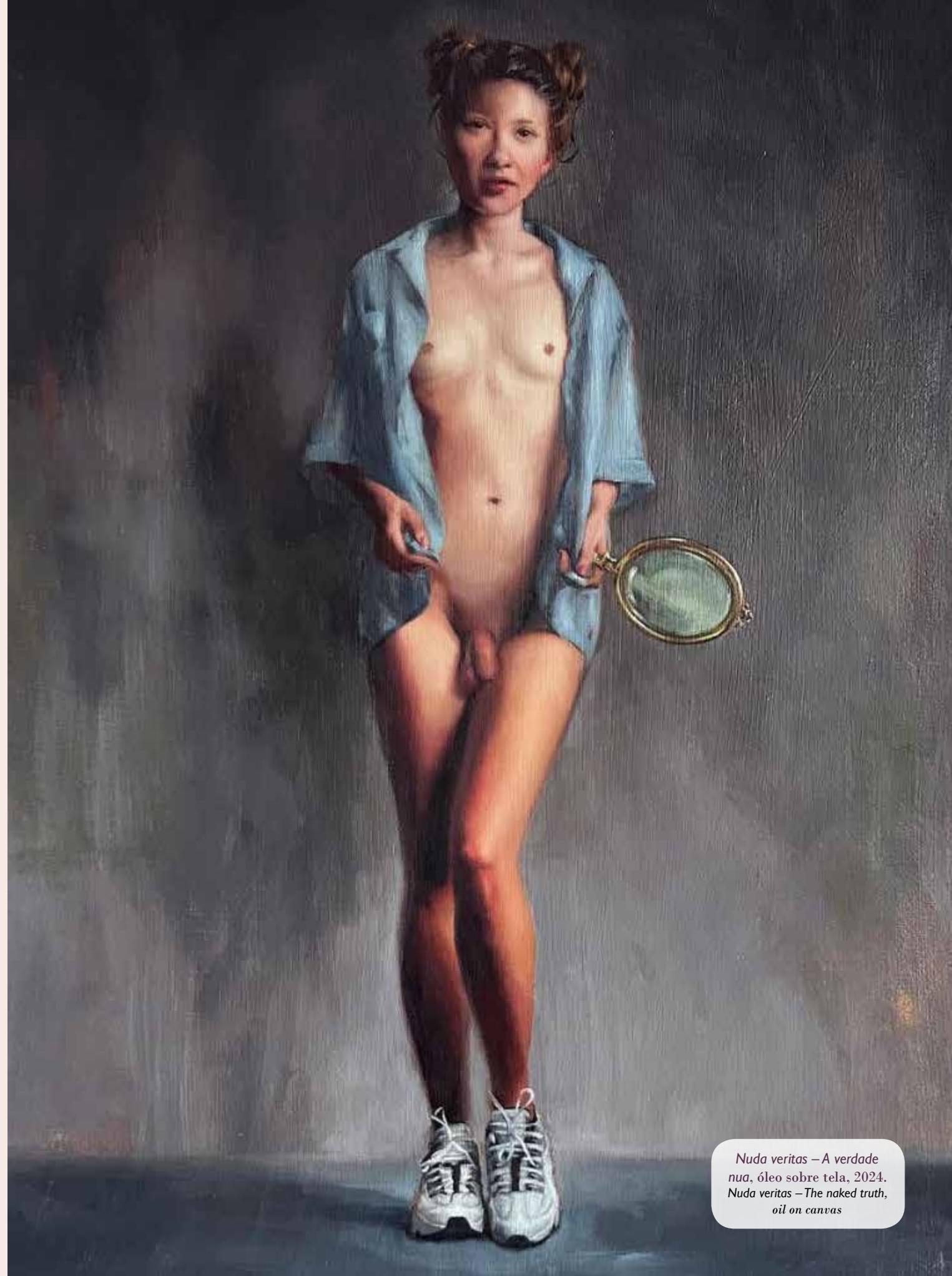
Olympio, óleo sobre tela, 2024.
oil on canvas

Espelhando referências da história da arte ocidental amalgamadas com a vida contemporânea e a conexão humana, confronto os seus sujeitos à uma linha de tempo que vai reivindicar a presença de corpos até então interditados em espaços de arte, refletindo sobre identidades fixas definidas em termos binários ao mesmo tempo em que questiono os processos históricos de representação, apagamento corporalidade e pertencimento. Assim, trabalho com modelos através de referências fotográficas captadas por mim mesma, utilizando o critério da autoidentificação: escolho retratar pessoas e corpos que historicamente foram apagadas ou ignoradas pela História da Arte.

Existe um pequeno movimento institucional de olhar para as diferenças e trazê-las para o centro, mas ainda incipiente, ainda tokenizado, ainda sob a ótica estrangeira, colonial e extrativista, que me parece mais uma medida para a instituição parecer inclusiva. Ainda que eu tenha tido algum sucesso em furar algumas bolhas, sempre me parece que as narrativas são exploradas a partir do exótico, do curioso.



A mulher mitológica, óleo sobre tela, 2024.
The mythological woman, oil on canvas



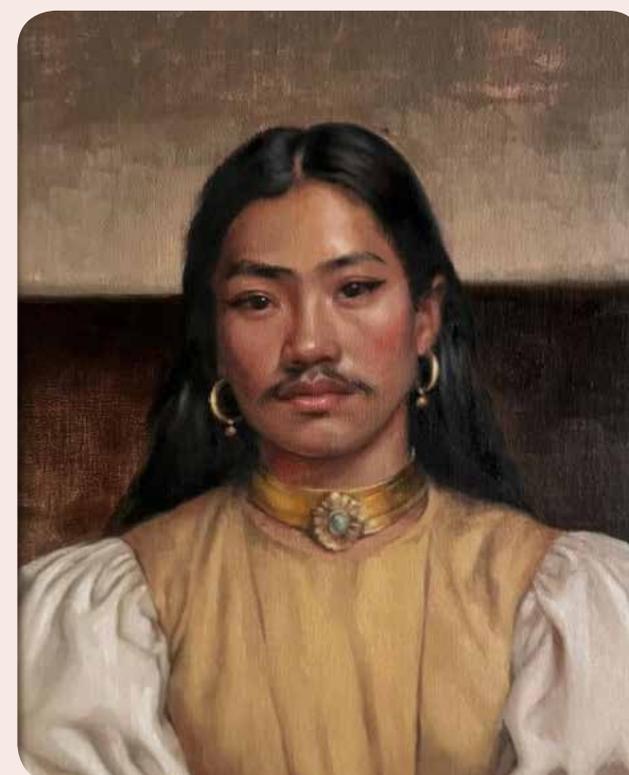
Nuda veritas – A verdade nua, óleo sobre tela, 2024.
Nuda veritas – The naked truth, oil on canvas



*Peito aberto, rasgado – Retrato de Andy, óleo sobre tela, 2022.
Open, ripped chest – Portrait of Andy, oil on canvas*



*Acima: Retrato de Azizi, óleo sobre tela, 2022.
Abaixo: Dois espíritos, óleo sobre linho, 2024.
Above: Azizi's Portrait, oil on canvas
Below: Two spirits, oil on linen*



As questões que se colocam seguem em “como expor a história de sujeitos que têm sido frequentemente excluídas da história?” “Que tipos de saberes os corpos das dissidências sexuais produzem?” São conhecimentos que permanecem incompreensíveis dentro dos principais modos de discurso e construção narrativa. No caso de não-binários, travestis e pessoas trans (entre outras identidades não-normativas), nos deparamos com um conjunto de corpos aos quais a privação de sua humanidade tem persistido historicamente – não por meio de registro e vigilância, mas por meio do silêncio e apagamento de seus vestígios.

Então, tenho um processo criativo estruturado: começo com a coleta de referências históricas, realizo estudos técnicos, desenhos e esboços, e entro em contato com possíveis modelos/colaboradores a fim de conseguir unir as possíveis pontas narrativas entre a história que desejo reconstruir e as biografias dos meus sujeitos. Vejo o retrato como uma das práticas que melhor condensam a relação íntima entre ver e ser visto, a negociação entre eu-e-o-outro, nós-e-eles. Dependendo da energia que está impregnada na relação, uma pintura pode levar uma semana ou meses para ficar pronta.

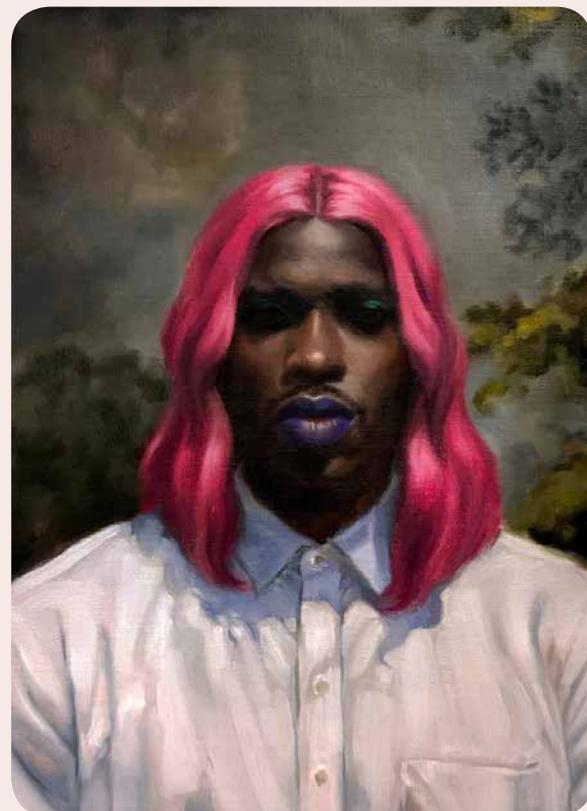
Nos meus 5 anos de treinamento acadêmico na Florence Academy of Art (Itália) e na Barcelona Academy of Art (Espanha), estudei exclusivamente a partir de modelos nus, para entender o corpo, a anatomia, luz, sombra e volume. O corpo passa a ser uma peça para estudo, uma ferramenta de observação e parte do processo do aprendizado, e nunca objetificado. Vejo a nudez com o interesse em naturalizar a



Acima: *Um sofá perto da janela*, óleo sobre linho, 2023; e, na página seguinte: *Ana, a Transvênus*, óleo sobre tela, 2023.
Above: *A couch by the window*, oil on linen; and, in the next page: *Ana, the Transvenus*, oil on canvas

presença de corpos dissidentes não-normativos no espaço da beleza e do desejo, e fora da exotização e do fetiche, e na construção de arquivos possíveis que documentem a nossa existência, existam no imaginário e fixem nossas narrativas no tempo.

Por isso, aconselho que os artistas se organizem, se apoiem e criem redes para expor e ocupar espaços. Não esperem por aprovação institucional, de galerias ou curadores “de boa vontade”. É fundamental que aprendamos a profissionalizar nosso trabalho para sair da margem que nos empurram e querem nos manter. <T>



Acima: Éden – Réquiem para um nome, óleo sobre linho, 2024.
 Ao lado: Femminiello (Autorretrato em rosa), óleo sobre tela, 2024.
 Above: Eden – Requiem for a Name, oil on linen
 Beside: Femminiello (Self-portrait in pink), oil on canvas

Thix

I have always worked with painting, with the portrait genre as a central element. I am interested in facial expression, because for me, this is where universes of subjectification and identification open up. With a strong sense of light and shadow in unfoldings of color, form and materiality, I explore notions of beauty, otherness, community and identity and focus on a look at intimacy through a queer lens.

Mirroring references from the history of Western art amalgamated with contemporary life and human connection, I confront its subjects with a timeline that will claim the presence of bodies until now banned in art spaces, reflecting on fixed identities defined in binary terms while questioning the historical processes of representation, erasure of corporality and belonging. Thus, I work with models through photographic references captured by myself, using the criterion of self-identification: I choose to portray people and bodies that have historically been erased or ignored by the History of Art.

Femme II, oil on canvas, 2023.
 óleo sobre tela



There is a small institutional movement to look at differences and bring them to the center, but it is still incipient, still tokenized, still under a foreign, colonial and extractive perspective, which seems to me to be yet another measure for the institution to appear inclusive. Even though I have had some success in entering some spaces, it always seems to me that the narratives are explored from the exotic, the curious.

The questions that arise are: “How can we expose the history of subjects who have often been excluded from history?” “What types of knowledge do the bodies of sexual dissidence produce?” This is knowledge that remains incomprehensible within the main modes of discourse and narrative construction. In the case of non-binary people, travestys and trans people (among other non-normative identities), we are faced with a set of bodies whose deprivation of their humanity has



Gilberta – Requiem for the norm, oil on canvas, 2024.
Gilberta – Réquiem para a norma, óleo sobre tela

persisted historically – not through registration and surveillance, but through silence and the erasure of their traces.

So, I have a structured creative process: I start by collecting historical references, I carry out technical studies, drawings and sketches, and I get in touch with potential models/collaborators in order to connect the possible narrative threads between the story I want to reconstruct and the biographies of my subjects. I see portraiture as one of the practices that best condenses the intimate relationship between seeing and being seen, the negotiation between me-and-the-other, us-and-them. Depending on the energy that is imbued in this relationship, a painting can take a week or months to complete.

During my 5 years of academic training at the Florence Academy of Art (Italy) and the

Barcelona Academy of Art (Spain), I studied exclusively from nude models, to understand the body, anatomy, light, shadow and volume. The body becomes a piece for study, a tool for observation and part of the learning process, and never objectified. I see nudity with the interest of naturalizing the presence of dissident bodies, dissident bodies in the space of beauty and desire, and outside of exoticization and fetishism, and in the construction of possible archives that document our existence, exist in the imagination and fix our narratives in time.

That is why I advise artists to organize themselves, support each other and create networks to exhibit and occupy spaces. Do not wait for institutional approval, from galleries or “well-meaning” curators. It is essential that we learn to professionalize our work to get out of the margins that they push us into and want to keep us on.

<T>

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o

ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

benfeitoria

SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!

www.benfeitoria.com/falomagazine

WWW

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

VIP DA FALO

R\$20 / mês

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

Obrigado àqueles que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Rafael Pentagna, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Giovanni Ravasi, Paulo Cibella e benfeitores anônimos.

A TRANSÄILIEN

as GAYA





me fiz Entidade
por contemplar a dúvida em sua mais pura verdade
por performar a abstração em sua mais plena materialidade
porque só assim pude viver a natureza com naturalidade
a beleza da vulnerabilidade
quando não à vaidade
porque sei o que é de lá e foi lá que fui me encontrar
porque passei por aqui e já me perdi

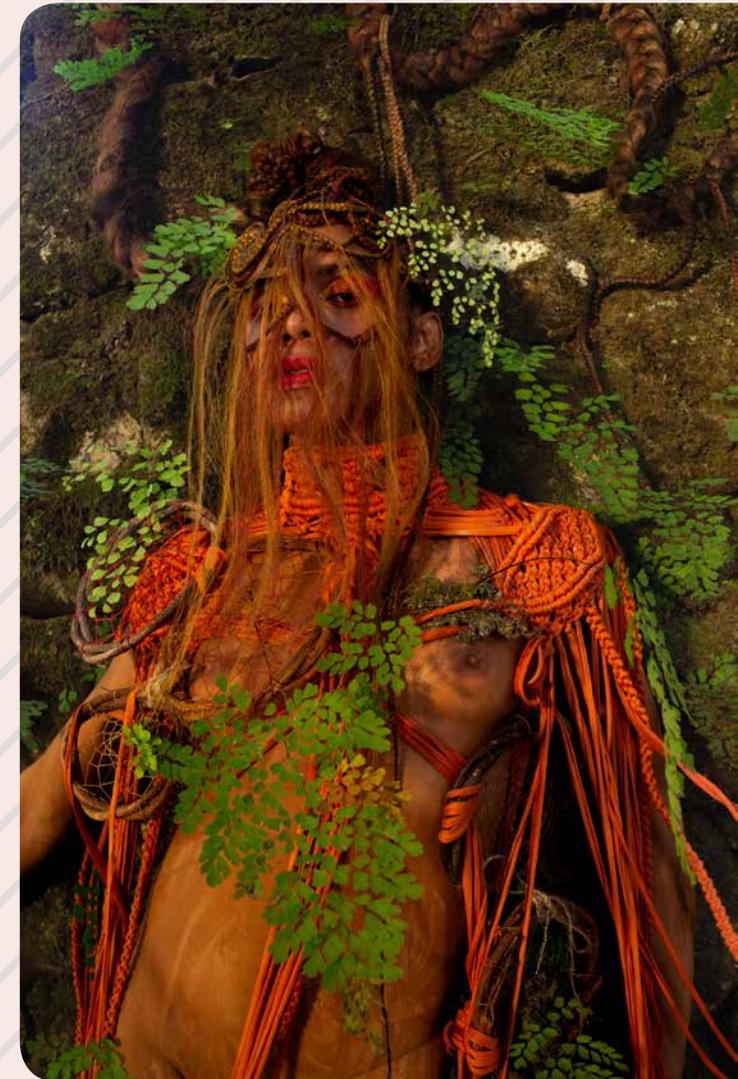
me fiz Entidade
porque sou aliada do tempo
e aprendi qual é a hora
do ir e vir, do ver vindo, rasgando o céu, lá vem ela
se movendo com sagacidade e uma certa habilidade
costurando as cores, símbolos, mitos em elaboração
nesta imensa colcha de retalhos cósmicos do coração

TERRA

THE EARTH

*I became an Entity
by contemplating doubt in its purest truth
by performing abstraction in its fullest materiality
because only then could I experience nature naturally
the beauty of vulnerability
when not vanity
because I know what is there and it was there that I found myself
because I passed through here and I got lost*

*I became an Entity
because I am an ally of time
and I learned what time it is
to come and go, to see it coming, tearing through the sky, here it comes
moving with sagacity and a certain skill
sewing together the colors, symbols, myths in development
in this immense cosmic patchwork of the heart*



me fiz Entidade
por incorporar a força dos elementos
indiscernível ao fogo, a terra, aos astros e os ventos
porque sou veículo de inclusão, elo, instrumento e libertação
porque sou ponte de conexão das energias que transitam
nos espaços sagrados do meu corpo
corpo que é palco, tela e reencarnação
corpo encruzilhada compartilhado em manifestação
corpo fluido navegando contra a maré
onde tudo é descrença e fé
onde tudo rejeita e quer
na expressão sutil de um sorriso e um até
vou vivendo como bem me quer
incapturável aos olhos monoteístas da veracidade
seguindo às margens plácidas desse lugar de dor e vontade
entre valores, desamores, desse mundo e seus horrores
sou fiel apenas a minha integridade
e portanto me fiz Entidade
porque o mistério
não cabe na identidade.

SOL

THE SUN

*I became an Entity
by incorporating the strength of the elements
indiscernible from fire, earth, stars and winds
because I am a vehicle of inclusion, link, instrument and liberation
because I am a bridge connecting the energies that pass through
the sacred spaces of my body
a body that is stage, screen and reincarnation
body at a crossroads shared in manifestation
fluid body sailing against the tide
where everything is disbelief and faith
where everything rejects and wants
in the subtle expression of a smile and a see you soon
I live as I please
uncapturable to the monotheistic eyes of truthfulness
following the placid shores of this place of pain and desire
between values, heartbreak, this world and its horrors
I am faithful only to my integrity
and therefore I became an Entity
because mystery
does not fit into identity.*







Os babados, trancelins, máscaras e balangandãs instauram-se neste corpo-altar como metáfora das dobras do tempo, como mistérios que serão aprendidos e preservados por aquelas que as sustentam, como guardiãs de um tempo mítico ancestral. Como guardiãs desse tempo e desse corpo que instauramos, confeccionamos e recriamos no presente ao infinito.

<T>



The frills, braids, masks and trinkets are established in this altar-body as a metaphor for the folds of time, as mysteries that will be learned and preserved by those who sustain them, as guardians of an ancestral mythical time. As guardians of this time and this body that we establish, create and recreate in the present to infinity.

<T>

A liberdade de transmutar de modo que não me perca é como dizer ao homem que o meu corpo é terra que não tem cerca.

ÁGUA

THE WATER

The freedom to transmute so that I do not lose myself It is like telling man that my body is land that has no fence.



Direção criativa // *Creative direction:*
A TRANSÁLIEN e Marcos Rossetton

 Multiartista // *Multi-artist:*
A TRANSÁLIEN

 Fotografia e Styling // *Photos and Styling:*
Marcos Rossetton

 Assistência fotográfica // *Photographic assistance:*
Antônio Rogério Cazzali

  Hairstylist e Tranças // *Hairstylist and Braids:*
Lu Black e Margot Moove

 Vestuário Macramê // *Macramé Clothing:*
Silvinha Franco

 Filtros dos Sonhos // *Dreamcatchers:*
Macramexias

 Agradecimentos // *Thanks:*
Fada Kaduda

Locação // *Location:*
Parque das Neblinas

Ey Boyceta

Jupi77er (Rapper)
álbum RG, 2022.



*Ey boyceta
Nossa vivência não se resume no resultado
É no processo.
É no caminho que a gente sente cada passo
É no corpo que mora nosso presente,
Nosso futuro e nosso passado
Eu te vejo em mim, já até te desenhei
Já te projetei, te esperei, te calculei,
Mas a verdade é:
Não importa como será,
Se não souber como se é.
Achando a chave do lado de dentro.
Nóis fica chave do lado de fora.
Eu vi o futuro dentro dos seus olhos
E percebi que você sempre esteve aqui
Ey, não deixa sucumbir
Tem tantes de nós por aí
Fazendo muito, criando o novo,
Deixando seu nome na história
Só de existir já é exemplo
Não esquece disso
O que cê pode é grandioso
Acredita nisso
Nosso futuro é glorioso
Prometi pra mim mesmo
Vou chegar em outros níveis
Promete pra nós mesmo:
Não seremos mais invisíveis.
O sorriso des minhes parcere
É a meta de tá vivo
Nóis tem planos muito reais
Mas o melhor, são planos possíveis
E eu acredito
Eu vô vivê pra vê todo mundo ficar rico
E pelo menos,
Existindo e sendo percebido
Existir pra ser reconhecido
Tanto que só de existir
Já valeu a pena ter existido...*

Music: HEY PUSSYBOY,
by Jupi77er

*Hey pussyboy
Our experience is not limited to the result
It is in the process.
It is on the path that we feel each step
It is in the body that our present lives,
Our future and our past
I see you in me, I have even drawn you
I have projected you, waited for you,
calculated you,
But the truth is:
It doesn't matter how it will be,
If you don't know how it is.
Finding the key on the inside.
We remain the key on the outside.
I saw the future in your eyes
And I realized that you were always here
Hey, don't let it succumb
There are so many of us out there
Doing a lot, creating the new,
Leaving your name in history
Just by existing is already an example
Don't forget that
What you can do is great
Believe in that
Our future is glorious
I promised myself
I will reach other levels
Promise yourself:
We will no longer be invisible.
The smile of my partners
Is the goal of being alive
We have very real plans
But the best, are possible plans
And I believe
I will live to see everyone get rich
And at least,
Existing and being noticed
Existing to be recognized
So much so that just existing
It was already worth having existed...*

Jupi77er por Gael Ferreira.



A transvestigeneres na corporeidade da moda como arte, expressão e guerrilha

por Marcos Rossetton

Vicenta Perrotta é estilista, “artista”, educadora e fundadora do *Ateliê TRANSmoras*.

Para Vicenta Perrotta, a roupa se apresenta como uma não-roupa, no aspecto de não traduzir a maneira convencional de vestir um corpo e consumir vestuários, pois, efetivamente, quem cria não é um corpo cisgênero para um consumidor cisgênero, mas sim a criação vinda de uma corpa lida como dissidente para as suas manas. Dessa forma, a analogia das transformações transpassa o corpo travesti, interseccionando na roupa criada, a partir de vestuários já existentes e sofrendo adaptações, retificando modelagens e expandindo possibilidades de expor as corpas travestis, transexuais e não binárias para o mundo.

A estilista intitula todo esse movimento de “Transmutação Têxtil”, como uma tecnologia social, uma perspectiva de olhar os materiais e os insumos têxteis – oriundos do descarte e do lixo já existente –, não só como uma roupa, mas uma indumentária que veste um grupo e um pensamento, assim como o traje em certos períodos da História. Esses materiais são transformados e reorganizados em uma produção fresca e autoral, criada por e para as corpas trans e travestis, gerando tanto a revitalização do produto de moda quanto a reafirmação das estéticas fora do que é entendido como padrão.

Ao despir-se visualmente de uma crença cisgênera, expondo o avesso das roupas metaforicamente, Perrotta expõe as violências sofridas pelo corpo trans. Ela se utiliza da moda como plataforma de política pública protagonizada por vivências travestis com diálogos de (r)existência afirmativa, de (re)habitar e, de certa forma, para hackear o



Foto: Danilo Sorrino.



Foto: Danilo Sorrino.

(cis)tema do mercado da moda e da arte, traduzindo novos olhares, novos entendimentos sobre o que são conceitos estéticos, propondo novas modelagens e caimentos têxteis, ampliando o olhar para os acabamentos, expondo nudez e o corpo com empoderamento, emancipação, orgulho e aparências disruptivas com autoridade.

Na transmutação dos processos criativos da estilista há uma evolução constante desses “hackeamentos”, porém, mantendo o foco na crítica ao excesso de roupas produzidas pela indústria da moda sempre impositiva e binária. Por exemplo, Perrotta faz uma reflexão sobre o hábito de consumir em shoppings centers o que é apresentado no varejo e na indústria da moda, pronto para vestir, com “perfeição” e num “padrão”, tudo muito “Adão e Eva” e seu paraíso perfeito com estéticas muito homogêneas a partir de um pensamento condicionado de binaridade sobre o que cada corpo deve vestir – homem e mulher com suas sessões separada no mesmo *shop store* de lojas de departamento. Inclusive isso foi apresentado em suas obras criadas (em parceria com Randolpho Lamonier) para a exposição recente “Arte na Moda: MASP Renner”, realizada no Museu de Arte de São Paulo (Masp) no primeiro semestre de 2024.

Todas essas produções já são uma indução para uma alienação de consumo, para uma padronização estética e por tanto para discriminação das diversidades corpóreas, das performatividades femininas ou masculinas ditas dissidentes e suas variações de expressões de gêneros. – Perrotta, em entrevista para a exposição.

O corpo trans que é lembrado é somente o corpo que está na rua, subjugado, visto por muitos como “estranho”. Entendendo a estética como um conceito colonial, Perrotta propõe expandir o conceito sobre o que é belo, criando outras narrativas, novas perspectivas com o consumo de outras imagens e quebras de paradigmas impositivos e normativos. Afinal, quem dita o parâmetro do que é e quem é belo? O corpo trans é belo! E, se as próprias roupas vão se transformando ao longo do uso ou das necessidades, se elas não ficam fixas, conservadas e/ou padronizadas e sua função pode ser mudada, então a roupa – e consequentemente a moda – é uma construção social!



Foto: Danilo Sorrino.

As roupas criadas e expostas no Masp trazem essa reflexão. São apresentadas com formas e volumes diferenciados que também trazem texturas e uma harmonia conceitual de todo o coletivo têxtil, de produtos do vestuário que se encaixam, como um jogo de quebra-cabeça, fundindo silhueta, estética, funcionalidade e defesa de novas perspectivas de vivências: vida travesti! Como a “roupa centopeia” com vários pés, braços ou membros para quem criou seu caminho, sua trajetória de vida e luta, para poder ficar de pé e (r)existir! Uma obra que traduz muitas imagens semióticas sobre um corpo em transição, com mudanças permanentes ou não, de alterações físicas, mamilos à mostra, silicões inseridos, revelados ou escondidos, genitálias “aquedadas”, nudez desejada, objetificada ou comercializada.



A nudez nos desfiles performáticos apresentados pela estilista explora principalmente uma consciência sobre o corpo travesti, político e arte-ativista, para debater outros padrões estéticos, outros pudores, escancarando os tabus das heterocisgeneridade. A moda já não é mais o protagonismo da roupa: a moda é a mensagem, o coletivo, o desenvolvimento de um pensamento crítico e analítico sobre pertencimento. Perrotta já causou frissons utilizando a plataforma da moda como linguagem de expressão de arte e reivindic(ações), em eventos de semana da moda (como a Casa de Criadores), em espaços de laboratórios, experimentações e criações de moda, com uma atmosfera *underground*, crítica e disruptiva no cenário do vestuário. Empoderamento, nudez, overdoses de corpos travestis na passarela, desfiles-manifesto, performance, encenações de Ballroom e lacre! Expondo goela abaixo a existência do corpo dito dissidente na moda e na arte.

Foto: Marcos Rossetton.



Foto: Danilo Sorrino.

[FALO] O que é tecnologia da Transmutação Têxtil e a Pedagogia do Lixo?

[Perrota] É uma tecnologia social que foi sendo formada a partir dos meus processos de necessidade de representação, de vestuário, de trabalho, para suprir a violência da necropolítica destinada aos corpos trans e travestis. Esses corpos trans – que não são lidos subjetiva e fisicamente – são violentados por várias camadas desse (cis)tema de necropolítica. A indústria e os meios de produção não entendem o corpo trans como sendo funcional para o consumo e a empregabilidade. É um corpo constantemente subjugado, lido inclusive como não capaz de produzir, já que no chão de fábrica das confecções e da indústria o foco da empregabilidade está na família clássica heteronormativa. Portanto, sistematizam-no deixando à margem na cadeia. Quem ganha com isso são os empresários da cadeia de produção. Porém, a realidade é que o corpo trans também veste, consome e movimenta capital!

A Transmutação Têxtil traz o movimento de quebrar essa violência e necropolítica, usando, por exemplo, meu ateliê como plataforma para apoiar projetos de pessoas trans, transformando o cotidiano e vidas, dando autonomia, criando produção e conhecimento para todes.

Sobre a Pedagogia do Lixo, quando uso como matéria-prima o lixo, eu já estou propondo uma diminuição do consumo. Não de forma global, pois o lixo é de responsabilidade de quem o produz. Porém, trago a ideia de diminuir os danos desse consumo de ciclos viciosos! De certa forma, a gente foi ensinada dessa maneira e não temos que carregar esse estigma ou culpa em “limpar” o mundo”! Mas podemos sim pensar no meio ambiente e ter consciência de como transformar nosso espaço, o nosso microambiente com dignidade: pessoas trans atuantes, todes produzindo, empregades, se alimentando etc. O corpo trans, entendendo que ele é lido socialmente como lixo, encontra na materialidade do lixo sua própria resignificação, para transformar essa realidade, criando outros caminhos e realidades. É uma pedagogia de vida!

O ateliê TRANSMoras, em Campinas, e o ATM Lab, no Centro Cultural São Paulo, são espaços seguros para pessoas trans poderem pensar, criar, descansar e produzir. Os fazeres nos ateliês da Transmutação Têxtil são também um processo, através da materialidade, quase terapêutico de cura. A costura da roupa é catalisadora, é mexer no cognitivo individual e transformar a pessoa, é, de fato, uma arte terapia! Unindo, por meio da costura, pessoas!

Como a corporeidade trans lida com a moda?

Lida com (r)existência, pois simplesmente não está representada de nenhuma maneira para que possa consumir. E não só o corpo trans! O mercado e a indústria não estão preparados para corpos PCDs, gordos, racializados... afinal de contas, quando um corpo preto vai ao shopping, ele também é perseguido pelo segurança! Há notícias todos os dias! Uma mãe de santo não é atendida

por uma manicure... Há intolerância religiosa, assim como uma indústria da moda transfóbica.

Como você, enquanto estilista, hackea o (cis)tema da moda e apresenta suas coleções?

Hackeio o (cis)tema ao assumir espaços públicos e provocar processos antirracistas, ao estruturar os processos de planejamento e organização da população trans com MEI ou CNPJ. Entender os ciclos da moda é também propor ao consumidor assumir sua responsabilidade em apoiar novos mercados, já que consumir em grandes cadeias do varejo, em lojas de departamento, por exemplo, também é promover uma necropolítica sistemática e opressora. Comprar produtos de pessoas trans é se unir a uma nova rede de produção e consumo. Temos roupa para PCDs, pessoas gordas e sem cafonice! A partir da Transmutação Têxtil, no aspecto do trabalho, eu vendo essas roupas. E também cobro caro, pois nosso trabalho é de garimpar, pesquisar e pensar criativamente. Tudo isso tem valor!

Como naturalizar a nudez de corpos travestis na Arte e na Moda?

São importantes as diversas referências do corpo na sociedade, mas não só o corpo padrão, o estímulo da objetificação da mulher da revista Playboy ou do macho com “pintão”, o homem preto “bem servido”, a mulata gostosa... enfim, todos esses estereótipos que são sim violentos já que a nudez tem vários significados lidos sistematicamente como um projeto de abuso. Aqui pensamos o oposto e proponho sair deste estigma. Quero trazer o corpo trans com seu empoderamento e beleza, sendo fundamental naturalizar o corpo, velado ou explícito. Quero apresentar esse corpo vivo!

Entendo que quanto mais os corpos travestis são vistos, naturalmente serão aceitos como corpo natural, corpo humano, sem essa busca de perfeição heterocisgênera binária, deixando de ser um corpo dito dissidente. O pinto e a buceta são lidos como funcionais. O pau para assegurar a masculinidade, chancelados pela mídia, pelo consumo, pela indústria, pela igreja, pelo azul para meninos e o rosa só para as meninas, pela binariedade opressora do vestir que reforçam tudo isso! Mostrar o corpo trans em uma passarela de moda é quebrar com esse ciclo vicioso para naturalizar os corpos dissidentes e escancarando o (cis)tema da necropolítica. Muitos modelos em minha passarela pedem para expor o corpo. Ter um homem trans sem camisa em um desfile é fazer um ato político. Vai além da nudez ou da roupa. É um processo pedagógico de desejo, atribuindo imaginários e afetos aos corpos ditos dissidentes. Cria-se afetos, cria-se um banco de imagens e narrativas semióticas com outras possibilidades para além da cisgeneridade.

Portanto, reitero: a plataforma da moda precisa ser usada para a reflexão e o debate. A naturalização da nudez é trazer letramento à sociedade. É expor para uma comunidade cisgênero que há beleza, afeto, possibilidade de construção de relações entre o corpo trans, masculino e feminino, e travesti. É preciso sair da fetichização clássica do “travequeiro” tóxico nos lendo como mercadoria! Exibir a beleza do corpo trans sem a camada da sexualização e revelar um corpo que está seguro em si, em sua essência, na aceitação de sua nudez e de sua diversidade. A disforia, que vejo também como opressão estética e cultura da necropolítica, é destruída.

Enfim, o corpo trans e sua nudez trazem empoderamento e pedagogia visual para a população, criando repertórios imagéticos e afetivos, com expressão, poéticas e guerrilha!

<T>



Foto: Danilo Sorrino.

TRANSVESTIGENDERS IN THE CORPOREALITY OF FASHION AS ART, EXPRESSION AND GUERRILLA

by Marcos Rossetton

Vicenta Perrotta is a fashion designer, “artist”, educator and founder of the TRANSmoras Atelier.

For Vicenta Perrotta, clothing presents itself as non-clothing, in the sense that it does not translate the conventional way of dressing a body and consuming clothing, since, effectively, the creator is not a cisgender body for a cisgender consumer, but rather the creation coming from a body seen as dissident for its sisters. In this way, the analogy of transformations goes beyond the travesty body, intersecting in the created clothing, based on existing garments and undergoing adaptations, rectifying models and expanding possibilities of exposing travesty, transsexual and non-binary bodies to the world.

The designer calls this entire movement “Textile Transmutation” as a social technology, a perspective of looking at textile materials and inputs – which come from discarded and existing trash – not only as clothing, but as an outfit that dresses a group and a way of thinking, just like clothing in certain periods of history. These materials are transformed and reorganized into a fresh and original production,

created by and for trans and travesty bodies, generating both the revitalization of the fashion product and the reaffirmation of aesthetics outside of what is understood as standard.

By visually stripping away a cisgender belief, metaphorically exposing the reverse side of clothing, Perrotta exposes the violence suffered by the trans body. She uses fashion as a platform for public policy, featuring travesty experiences with dialogues of affirmative (r)existence, of (re)inhabitation and, in a way, to hack the (cis)theme of the fashion and art market, translating new perspectives, new understandings of what aesthetic concepts are, proposing new textile models and cuts, expanding the view of finishes, exposing nudity and the body with empowerment, emancipation, pride and disruptive appearances with authority.

In the transmutation of the designer's creative processes, there is a constant evolution of these "hacks", however, maintaining the focus on criticizing the excess of clothing produced by the fashion industry, which is always imposing and binary. For example, Perrotta reflects on the habit of consuming in shopping malls what is presented in retail and in the fashion industry, ready to wear, with "perfection" and in a "standard", all very "Adam and Eve" and

their perfect paradise with very homogeneous aesthetics based on a conditioned binary thinking about what each body should wear – men and women with their separate sections in the same department store shop. This was even presented in his works created (in partnership with Randolpho Lamonier) for the recent exhibition "Art in Fashion: MASP Renner", held at the São Paulo Museum of Art (Masp) in the first half of 2024.

All of these productions are already an induction towards consumer alienation, towards aesthetic standardization and therefore towards discrimination of bodily diversities, of so-called dissident female or male performativities and their variations in gender expressions. – Perrotta, in an interview for the exhibition.



The trans body that is remembered is only the body that is on the street, subjugated, seen by many as "strange". Understanding aesthetics as a colonial concept, Perrotta proposes expanding the concept of what is beautiful, creating other narratives, new perspectives with the consumption of other images and breaking imposing and normative paradigms. After all, who dictates the parameters of what is and who is beautiful? The trans body is beautiful! And, if the clothes themselves are transformed over time or

according to needs, if they are not fixed, preserved and/or standardized and their function can be changed, then clothing – and consequently fashion – is a social construction!

The clothes created and exhibited at Masp reflect this. They are presented with different shapes and volumes that also bring textures and a conceptual harmony of the entire textile collective, of clothing products that fit together, like a puzzle game, merging silhouette, aesthetics, functionality and the defense of new perspectives of experiences: travesty life! Like the "centipede garment" with several feet, arms or limbs for those who have created their path, their life trajectory and struggle, to be able to stand and (r)exist! A work that translates many semiotic images about a body in transition, with permanent or not changes, physical alterations, exposed nipples, inserted, revealed or hidden silicones, "tucked" genitals, desired, objectified or commercialized nudity.

The nudity in the performance shows presented by the designer mainly explores an awareness of the travesty, political and art-activist body, to debate other aesthetic standards, other modesty, exposing the taboos of heterocisgenderism. Fashion is no longer the protagonist of the clothing: fashion is the message, the collective, the development of a critical and analytical thought about belonging. Perrotta has already caused a stir by using the fashion platform as a language of artistic expression and revindications, in fashion week events, in laboratory spaces, experiments and fashion creations, with an underground, critical and disruptive atmosphere in the clothing scene. Empowerment, nudity, overdoses of travesty bodies on the catwalk, manifesto-shows, performance, Ballroom stagings and werk! Exposing down our throats the existence of the so-called dissident body in fashion and art.

[FALO] What is the technology of Textile Transmutation and the Pedagogy of Trash?

[Perrotta] It is a social technology that was formed from my processes of need for representation, clothing, work, to make up for the violence of necropolitics aimed at trans and travesty bodies. These trans bodies – which are not read subjectively and physically – are violated by several layers of this (cis)theme of necropolitics. The industry and the means of production do not understand the trans body as being functional for consumption and employability. It is a body that is constantly subjugated, even seen as incapable of producing, since on the factory floor of clothing and industry the focus of employability is on the classic heteronormative family. Therefore, they systematize it, leaving it on the sidelines in the chain. The ones who benefit from this are the entrepreneurs in the production chain. However, the reality is that the trans body also dresses, consumes and moves capital!

Textile Transmutation brings the movement to break this violence and necropolitics, using, for example, my studio as a platform to support projects of trans people, transforming daily life and lives, giving autonomy, creating production and knowledge for everyone.

About the Pedagogy of Trash, when I use trash as a raw material, I am already proposing a reduction in consumption. Not in a global way,

because trash is the responsibility of those who produce it. However, I bring the idea of reducing the damage of this vicious cycle of consumption! In a way, we were taught this way and we don't have to carry this stigma or guilt about "cleaning up" the world! But we can think about the environment and be aware of how to transform our space, our microenvironment with dignity: trans people taking action, everyone producing, employing, eating, etc. The trans body, understanding that it is socially seen as trash, finds its own resignification in the materiality of trash, to transform this reality, creating other paths and realities. It's a pedagogy of life!

The TRANSMoras studio, in Campinas, and the ATM Lab, at the São Paulo Cultural Center, are safe spaces for trans people to think, create, rest and produce. The activities in the Textile Transmutation studios are also a process, through materiality, almost therapeutic healing. Sewing clothes is a catalyst, it moves the individual's cognitive abilities and transforms the person; it is, in fact, art therapy! Bringing people together through sewing!

How does trans corporeality deal with fashion?

It deals with (r)existence, because it is simply not represented in any way that can be consumed. And not only the trans body! The market and the industry are not prepared for PWD, fat, racialized bodies... after all, when a black body goes to the mall, it is also chased by security! There is news every single day! A mãe de santo (afro priestess) is not attended to by a manicurist... There is religious intolerance, as well as a transphobic fashion industry.

How do you, as a designer, hack the (cis)theme of fashion and present your collections?

I hack the (cis)theme by taking over public spaces and provoking anti-racist processes, by structuring the planning and organization processes of the trans population with working documents. Understanding the cycles of fashion also means proposing to the consumer to assume their responsibility in supporting new markets, since consuming in large retail chains, in department stores, for example, also promotes systematic and oppressive necropolitics. Buying products from trans people is joining a new network of production and consumption. We have clothes for people with disabilities, fat people, and without tackiness! From the Textile Transmutation perspective, in terms of work, I sell these clothes. And I also charge a lot, because our work is to search, research and think creatively. All of this has value!

How can we naturalize the nudity of travesty bodies in Art and Fashion?

The various references to the body in society are important, but not only the standard body, the stimulus of the objectification of the woman in Playboy magazine or the male with a "big dick", the "hung" black man, the hot mulatto woman... in short, all these stereotypes that are indeed violent since nudity has several meanings systematically read as a project of abuse. Here we think the opposite and propose to get rid of this stigma. I want to bring the trans body with its empowerment and beauty, being fundamental to naturalize the body, veiled or explicit. I want to present this living body!

I understand that the more travesty bodies are seen, the more they will naturally be accepted as a natural body, a human body, without this search for binary heterocisgender perfection, ceasing to be a so-called dissident body. The dick and the pussy are read as functional. The

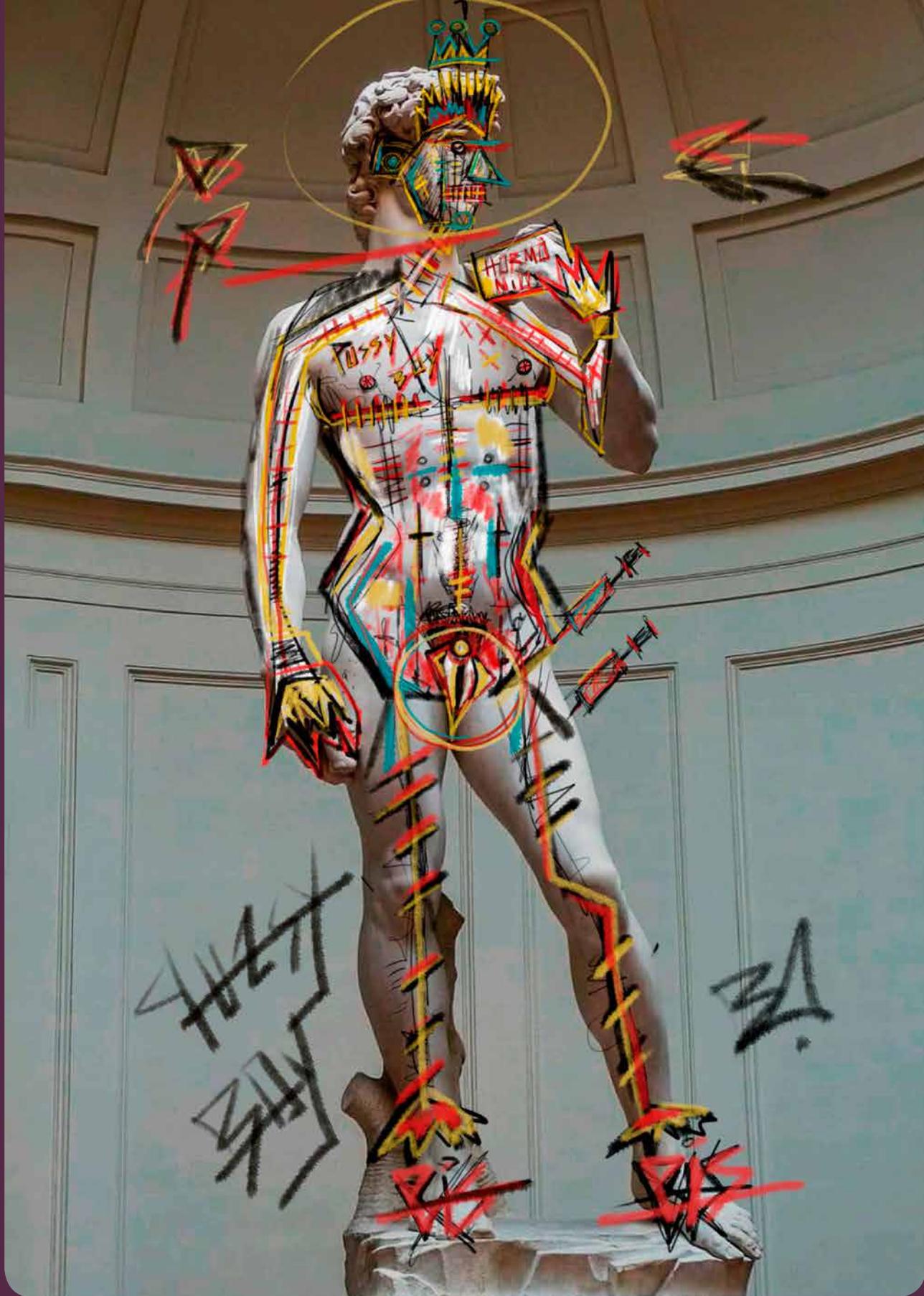
Foto: Danilo Sorrino.



penis to ensure masculinity, endorsed by the media, by consumption, by industry, by the church, by "blue for boys and pink only for girls," by the oppressive binary of clothing that reinforces all of this! Showing the trans body on a fashion runway is breaking this vicious cycle to naturalize dissident bodies and exposing the (cis)theme of necropolitics. Many models on my runway ask to expose their bodies. Having a shirtless trans man in a fashion show is a political act. It goes beyond nudity or clothing. It is a pedagogical process of desire, attributing imaginaries and affections to so-called dissident bodies. Affections are created, a bank of images and semiotic narratives with possibilities other than cisgenderism is created. Therefore, I reiterate: the fashion platform needs to be used for reflection and debate. The naturalization of nudity is to bring literacy to

society. It is to show a cisgender community that there is beauty, affection, and the possibility of building relationships between the trans body, male and female, and travestys. We need to move away from the classic fetishization of the toxic world that sees us as merchandise! We need to display the beauty of the trans body without the layer of sexualization and reveal a body that is secure in itself, in its essence, in the acceptance of its nudity and its diversity. Dysphoria, which I also see as aesthetic oppression and the culture of necropolitics, is destroyed.

In short, the trans body and its nudity bring empowerment and visual pedagogy to the population, creating imagery and affective repertoires, with expression, poetics and guerrilla warfare! <T>



Sebastian Vitagliano

David Pussy Boy
ilustração digital, 2023.

David Pussy Boy
digital illustration, 2023.



Jangada de Vênus
ilustração digital, 2023.

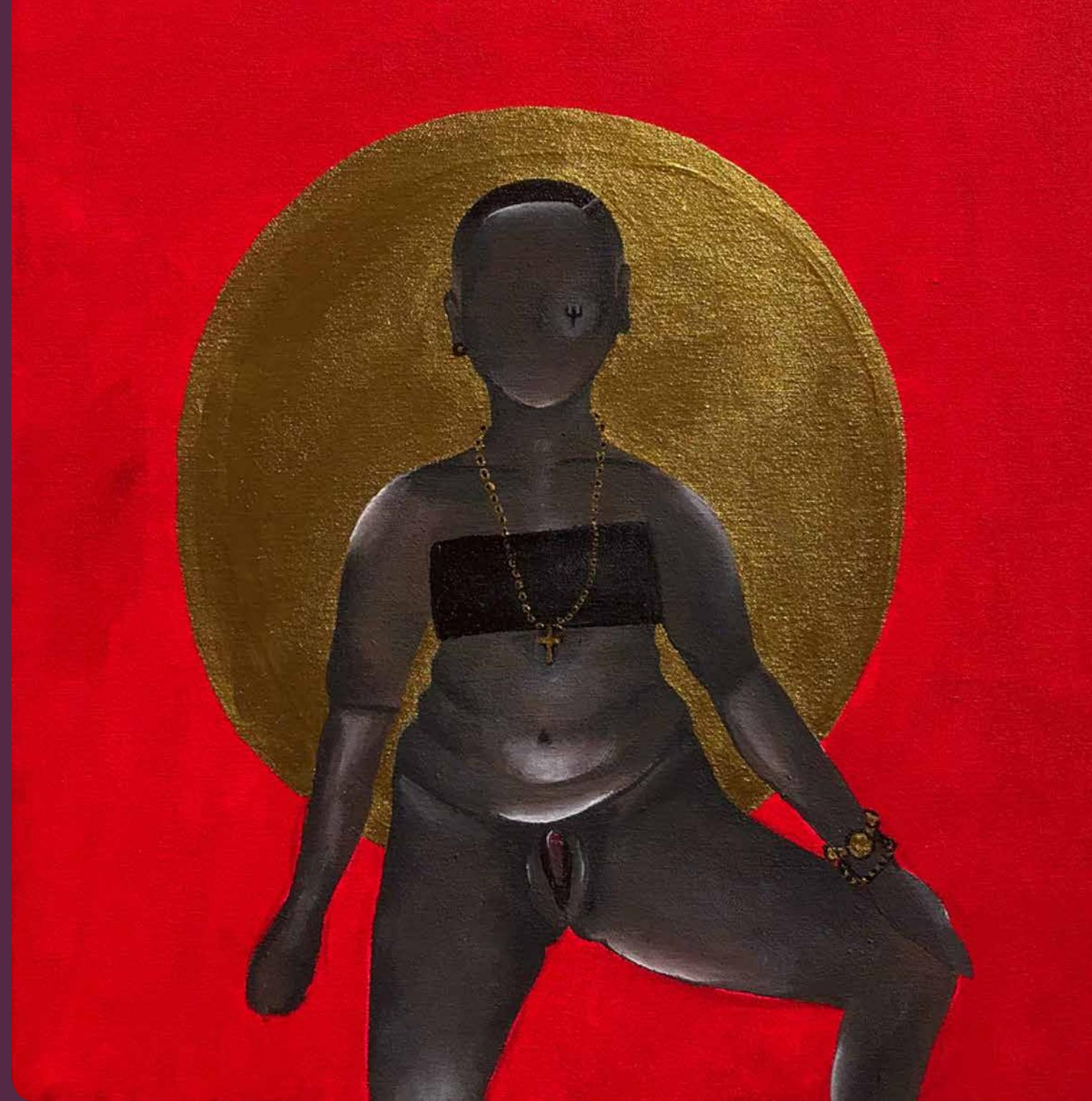
Venus Raft
digital illustration, 2023.



Malu Bandeira

A mundo
xilogravura em papel arroz, 2021.

World. Pronouns: she / her
woodcut on rice paper, 2021.



Zayre Kaus

Agora que eu quero ver
acrílica, nanquim e PVA sobre
tela, 2023.

Now I want to see
acrylic, ink and PVA on
canvas, 2023.



Traduzir, Travestir

(notas para um “traversão” de *Naty Menstrual*)

por Amara Moira

Travesti feminista, doutora em Teoria e Crítica Literária, professora de literatura, escritora, colunista, ativista e está como Coordenadora de Educação, Exposições e Programação Cultural do Museu da Diversidade Sexual (SP).



Foto: Cintia Antunes.

Traduzir vem do latim *trans* + *ducere*, “conduzir de um lugar para o outro”, metáfora com a qual o Ocidente se acostumou a pensar a tradução. Seu prefixo é o mesmo de *travesti*, termo que, tendo surgido no italiano (*travestito*), acabaria adotado por inúmeras línguas europeias após adquirir uma roupagem francesa, haja vista *travesty* (inglês), *travestie* (alemão e holandês), *travestí* (galego, catalão), *travesti* (espanhol, português, romeno e até, pasmem, italiano, que acolhe a nova roupagem apesar de possuir a que lhe deu origem) e *травести* (russo), dentre outras. Particípio passado do verbo *travestir*, o vocábulo francês significaria a princípio “disfarçado” ou “fantasiado” (*déguisé, qui a pris le costume d'une autre condition* [CNRTL]), mas logo assumiria também o sentido pelo qual se daria a conhecer no Brasil, “vestido com roupas do outro sexo” (*prendre le costume de l'autre sexe* [CNRTL]). Nos *Ensaio*s (1580) de Montaigne, p.ex., a palavra é usada para falar tanto dos príncipes que gostam de “se disfarçar” (*se travestir*) para poder viver no meio do povo, quanto da heroína Bradamante, que se apresentava “vestida de rapaz” (*travestie en garçon*).

Curiosamente, haveria ainda um outro sentido original de *travesti*, um que aproximaria a palavra da noção de tradução. Podemos observá-lo no título da obra *Le Vergile travesti en vers burlesques* (1648), de Paul Scarron. Esse *Virgílio travestido em versos burlescos* nada mais é do que uma paródia do épico latino *Eneida*, paródia cujo enorme sucesso será diretamente responsável pela exportação da palavra, nessa acepção, para idiomas como o inglês (v. *Scarronides, or Virgil travestie: A mock-poem on the first and fourth books of Virgil's*

Aeneis, in English burlesque [1670], de Charles Cotton). A inspiração de Scarron foi *Dell'Eneide travestita* (1633), de Giovanni Battista Lalli, mas esta nem de longe alcançou a fama da francesa.

O que haveria em comum, no entanto, entre tradução e essa acepção paródica de *travestir* (*changer le sens de quelque chose, fausser* [CNRTL])? Bom, queiramos ou não, a ideia de adaptação estará presente em ambas de forma inapelável: o olhar de suspeita que se costuma lançar sobre as traduções (como se observa no provérbio italiano *traduttore, traditore* e na expressão francesa *les belles infidèles*) faz com que mesmo as mais sofisticadas delas sejam tratadas como enganosas cópias, perigosos arremedos, ideias que costumam andar associadas a *travestis*.

Pensamentos que me vieram a propósito da tradução que fiz do livro *Continuadíssimo* (2008), de Naty Menstrual. Vali-me do *bajubá*, a língua das travestis, ao longo de toda a tradução e, a pedido de Naty, ainda adaptei todas as referências argentinas que ela usava, como forma de criar um texto que impactasse o leitor brasileiro sem precisar de notas de rodapé. Com o título *Chuva dourada sobre mim*, a tradução acaba de ser publicada pela Diadorim Editora. Segue uma amostra dessa traversão, para que vocês tenham um gostinho do que aprontei em cima do texto da Naty:

“E o Ricardo... ah, o Ricardo... romântico, educado, limpo, higiênico e reservado... uma joinha, pra levar pro altar, eu de vestido branco, isso achei até a primeira vez dele pelado na minha frente... custou pra chegar o vamovê e eu não tava catando, porque o comum é os ocós te tirarem pra dançar e já irem encostando o peru na gente, mas esse aí não, era diferente, e minha racha numa suadeira braba com isso tudo de beijo, abraço, aqui no meio das pernas parecendo chaleira apitando, e mais as flores, os mimos, elogios, jantares... e eu pensava: não pode ser, ganhei na Mega Sena, ou no pior dos casos na Mega Quenga... Até essa noite, me lembro ó como se fosse hoje que vi ele paradinho pelado tremendo, como é que o coitado não ia se borrar todo no vamovê se nem o ator principal ele tinha trazido... Mais mixuruca que o sucesso do MC Kevinho, tinha que ser equê, dava pra acreditar não, eu com a gruta de Lourdes pegando fogo e ele com um Saczinho Pererê pendurado, achando que ia carcar fogo em mim com aquela verruguinha, porque aquilo não passava de uma verruguinha. Olhei pra ele e disse... por que cê não vai na cozinha, amor... já que cê trouxe essa mandioquinha, pega uma cerveja trambém.”

(MENSTRUUAL, Naty. *Chuva dourada sobre mim*. Trad. Amara Moira. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2024. P.64-65.)

“Y el Ricardo... ay el Ricardo... romántico, educado, limpio higiênico y reservado... una joyita, para el altar, para el vestido blanco, eso pensé hasta el primer día que lo vi en pelota... le costó llegar al acto, y yo no entendía, los tipos en general te sacan a bailar y ya te están apoyando el ganso, pero este no, era distinto, y a mí me sudaba la cajeta tanto beso, tanto abrazo que parecía una pava silbadora mi entrepierna, y más flores, regalos, halagos, cenas... y yo pensaba: no puede ser, me gané el Toto Bingo o en el peor de los caso el trolobingo... hasta esa noche, me acuerdo mirá como si fuera hoy que lo vi paradito en pelotas temblando, cómo no iba a tenerle miedo al acto si no había traído al protagonista... la tenía más corta que el éxito de Pablito Ruiz, no podía ser, no lo podía creer, yo con la Gruta de Lourdes ardida y él con el Gauchito Gil colgando, esperando que me lo garche con ese lunar con cabeza, por que era un lunar con cabeza. Lo miré y le dije... por qué no vas a la cocina, pibe... ya que tenemos el chinito traete una cerveza.”

(MENSTRUUAL, Naty. *Continuadíssimo*. Buenos Aires: Editora Eterna Cadencia, 2008. P.69.)

EDITOR'S NOTE:
Because it is a text specific to the Portuguese language and because it uses “bajubá”, this text will not be translated into English.

A travesti e o acervo

por Angel Natan
Artista e pesquisadora.

Lembro da primeira vez que entrei no acervo. Ocupávamos uma minúscula salinha no primeiro andar da Casa I, em 2021. Lembro de passar diversas tardes organizando revistas e tomando cafezinhos com Yuri Fraccaroli, pesquisadora e integrante da equipe do acervo. Lembro também de aprender sobre os itens com Remom Bortolozzi, um dos fundadores do projeto. Nesse contexto me questionei sobre quantas travestis tem a possibilidade de trabalhar em um espaço de memória. Após quatro anos de trabalho, acho que meu entendimento sobre o que é um Arquivo / Acervo mudou completamente.

Um acervo não é apenas um depósito de objetos, mas sim um testemunho vivo do passado, um repositório que preserva e compartilha as histórias da nossa identidade coletiva. É um espaço onde documentos, fotografias e memórias se entrelaçam para contar uma narrativa ampla e profunda; em especial quando se propõe a operar a partir de articulações comunitárias e plurais.

O projeto **Acervo Bajubá** se destaca como um esforço comunitário. Fundado em 2010, ele visa capturar e preservar a diversidade sexual e as múltiplas expressões de gênero que caracterizam a comunidade LGBTQIAPN+ brasileira. Este acervo é mais do que uma simples coleção de itens: é um registro meticuloso e afetuoso de eventos e figuras que desafiaram convenções e fizeram história.

O acervo possui mais de 4 mil itens, com destaques para o cartaz do primeiro encontro homossexual brasileiro de 1980 organizado pelo *Grupo de Afirmação Homossexual – SOMOS*, o RG da ativista Neon Cunha* e a coleção completa dos livros de romances lésbicos da escritora Cassandra Rios, publicados durante a ditadura civil-militar brasileira, além de uma extensa compilação de revistas pornográficas, recortes de jornais, documentos de organizações de direitos LGBTQIAPN+, uma coleção temática sobre epidemia de HIV/AIDS e a resiliente resposta da comunidade.

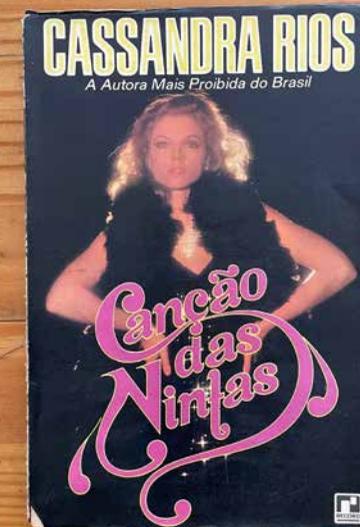
Em 2021, o **Acervo Bajubá** passou a ocupar uma sala no *GIV – Grupo de Incentivo à Vida*, uma organização

não-governamental ativa nos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS desde os anos 1990 em São Paulo. Esse novo capítulo proporcionou um espaço físico dedicado não apenas à preservação dos materiais em salvaguarda, mas também à realização de projetos educativos, recebimento de pesquisadores e estudantes, à formação de voluntários e à criação de novas obras literárias, como os inspiradores “Tudo o que deixei de dizer em voz alta” – criado a partir de oficinas de escrita com jovens e adultos vivendo e convivendo com HIV/AIDS – e “O Arquivo e o Cafezinho”, obra da pesquisadora Yuri, que discorre sobre os desafios e experiências em atuar em um acervo comunitário (ambos lançados pela editora Autoria Compartilhada).

O que realizamos é uma tentativa de aproximar as pessoas de um arquivo, e tentar romper esse distanciamento que existe entre a população e um espaço de itens históricos. Mas, para além disso, é realizar um trabalho de arte contemporânea que é o cuidado com as pessoas, acolher e fortalecer uma rede de afeto que existe para além do campo de trabalho. É muito importante conservar os materiais, mas entendemos que cuidar das pessoas também é conservar a memória.

O Acervo Bajubá é um trabalho de vida, sobre vida e para a vida.

* Um marco na retificação de gênero e emissão de documentos sem a necessidade de um laudo de patologia. Em 2016, Neon solicitou o pedido de morte assistida caso o Brasil não reconhecesse seu gênero e retificasse seu nome e ela doou o item ao acervo em 2024.



THE TRAVESTY AND THE ARCHIVE

By Angel Natan

I remember the first time I entered the collection. We occupied a tiny room on the first floor of Casa 1, in 2021. I remember spending several afternoons organizing magazines and drinking coffee with Yuri Fraccaroli, a researcher and member of the collection team. I also remember learning about the items with Remom Bortolozzi, one of the founders of the project. In this context, I wondered how many travestys have the opportunity to work in a space of memory. After four years of work, I think my understanding of what an Archive / Collection is has changed completely.

A collection is not just a depository of objects, but rather a living testimony of the past, a repository that preserves and shares the stories of our collective identity. It is a space where documents, photographs and memories intertwine to tell a broad and deep narrative; especially when it proposes to operate based on community and plural articulations.

The **Bajubá Collection** project stands out as a community effort. Founded in 2010, it aims to capture and preserve the sexual diversity and multiple gender expressions that characterize Brazilian LGBTQIAPN+ communities. This collection is more than a simple amount of items: it is a meticulous and affectionate record of events and figures who defied conventions and made history.

The collection has more than 4,000 items, with highlights including the poster of the first Brazilian homosexual meeting in 1980 organized by the *Grupo de Afirmação Homossexual – SOMOS*, the

The term *transvestite* is often used in English as a translation for *travesty*, however, it is not appropriate: its meaning is similar to “crossdresser”, that is, for the performance of cross-dressing and not as the Latin American identity that it really is.



ID of activist Neon Cunha* and the complete collection of lesbian romance novels by writer Cassandra Rios, published during the Brazilian civil-military dictatorship, in addition to an extensive compilation of pornographic magazines, newspaper clippings, documents from LGBTQIAPN+ rights organizations, a thematic collection on the HIV/AIDS epidemic and the community’s resilient response.

* A milestone in gender rectification and issuance of documents without the need for a pathology report. In 2016, Neon requested an assisted death request if Brazil did not recognize her gender and change her name. She donated the item to the collection in 2024.

In 2021, the **Bajubá Collection** began to occupy a room at *GIV – Grupo de Incentivo à Vida*, a non-governmental organization that has been active in the rights of people living with HIV/AIDS since the 1990s in São Paulo. This new chapter provided a physical space dedicated not only to preserving the materials in storage, but also to carrying out educational projects, welcoming researchers and students, training volunteers, and creating new literary works, such as the inspiring “Tudo o que deixei de dizer em voz alta” (Everything I Left to Say Out Loud) – created from writing workshops with young people and adults living and living with HIV/AIDS – and “O Arquivo e o Cafezinho” (The Archive and the Coffee), a work by researcher Yuri, which discusses the challenges and experiences of working in a community collection (both published by the publisher *Autoria Compartilhada*).

What we are doing is an attempt to bring people closer to an archive, and to try to break down the distance that exists between the population and a space of historical items. But, beyond that, it is about carrying out a work of contemporary art that is about caring for people, welcoming and strengthening a network of affection that exists beyond the field of work. It is very important to preserve the materials, but we understand that caring for people also means preserving memory.

The **Bajubá Collection** is a work of life, about life and for life.



Lana Moraes

Ensaio sobre gêneros – Prototipagem
Série Identidadxs, fotografia digital, 2019.

Essay on genres – Prototyping
Identity Series, digital photography, 2019.



Lana Moraes

Falo papilar

Série Macixz Domesticxs, escultura em argila e tinta acrílica, 2019.

Papillary phallus

Domestic Softness Series, sculpture in clay and acrylic paint, 2019.



Lana Moraes

Deldo

Série Macixz Domesticxs, escultura em argila e tinta acrílica, 2019.

Deldo

Domestic Softness Series, sculpture in clay and acrylic paint, 2019.

Prazer, me apresento: Rosseton, NÃO-BINÁRIE!



Quando a não-binaridade de gênero chega de fato em sua vida? Quando sua expressão de gênero “NB” é percebida em suas vivências pessoais?

Talvez a resposta mais honesta para essa questão seja um instante atemporal e particular dentro de conjunturas feitas para cada indivíduo, sobre sua percepção, aceitação, seu letramento sobre o assunto e sua própria compreensão sobre expressão e identidade de gênero não-binária, pois, afinal, gênero diz respeito a uma construção de papéis sociais e suas questões de autopercepção! Portanto, este é um relato pessoal.

Entendo que o gênero pode ser construído, DESconstruído e REconstruído, ou seja, é entendido como algo mutável e não limitado. É um conceito que abrange a diversidade das experiências humanas e, sobretudo nessa pluralidade da não-binaridade, abarcando um conceito amplo de “guarda-chuva”.

Mas, antes de me apresentar, é importante ressaltar as nuances e as diferenças dos conceitos sobre expressão e identidade de gênero – que estão relacionados, mas não obrigatoriamente vinculados, à orientação sexual. Enquanto a identidade de gênero se refere à forma como a pessoa se identifica (cisgênero, transgênero, não-binária), a orientação sexual diz respeito à atração romântica e sexual. De acordo com alguns psicólogos, a identidade

de gênero pode ser observada em diferentes graus de masculinidade e feminilidade, que podem mudar ao decorrer da vida. Há níveis ou espectros variantes da performance masculina ou feminina dentro de cada identidade, seja ela cisgênera, transgênera ou não-binária.

No aspecto da expressão de gênero, essa refere-se em como um indivíduo manifesta seu gênero na sociedade, se mostra para o mundo. É o resultado de uma combinação entre comportamento social e maneirismo, de como se expressa a feminilidade e/ou a masculinidade, seja por meio de roupas e acessórios, da linguagem, de atitudes ou gestos. Geralmente a expressão de gênero é uma extensão da identidade de gênero, mas não está necessariamente relacionada a ela. Existe um entendimento na expressão de gênero em si que reafirmo ser algo vinculado e construído socialmente!

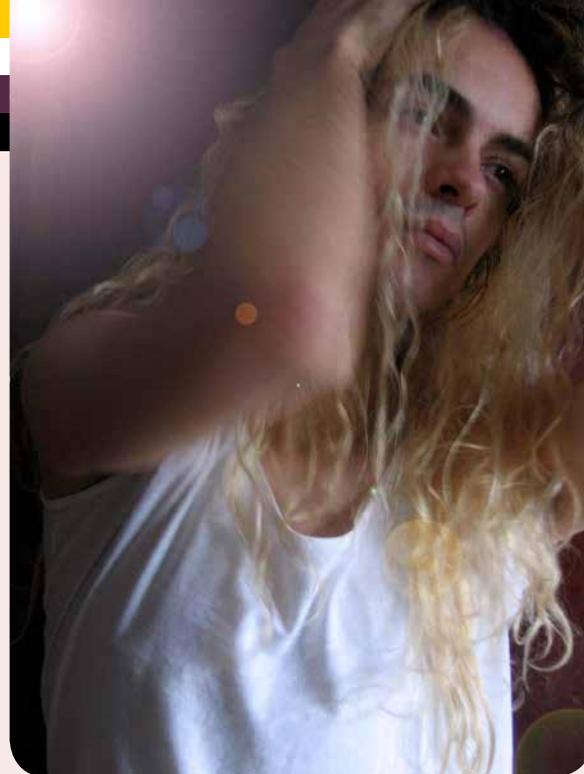
A partir desses entendimentos, se compreende, por exemplo, que, na transexualidade, há níveis distintos nos espectros da sua expressão de gênero. Por exemplo, uma mulher trans não necessariamente precisa se submeter a procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual ou transgenitalização para se perceber e ser entendida como uma mulher, pois sua feminilidade e a performance de sua mulheridade não está alojada em uma genitália. Também uma mulher trans não se legitima mulher só por ter próteses de silicone: isso é uma decisão exclusivamente pessoal. A questão não é ter uma proximidade estética e visual equivalente a uma mulher ou homem cisgênero (que chamamos de Passabilidade). Há diferenças e ponto! É orgânico, social, plural, humano e é o que deve

ser natural! Então, se existem níveis individuais da expressão de gênero em sua identidade – cisgênera ou transgênera –, podemos entender a não-binaridade como um processo igualmente oscilante! Colocar todes em uma “caixa” se torna uma violência sistêmica, segregadora e preconceituosa.

Em resumo, uma pessoa transgênero é aquela que não se identifica com o gênero (masculino ou feminino) que lhe foi atribuído ao nascer. Assim, pode-se dizer que **todas as identidades de gênero ditas divergentes, inclusive as identidades não-binárias, são agrupadas dentro da denominação trans**. É por isso que muitas pessoas se autodefinem como trans não-binárias (ou trans NB).

Sendo assim, ufa! Enfim, prazer, me apresento: Rossetton, NÃO-BINÁRIE! Com todas as nuances, os níveis – rasos ou profundos –, as variantes em uma performatividade ora feminina ora masculina, as escalas e os espectros transitórios da minha expressão de gênero, expostas em minhas vivências e construção como indivíduo presente!

Me recordo, no início da fase adulta, com uma aparência e uma performance feminina e delicada, com cabelos muito longos, quase chegando nos glúteos, cacheados, loiraça platinada, sobancelhas finas feitas frequentemente, trajes justos ao corpo e cantadas vindas de homens cisgêneros ao andar numa feira livre (eu amava!)... ou com os cabelos longos e soltos pela janela conduzindo o carro em movimento e recebendo buzinas de outros veículos com homens ao volante, que me “confundiam” com mulheres ao trânsito! Foram muitas as paqueras no farol!



Relembro também meu período *crossdresser**, saindo em encontros amorosos apenas performando meu feminino (até hoje ainda recebo ligações de ex-ficantes me chamando pelo meu pseudônimo feminino!); houve a fase dos estudos na dança, mais especificamente no ballet clássico, me influenciando no uso diário do dresscode, com muitas malhas e collant grudado ao corpo, fora da rotina de sala de aula e ensaios; além da experiência com pequenas atuações como drag queen em shows! Enfim, tento me reconhecer no espaço atemporal e entender a construção natural da minha não-binaridade, projetada em recortes artísticos, amorosos ou do cotidiano, sem esforço e planejamento, mas, sobretudo, recorrente na minha trajetória.

As sessões projetadas para o público feminino em lojas no comércio são a minha primeira estação de curiosidade e consumo. Em banheiros públicos, prefiro os reservados ou destinados a PCDs, para retocar a maquiagem mais à vontade! Tenho dificuldades, evidentemente, com reservas na manicure em bairros homotransfóbicos

* O comportamento chamado de *crossdressing*, que nada mais é do que a ação de usar roupas do sexo oposto. *Crossdresser* é quem se sente estimulado sexualmente em se vestir como o sexo oposto, mesmo que esteja sozinho. Agir dessa forma não significa que sua orientação seja homossexual.

de inclinação conservadora, preferindo, portanto, adotar segmentos direcionados para a comunidade LGBTQIAPN+ em outros territórios.

Até porque nem tudo são flores, romances, paqueras, lacres e transgressão! Há também uma disforia latente, ora minimizada ora não, em graus oscilantes conforme os contextos da vida. Por exemplo, tive anorexia na fase do ballet e hoje, com muita terapia, percebo ser a disforia uma violência que a mídia e a sociedade cisgênera nos impute na cabeça sobre o que é um corpo padrão, belo e aceito. Não posso negar que ela existe dentro de mim.

Trago em minha construção uma criança viada que dançava na rua, ainda muito pequena, a música “Conga, conga, conga” da cantora e dançarina Gretchen! Nasci com muita proteção, com problemas cardíacos congênicos sérios e prescrição médica de vida estimada até o máximo sete anos de vida! Entretanto, fui operada e curada! Com isso, me tornei frequentadora presente de atividades físicas, horas combatendo bronquites com a natação, horas na rigidez diária do estudo do ballet clássico, horas correndo nos parques ou em práticas de yoga – tudo pela saúde e, claro, um padrão visual, uma silhueta longilínea, que trago na trajetória mental ainda da fase criança, adolescência estendida e vida adulta.



Mas a maturidade liberta! Me vejo hoje uma persona queer que não negocia sua expressão de gênero não-binária para agradar aplicativos de paquera tóxicos que exaltam uma única identidade e expressão estética de gênero; que não deixa de comprar seus vestidos longos, saias estampadas, usar seus acessórios e adornos nada discretos, ter unhas longas e pintadas para se adequar a familiares que se distanciam e operam um preconceito silencioso e velado! Não dá para negociar quem você realmente é! Somos seres únicos, plurais, em constante TRANSformação. Do cabelo à voz, da juventude à velhice, dos desejos financeiros, carnais ou sexuais do corpo aos contornos da silhueta: tudo é mutável, orgânico e não-binária! <T>

Hello, I introduce myself: Rossetton, NON-BINARY!

When does gender non-binary identity actually come into your life? When is your “NB” gender expression perceived in your personal experiences? Perhaps the most honest answer to this question is a timeless and particular moment within circumstances made for each individual, about their perception, acceptance, literacy on the subject and their own understanding of non-binary gender expression and identity, because, after all, gender is about a construction of social roles and their issues of self-perception! Therefore, this is a personal account.



I understand that gender can be constructed, DEconstructed and REconstructed, that is, it is understood as something changeable and not limited. It is a concept that encompasses the diversity of human experiences and, especially in this plurality of non-binarity, encompassing a broad “umbrella” concept.

But before I introduce myself, it is important to highlight the nuances and differences in the concepts of gender expression and identity – which are related, but not necessarily linked, to sexual orientation. While gender identity refers to the way a person identifies (cisgender, transgender, non-binary), sexual orientation refers to romantic and sexual attraction. According to some psychologists, gender identity can be observed in different degrees of masculinity and femininity, which can change throughout life. There are varying levels or spectrums of masculine or feminine performance within each identity, be it cisgender, transgender or non-binary.

In terms of gender expression, this refers to how an individual manifests their gender in society and shows themselves to the world. It is the result of a combination of social behavior and mannerism, of how femininity and/or masculinity is expressed, whether through clothing and accessories, language, attitudes or gestures. Generally, gender expression is an extension of gender identity, but is not necessarily related to it. There is an understanding in gender expression itself that I reaffirm is something linked and socially constructed!

Based on these understandings, it is understood, for example, that in transsexuality, there are distinct levels in the spectrum of gender expression. For example, a trans woman does not necessarily need to undergo sexual reassignment or transgenitalization surgical procedures to perceive herself and be understood as a woman, since her femininity and the performance of her femininity are not housed in genitalia. Also, a trans woman does not legitimize herself as a woman just because she has silicone implants: this is an exclusively personal decision. The issue is not having an aesthetic and visual proximity equivalent to a cisgender woman or man (which we call Passability). There are differences, period! It is organic, social, plural, human and that is what should be natural! So, if there are individual levels of gender expression in one’s identity – cisgender or transgender –, we can understand non-binarity as an equally oscillating process! Putting everyone in a “box” becomes systemic, segregating and prejudiced violence.

*In short, a transgender person is someone who does not identify with the gender (male or female) that they were assigned at birth. Thus, it can be said that **all gender identities considered divergent, including non-binary identities, are grouped under the term trans.** This is why many people define themselves as non-binary trans (or NB trans).*

So, phew! Well, hello, I introduce myself: Rossetton, NON-BINARY! With all the nuances, the levels – shallow or deep –, the variants in a performativity that is sometimes feminine and sometimes masculine, the scales and transitory spectra of my gender expression, exposed in my experiences and construction as a present individual!



I remember, in early adulthood, having a feminine and delicate appearance and performance, with very long hair, almost reaching my buttocks, curly, platinum blonde, thin eyebrows that were often done, tight-fitting clothes and being flirted with by cisgender men when walking through a street market (I loved it!)... or with my long hair loose out the window while driving a moving car and being honked at by other vehicles with men behind the wheel, who “mistaken” me for women in traffic! I was flirted with a lot at the traffic lights!

I also remember my crossdressing period, going out on dates just performing my feminine side (to this day I still get calls from ex-boyfriends calling me by my female pseudonym!); there was the phase of studying dance, more specifically classical ballet, which influenced my daily use of the dress code, with lots of leotards and tights on my body, outside of the classroom and rehearsal routine; in addition to the experience with small performances as a drag queen in shows! Anyway,*

I try to recognize myself in the timeless space and understand the natural construction of my non-binary nature, projected in artistic, romantic or everyday cuts, without effort and planning, but, above all, recurring in my trajectory.

The behavior called crossdressing is nothing more than the act of wearing clothes of the opposite sex. A crossdresser is someone who feels sexually stimulated by dressing as the opposite sex, even when alone. Acting in this way does not mean that your orientation is homosexual.

The sessions designed for women in stores are my first point of curiosity and consumption. In public bathrooms, I prefer those reserved or designated for people with disabilities, so I can touch up my makeup more comfortably! I obviously have difficulty with reservations at manicures in homophobic, transphobic neighborhoods with conservative leanings, so I prefer to adopt segments aimed at the LGBTQIAPN+ community in other territories.

After all, not everything is rosy, romantic, flirting, and transgression! There is also a latent dysphoria, sometimes minimized and sometimes not, in varying degrees depending on the contexts of life. For example, I had anorexia during my ballet phase and today, with a lot of therapy, I realize that dysphoria is a violence that the media and cisgender society impose on our heads about what is a standard, beautiful and accepted body. I cannot deny that it exists within me.

I have in my mind a gay child who danced in the street, when she was still very young, to the song “Conga, conga, conga” by the singer and dancer Gretchen! I was born with a lot of protection, with serious congenital heart problems and a doctor’s prescription of an estimated life expectancy of up to seven years! However, I was operated on and cured! As a result, I became a regular participant in physical activities, hours fighting bronchitis with swimming, hours in the daily rigor of studying classical ballet, hours running in the

parks or practicing yoga – all for health and, of course, a visual pattern, a long, slender silhouette, which I carry in my mental trajectory from my childhood, extended adolescence and adult life.

But maturity sets us free! Today I see myself as a queer person who does not negotiate their non-binary gender expression to please toxic dating apps that exalt a single identity and aesthetic expression of gender; who does not stop buying long dresses, printed skirts, wearing accessories and adornments that are anything but discreet, and having long, painted nails to fit in with family members who distance themselves and operate a silent and veiled prejudice! You cannot negotiate who you really are! We are unique, plural beings, in constant TRANSform(action). From hair to voice, from youth to old age, from the financial, carnal or sexual desires of the body to the contours of the silhouette: everything is changeable, organic and non-binary! <T>

ABC NÃO-BINÁRIE

Na sigla LGBTQIAPN+, a não-binaridade é incluída pela letra N. Porém, já esteve incorporada no T (Transgênero, Transexual e Travesti) ou apenas no sinal de somatória (+). É importante destacar que a não-binariedade não está vinculada a letra I, de Intersexo (ver box), pois existem outras camadas dentro dessa categoria. Dentro do gênero não-binário, existem diversas identidades e, por isso, aplica-se o conceito “guarda-chuva”, onde incorporam-se as variantes:

AGÊNERO

(ou *Gênero Nulo*) Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero. Algumas pessoas também utilizam esta identidade para definir um gênero neutro, ou para comunicarem que não desejam ser encaixadas em nenhum gênero.

ANDROGENIA

Conceito binário que se valida pela mescla dos gêneros homem e mulher, principalmente, na expressão do gênero.

DEMIGÊNERO

(ou *Semigênero*) Pessoa parcialmente agênero em conexão com outro gênero, por exemplo, *demiboy* (alguém que se identifica parcialmente com o gênero masculino) ou *demigirl* (alguém que se identifica parcialmente com o gênero feminino).

GENDERQUEER

Genderqueer é um termo que pode ser utilizado por qualquer uma que se encaixe na definição de não-binário. Como queer é uma palavra estigmatizada, o termo *genderqueer* é visto como uma versão mais radical de não-binário.

GÊNERO FLUIDO

Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, cobrindo a binariedade ou mesmo a identidade Cis/Trans. A mudança é individual e pode ser gradual, súbita, constante, inconstante, mensal, anual ou mesmo diária. Mas não é uma mistura de identidades: é uma identidade própria caracterizada pela fluência de gênero.

GÊNERO FLUXO

Genderflux se refere a variação na intensidade de uma identidade, mas não uma mudança em si. A pessoa pode sentir seu gênero mais fraco algumas vezes, e/ou pode sentir ausência de gênero algumas vezes.

NEUTRO

Apesar de confundir-se *agênero* com *neutros*, os termos implicam coisas diferentes: o primeiro é uma identificação “sem gênero” relativa aos gêneros binários, enquanto o segundo associa-se à negação de uma identificação, uma desidentificação. Alguém *neutrois* identifica-se como sendo neutro em gênero, simples assim!

PANGÊNERO

(ou *Multigênero*, *Plurigênero*, *Poligênero*) Alguém que se identifica com vários gêneros, dentro de sua cultura, experiência de vida, condição natural ou biopsicossocial e variação deneurotipo, simultaneamente ou fluindo, podendo haver um fluxo na intensidade ou não.

XENOGÊNERO

Qualquer identidade de gênero caracterizada pela relação com coisas que não são normalmente associadas com gênero, como plantas, animais, minerais, sentimentos, cores, estéticas ou sensações.

AS CORES

A bandeira foi criada em 2014 para representar pessoas não-binárias: o AMARELO simboliza a neutralidade de gênero, saindo do binarismo (masculino e feminino, muitas vezes representado por azul e rosa, respectivamente); o BRANCO remete as pessoas que se identificam com vários gêneros; o ROXO simboliza a fluidez entre os gêneros; e o PRETO representa os que não têm gênero.



O símbolo de gênero que visa representar indivíduos não binários especificamente tem o “x” no traço do círculo neutro, formando um asterisco. Foi uma decisão tomada pelo criador, Johnathan R., em 2012, devido ao aumento do uso do “x” como uma letra que representa indivíduos não binários tanto legalmente quanto em pronomes e títulos.

ANCESTRALIDADE NB

A não-binaridade é muito mais comum na história da humanidade do que se imagina. Diversas civilizações, em momentos diferentes da história e em diferentes regiões do mundo, reconheciam a existência de outras possibilidades de gênero além do masculino e do feminino. Portanto, os atributos e definições de gênero, tais como são apresentados na sociedade contemporânea, somente correspondem a uma forma de ver o mundo, em um determinado local de espaço e tempo.

Por exemplo, os mahus da Polinésia são pessoas com uma identidade de gênero ambígua, ou seja, possuem tanto características de homem como de mulher e podem ser chamados de terceiro gênero. É uma cultura ancestral, mas ainda existente no Taiti com grande importância na cultura local. Os mahus são consultados para cura, valorizados como cuidadores e guardiões dos costumes. Por si só, isso traz à tona uma análise crítica e contemporânea sobre a relatividade do emparelhamento sexo/gênero!

A civilização inca pré-colombiana tinha xamãs chamados *quariwarmi* (“homens-mulheres”), que desempenhavam papéis ritualísticos, mediando esferas simetricamente dualísticas da cosmologia andina e da vida cotidiana. Seus trajes travestidos serviam como um sinal visível de um terceiro espaço que negociava entre o masculino e o feminino, o presente e o passado, os vivos e os mortos. Sua presença xamânica invocava a força criativa andrógina frequentemente representada na mitologia andina. No livro *Sex and Conquest* (1995), o autor Richard Trexler fornece um relato dessas figuras religiosas incas do terceiro gênero:

E em cada templo ou casa de culto importante, eles têm um ou mais homens, dependendo do ídolo, que são vestidos com trajes femininos desde a infância e em tudo imitam as mulheres, na fala, nos modos, no vestuário e no comportamento.

Na chegada dos colonizadores espanhóis, foram condenados como sodomitas e dizimados como a maior parte da cultura inca!



INTERSEXUALIDADE

Pessoas intersexuais nascem com características fenotípicas que não se encaixam nas noções binárias de corpos masculinos ou femininos. Traços intersexuais incluem uma ampla gama de diferentes variações subjacentes, incluindo genitais, padrões cromossômicos e glândulas, como testículos e ovários, que alteram a produção hormonal e assim o desenvolvimento das características ditas sexuais. Estes traços podem ser determinados no pré-natal, no nascimento, durante a puberdade e em outros momentos, como ao tentar conceber um filho. Cada traço tem suas próprias características e diferentes graus de expressão.

As pessoas intersexuais podem se identificar com o sexo atribuído no nascimento ou não, portanto, podem ser cis ou trans em termos de identidade. Contudo, a visão genital da intersexualidade foi modificada com os avanços nos estudos relacionados à biologia molecular. A compreensão genética e molecular da determinação do sexo indica que a definição XX para mulheres e XY para homens é bem mais complexa, como, por exemplo, a *Síndrome de Klinefelter*, que resulta em um indivíduo XXY. Vale dizer que o termo “hermafrodita” deixou de ser usado exatamente por não se tratar somente de uma identificação genital.

NON-BINARY ABC

In the LGBTQIAPN+ acronym, non-binary gender is included by the letter N. However, it has already been incorporated into the T (Transgender, Transsexual and Travesty) or just the sum sign (+). It is important to highlight that non-binary gender is not linked to the letter I, for Intersex (read box), as there are other layers within this category. In the non-binary gender, there are several identities and, therefore, the “umbrella” concept is applied, which incorporates the variants:

AGENDER

(or *Null Gender*) A person who does not identify with or does not feel that they belong to any gender. Some people also use this identity to communicate that they do not wish to be classified as any gender.

ANDROGENY

A binary concept that is validated by the mixture of the genders man and woman, mainly in gender expression.

DEMIGENDER

A person who is partially agender in connection with another gender, for example, *demiboy* (someone who identifies partially with the male gender) or *demigirl* (someone who identifies partially with the female gender).

GENDERQUEER

Term that can be used by anyone who fits the definition of non-binary. Since *queer* is a stigmatized word, the term *genderqueer* is seen as a more radical version of non-binary.

GENDER FLUID

Someone whose gender changes from time to time, covering the binary or even the Cis/Trans identity. The change is individual and can be gradual, sudden, constant, inconsistent, monthly, yearly or even daily. But it is not a mixture of identities: it is an identity of its own characterized by gender fluidity.

GENDER FLUX

Refers to the variation in the intensity of an identity, but not a change in itself. A person may feel their gender is weaker at times, and/or may feel the absence of gender at times.

NEUTRAL

Although *agender* is often confused with *neutral*, the terms imply different things: the first is a “genderless” identification related to binary genders, while the second is associated with the denial of an identification, a disidentification. Someone who is *neutrois* identifies as being gender neutral, simple as that!

PANGÊNERO

(or *Multigender, Plurigender, Polygender*) Someone who identifies with several genders, within their culture, life experience, natural or biopsychosocial condition and neurotype variation, simultaneously or in a fluid fashion, with or without a flux in intensity.

XENOGENDER

Any gender identity characterized by a relationship with things that are not normally associated with gender, such as plants, animals, minerals, feelings, colors, aesthetics or sensations.

THE COLORS

The flag was created in 2014 to represent non-binary people: YELLOW symbolizes gender neutrality, moving away from binarism (male and female, often represented by blue and pink, respectively); WHITE refers to people who identify with multiple genders; PURPLE symbolizes fluidity between genders; and BLACK represents those who have no gender.



The gender symbol that is meant to represent non-binary individuals specifically has the “x” in the neutral circle, forming an asterisk. It was a decision made by the creator, Johnathan R., in 2012, due to the increased use of “x” as a letter that represents non-binary individuals both legally and in pronouns and titles.

NB ANCESTRY

Non-binary gender is much more common in human history than one might imagine. Several civilizations, at different times in history and in different regions of the world, recognized the existence of other gender possibilities besides masculine and feminine. Therefore, the attributes and definitions of gender, as they are presented in contemporary society, only correspond to a way of seeing the world, in a given place of space and time.

For example, the Mahus of Polynesia are people with an ambiguous gender identity, that is, they have both male and female characteristics and can be called the third gender. It is an ancestral culture, but it still exists in Tahiti and is of great importance in the local culture. The Mahus are consulted for healing, valued as caregivers and guardians of customs. In itself, this brings to light a critical and contemporary analysis of the relativity of the sex/gender pairing!

The pre-Columbian Inca civilization had shamans called *quariwarmi* (“men-women”)

who performed ritualistic roles, mediating symmetrically dualistic spheres of Andean cosmology and everyday life. Their cross-dressing costumes served as a visible sign of a third space that negotiated between the masculine and the feminine, the present and the past, the living and the dead. Their shamanic presence invoked the androgynous creative force often represented in Andean mythology. In his book *Sex and Conquest* (1995), author Richard Trexler provides an account of these Inca religious figures of the third gender:

In every temple or important house of worship, they have one or more men, depending on the idol, who are dressed in female attire from childhood and in everything imitate women, in speech, manners, dress and behavior.

When the Spanish colonizers arrived, they were condemned as sodomites and decimated like most of the Inca culture!



INTERSEXUALITY

Intersex people are born with phenotypic characteristics that do not fit into binary notions of male or female bodies. Intersex traits include a wide range of different underlying variations, including genitals, chromosome patterns, and glands such as testes and ovaries, which alter hormone production and thus the development of so-called sexual characteristics. These traits can be determined prenatally, at birth, during puberty, and at other times, such as when trying to conceive a child. Each trait has its own characteristics and different degrees of expression.

Intersex people may or may not identify with the sex assigned at birth, and therefore may be cis or trans in terms of identity. However, the genital view of intersex has been modified with advances in studies related to molecular biology. Genetic and molecular understanding of sex determination indicates that the definition of XX for females and XY for males is much more complex, as, for example, *Klinefelter Syndrome*, which results in an XXY individual. It is worth mentioning that the term “hermaphrodite” is no longer used precisely because it is not just a genital identification.

[TRANS]*itoriedade

por Marcos Rossetton

[TRANS]*ITORIEDADE, enquanto projeto, nasce querendo evidenciar vidas de pessoas ditas dissidentes, naturalizar processos de transições e visibilizar a comunidade T, em um momento-tempo de desconforto pessoal sobre questões sociais, na necessidade de busca e empatia à comunidade trans e travesti. Inicialmente não havia um projeto de forma pragmática e intencional, mas fui dando materialidade a processos criativos com registros fotográficos, e assim expus um incômodo sobre o preconceito e a imposição da padronização de uma sociedade cisgênera a corpos subjugados, entendidos como dissidentes, por vezes marginalizados e objetificados.

De maneira orgânica esses ensaios fotográficos ocorreram pelas redes de contato profissional ou de afetos pessoais. Dessa forma, tornei sólida a primeira série, capturando

imagens em 2016 – ano que faço meus primeiros registros imagéticos na temática “Moda: Linha do tempo”. Naquele momento, tinha em mãos uma jovem *new face*, Laura, modelo de moda iniciante na carreira. Ali o *start* criativo estava escolhido, e assim, simbolicamente, comecei a construir as vivências trans pela perspectiva dos trajes, pela história das roupas, comprovando que pessoas trans sempre existiram, narrando silhuetas e corpos pela indumentária e explorando um diálogo humanizado sobre disforia de gênero, corpo, pele, esqueleto, musculatura, genitálias, desejo e sonhos.

Após os registros, por falta de tempo, interrompi os trabalhos. Só retornei ao projeto no isolamento da pandemia do Covid19 em 2020, criando desenhos e



Modelo: Laura Janéz.

bordando em doze imagens. Durante quatro meses, confeccionei manualmente a finalização da primeira série. Devido ao cenário nebuloso social e a necropolítica institucionalizada, criei um calendário com o material-obras, um produto acessível para vendas, sendo direcionado para casas de acolhimento a mulheres trans e travestis de São Paulo. A Casa Florescer aceitou bem o projeto e minha iniciativa.

A pandemia durou mais um ano. Sendo assim, pensei em outro calendário para o ano seguinte. Convidei as moradoras residentes da Casa Florescer para posarem em um novo ensaio fotográfico, e nasceu assim a segunda série do projeto, com o título “Noivas: Narrativas Positivas”. Como uma provocação artística, trouxe um questionamento: o altar religioso é um espaço para pessoas trans sonharem, vivenciarem a consagração do amor?

Com ensaios sensíveis – em um momento em que a aglomeração de pessoas não era recomendada pela falta de vacinas –, dividi estrategicamente quatro dias de sessões em estúdio. Reuni uma equipe sucinta e majoritariamente com pessoas trans: maquiadoras e modelos-residentes da Casa Florescer. Todo o processo criativo da elaboração e construção das obras foram transformadas em arquivos audiovisuais com depoimentos (para, quem sabe, criar um documentário), imagens para um novo calendário, lambe-lambes para uma ocupação artística e claro, a materialidade das obras originais, impressas e bordadas – característica visual essa adotada para a linguagem artística e gráfica do projeto.

Com as duas séries, o projeto **[TRANS]*itoriedade** foi exposto em dois momentos: primeiro, em 2022, na Casa Fluida, um espaço queer híbrido casa-bar-show e ambiente expositivo, do sócio-proprietário e

Modelo: Scarlet Lee.



A palavra **TRANSITORIEDADE**, como título do projeto, dá conceito às etapas de transição que pessoas trans, em geral, trazem em suas vivências e processos, seja por tratamento hormonal ou não, cada qual a sua maneira, tempo, desejo ou necessidade interna. Quebrar a palavra “transitoriedade” com colchetes e reunindo-a com um asterisco deixa evidenciado graficamente as várias identidades existentes, incorporadas num conceito-título para o projeto; que também contextualiza e naturaliza as transições existentes como processos que todos sofremos. Transições intelectuais, financeiras, emocionais, transições de pele, cabelo, corpo, enfim, tudo em nós está em **TRANSITORIEDADE** e não em um estado fixo, congelado, perene, eterno, permanente!

Se as mudanças ocorrem naturalmente e o ambiente está em movimento, o natural é ser organicamente transitório! Ou seja, apesar da cisgeneridade endossar que o normal é ser CIS, vejo o oposto: todos estamos em **TRANSições!**

Enfim, a transitoriedade é sinônimo de humanidade!

curador Fernando Spaziani, filiado a ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte); e, na sequência, no CCD (Centro Cultural da Diversidade de São Paulo), na ocasião com gerência André Fisher. No primeiro, foram expostos os quadros-obras originais, enquanto, no outro, reuni as imagens numa ocupação com lambes na transição dos anos 2022/23 e apoio curatorial de Filipe Chagas.



Modelo: Derrick Cruz.



Modelo: Mah Souza.



Entre hiatos e outras motiv(ações), entendi o projeto como tendo vida própria e respeitei seu tempo de logística, os gatilhos criativos, as conexões com a comunidade T e, evidentemente, o meu tempo para sua materialidade. Entre as primeiras imagens capturadas em 2016 até a atualidade de 2024, eu mesma sofro questionamentos e processos identitários e passo por transições.

Em 2022, ano do evento internacional da Copa do Mundo de Futebol, me despertou para iniciar outra série, capturando imagens de homens trans masculinos. Em 2024 dei início em paralelo a um ensaio com temática educacional, com alunes do meu cotidiano e caminhos profissionais acadêmicos, entendendo tudo como parte de um todo, sobre minhas próprias vivências, relações, atravessamentos etc. Por fim o projeto, tem como objetivo, ser transformado em uma publicação, um registro audiovisual para divulgar em festivais e, talvez, uma exposição individual com todas as séries juntas, contemplada com cinco séries temáticas – algumas ainda nem iniciadas, que estão apenas documentadas num caderno de artista. As séries são:

1. *Moda: Linha do Tempo*
2. *Noivas: Narrativas Positivas*
3. *Futebol: Paixão Nacional* (ainda em fase de conclusão)
4. *Educação: Ensinar, Educar e Transformar* (em produção)
5. *Artes: Palco e Vida* (não começada)

<T>

[TRANS]*ITORIEDADE PROJECT

by Marcos Rosseton

*[TRANS]*itoriedade, as a project, was born with the aim of highlighting the lives of so-called dissident people, naturalizing transition processes and making the T community visible, at a time of personal discomfort regarding social issues, in the need for search and empathy for the trans and travesty community. Initially, there was no pragmatic and intentional project, but I gradually gave materiality to creative processes with photographic records, and thus exposed a discomfort regarding prejudice and the imposition of the standardization of a cisgender society on subjugated bodies, understood as dissidents, sometimes marginalized and objectified.*

These photoshoots came about organically through professional networks or personal relationships. In this way, I solidified the first series, capturing images in 2016 – the year I made my first image records on the theme “Fashion: Timeline”. At that time, I had in my hands a young new face, Laura, a fashion model who was just starting out in her career. That was when the creative start was chosen, and thus, symbolically, I began to construct trans experiences from the perspective

of costumes, through the history of clothing, proving that trans people have always existed, narrating silhouettes and bodies through clothing and exploring a humanized dialogue about gender dysphoria, body, skin, skeleton, muscles, genitals, desire and dreams.

After the photoshoots, due to lack of time, I stopped working. I only returned to the project during the isolation of the Covid-19 pandemic in 2020, creating drawings and embroidering twelve images. Over the course of four months, I manually completed the first series. Due to the nebulous social scenario and institutionalized necropolitics, I created a calendar with the material-works, an accessible product for sale, aimed at shelters for trans and travesty women in São Paulo. Casa Florescer welcomed the project and my initiative.

The pandemic lasted another year. So, I thought about another calendar for the following year. I invited the residents of Casa Florescer to pose for a new photoshoot, and thus the second series of the project was born, titled “Brides: Positive Narratives”. As an artistic provocation, it raised

Modelos: Frederico Kim, Arthur Filipe e João Daniel.



Modelo: Khiana Valentine.

a question: is the religious altar a space for trans people to dream, to experience the consecration of love?

With sensitive photoshoots – at a time when gatherings of people were not recommended due to the lack of vaccines –, I strategically divided four days of studio sessions. I brought together a succinct team, mostly made up of trans people: makeup artists and resident models from Casa Florescer. The entire creative process of elaborating and constructing the works was transformed into audiovisual archives with testimonies (to, perhaps, create a documentary), images for a new calendar, posters for an artistic occupation and, of course, the materiality of the original works, printed and embroidered – a visual characteristic adopted for the artistic and graphic language of the project.

*With both series, the [TRANS]*itoriedade project was exhibited in two moments: first, in 2022, at Casa Fluida, a hybrid queer space that is a house-bar-show and exhibition environment, owned by curator Fernando Spaziani, affiliated with ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte); and, later, at CCD (Centro Cultural da Diversidade de São Paulo), at the time managed by André Fisher. In the first, the original paintings-works were exhibited, while in the other, I brought together the images in an occupation with posters in the transition of the years 2022/23 with curatorial support from Filipe Chagas.*

Between hiatuses and other motiv(actions), I understood the project as having a life of its own and respected its logistical time, creative triggers, connections with the T community and, of course, my time for its materiality. Between the first image captured in 2016 until the present day in 2024, I myself suffer identity questions and processes and go through transitions.

In 2022, the year of the international event of the Soccer World Cup, I was inspired to start another series, capturing images of trans masculine men. In 2024, I began a parallel photoshoot on an educational theme, with students from my daily life and academic professional paths, understanding everything as part of a whole, about my own experiences, relationships, crossings, etc. Ultimately, the project aims to be transformed into a publication, an audiovisual record to be shown at festivals and, perhaps, a solo exhibition with all the series together, including five thematic series – some of which have not even started yet, and are simply documented in an artist’s notebook. The series are:

1. Fashion: Timeline
2. Brides: Positive Narratives
3. Soccer: National Passion (still in the final stages)
4. Education: Teaching, Educating and Transforming (in production)
5. Arts: Stage and Life (not started)

<T>

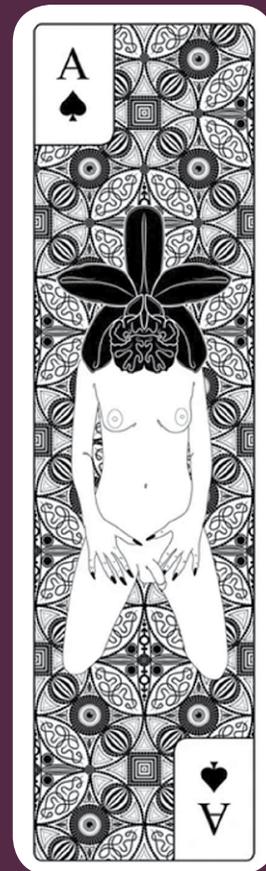
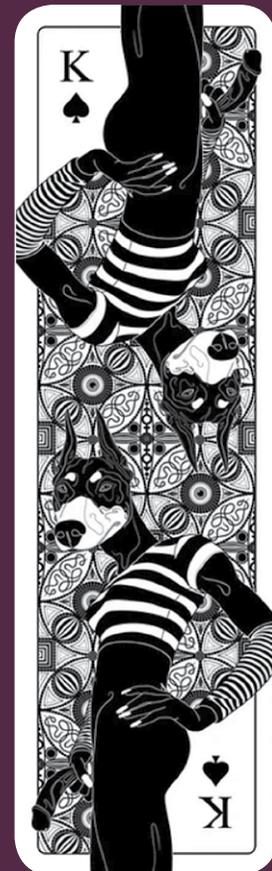
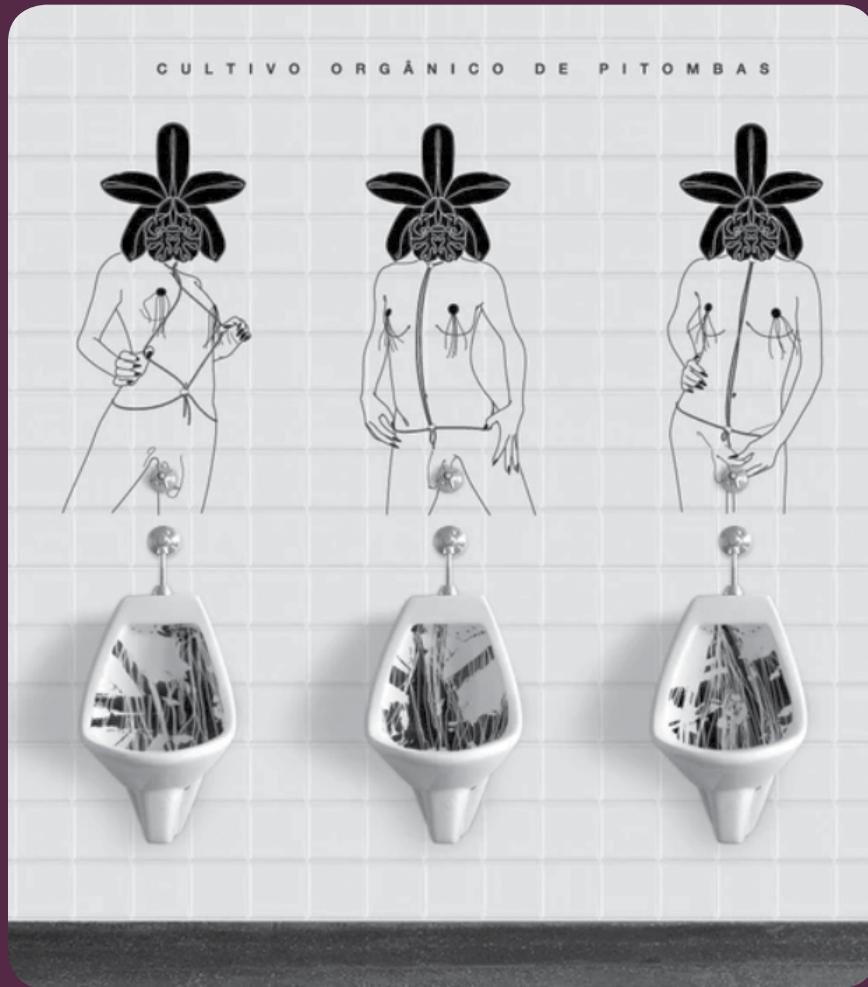
Modelos: Laura Janéz (moda) e Tífani Safira (noiva).





Leandro Dário
Cara a Cara
ocupação artística, 2012.
(Foto: Márcia Alves)

Face to Face
site-specific, 2012.
(Photo: Márcia Alves)



As experiências e as vivências do corpo travesti no tablado e nas artes

por Renata Carvalho

Atriz, dramaturga e diretora teatral.

A arte sempre esteve entre as travestis. E afirmo isso como uma travesti DE e NO teatro há 28 anos. O teatro – estendo para a arte – é um dos lugares mais democráticos que eu conheço, pena que alguns artistas cisgêneros não sabiam disso, e alguns, ainda não sabem.

Há uma construção social, patológica, criminal, hipersexualizante, carnavalesca, religiosa e moral que permeia o imagético do senso comum do que é ser uma travesti ou pessoa trans. Essa imagem formada pelo coletivo nos retira dos locais de sociabilidade, dificultando nossa permanência em qualquer campo de trabalho, inclusive na arte.

Temos a falsa impressão que a arte – e portanto, os artistas – é inclusiva, mas o teatro começou apenas com os homens cisgêneros autorizados a interpretar, inclusive os papéis femininos. Mulheres cisgêneros não poderiam nem estar na platéia. Somente com a chegada da *Commedia Dell'Arte** por volta no século 15, as mulheres cis passaram a integrar elencos.

Com o processo de escravização, as pessoas negras eram proibidas de entrarem nos teatros. Só na década de 1940, com o Teatro Experimental do Negro, Abdias do Nascimento lutou por representatividade negra nas produções artísticas e pelo fim da prática do *blackface***.

* Gênero teatral popular e cômico, derivado em parte de festividades folclóricas com exibições de malabarismo, paródias e canções populares. O roteiro permitia a improvisação e tinha personagens fixos, como Pierrot, Colombina, Arlequim, Polichinelo, entre outros, que eram reconhecíveis por máscaras e trajes característicos. As companhias teatrais eram itinerantes e quase sempre familiares. Suas apresentações eram feitas pelas ruas e praças públicas e precisavam pedir permissão para se apresentar nas cidades, em suas carroças que possuíam estrutura cênica.

** *Blackface* (do inglês, “rosto negro”) se refere à prática teatral de atores brancos que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens negros de forma exagerada. A prática ganhou popularidade durante o século 19 e contribuiu para a proliferação de estereótipos racistas.

Muitas travestis, antes de pisar nos palcos, andavam pelas coxias; muitas eram maquiadoras de grandes estrelas. A luta por ocupar lugares na arte vem de longe. Os registros mais expressivos começam pelo Teatro de Revista com as vedetes, em plena Ditadura Militar. Ângela Leal, filha de Gomes Leal, proprietário do Teatro Rival disse:

Quando o teatro de revista estava por baixo, em total decadência na época da ditadura e censura, foram Rogéria e as travestis amigas que mantiveram e preservaram o Teatro Rival, o gênero de revista, com glamour, elegância e beleza, fazendo até parte da nossa contracultura.

Em 4 de dezembro de 1964 estreou o espetáculo que se tornou um marco na arte travesti: *Les Girls*, na Boate Stop, no Rio de Janeiro. A grande inovação era apresentar travestis não em uma sequência de números de variedades, mas interpretando personagens femininos dentro do contexto de uma trama: tratava-se de um terapeuta que recebia em seu consultório mulheres desajustadas que expunham seus problemas. Essas pacientes eram interpretadas pelas travestis do elenco e suas questões serviam de tema para as músicas que cantavam. No elenco, Jerry di Marco, Jean Jacques, Rogéria, Marquesa, Brigitte, Nádia, Manon, Wanda, Carmem, Valéria, Jardel Mello e Glaucio Gil. Depois ainda vieram Eloína dos Leopards, Jane Di Castro e muitas outras.

O sucesso no Rio foi estrondoso. Como a representatividade tem efeito imediato, outros espaços passaram a ter espetáculos com travestis. O elenco de *Les Girls* queria se apresentar em São Paulo, mas não em casas de espetáculos e sim nos teatros. No entanto, as apresentações de travestis em teatros eram proibidas no início dos anos 1960. A responsável por mudar esse panorama e conseguir a liberação do gênero em terras paulistas foi a vedete Joana D’Arc, interessada no assunto enquanto empresária teatral, como conta Valéria no livro “*Divina Valéria*”. A estreia em São Paulo ocorreu à meia-noite do dia 14 de julho de 1965 na boate Ela, Cravo e Canela, e às duas da manhã na boate Oásis. O sucesso foi retumbante. Em 1965 em Montevideu, no Teatro Stella D’Italia, *Divina Valéria* disse:

Eles não liberam por sermos travestis. Um das pessoas que levaram o espetáculo para lá era um grande ator cômico, Cacho de la Cruz. Ele teve a ideia de convidar as esposas dos censores para um espetáculo exclusivo. As mulheres foram, ficaram encantadas e convenceram seus maridos a assinarem a autorização.



Anúncio no jornal O Globo, dez/1964.

Em 1967, o programa da peça *Vem quente que estou fervendo* alertava:

TRAVESTI É ARTE, TRAVESTI É GENTE.

O escritor Marcio Paschoal lembra que “a partir de 69 começou a ficar notória a tendência de proliferação [de travestis] pelas calçadas das cidades grandes, vendendo o corpo em troca de dinheiro. Ainda havia a ideologia moralista e a censura do governo Médici, que desencorajam de vez essas apresentações. Com isso, os militares passaram a vetar peças que, de alguma forma, abordassem o tema da homossexualidade. Era natural, então, que o número de produções com travestis viesse a cair progressivamente”.

Com a perseguição não só da Ditadura, além da diáspora travesti para a prostituição, muitas artistas travestis foram para Europa para se apresentarem em cabarês. Claudia Wonder no filme *Meu amigo Cláudia* conta que foi para Europa em 1978: “Eu cheguei garoto, voltei toda feita”.

As travestis que aqui ainda não podiam viver suas identidades femininas em locais públicos, pois ao andarem com roupas femininas corriam o risco iminente de serem presas, retornaram para o Brasil com seus corpos transformados pela ingestão de hormônios e aplicação de silicone industrial. Essa volta das travestis depois de uma temporada na Europa foi acompanhada pela mídia, principalmente Rogéria e Valéria. Mas ainda constatava-se a dificuldade imposta pela ditadura e a transfobia estrutural:

A TV Excelsior convidou Rogéria para fazer um programa-piloto com o sugestivo nome “Quem tem medo de

Rogéria? (...) Rogéria que até então, havia passado estranhamente incólume pelo crivo dos censores, dessa vez não escapou. O programa foi retirado, sem maiores explicações da grade da emissora. (PASCHOAL, 2016, p.62).

O jornal “O Globo” na edição de 11 de abril de 1972 anunciou como “definitiva a proibição imposta ao travesti Valéria: não pode aparecer na televisão. Seja para o que for”. Valéria disse:

Todos os programas queriam me apresentar. Flávio Cavalcanti fez de tudo para eu ser júri em seu programa e eles não liberaram. Eu fui algumas vezes no programa de Flávio na TV Tupi. Ficava sentada na plateia, em um lugar determinado pela produção para a câmera me mostrar. Mas não podia falar nada.

Em 20 de junho de 1972 estreou no Teatro Princesa Isabel (Rio de Janeiro), *Misto quente*, com Agildo Ribeiro, Pedrinho Mattar e Divina Valéria, em sua primeira vez como atriz e cantora. O espetáculo com sete meses de temporada foi uma das dez maiores bilheterias do teatro carioca naquele ano.

Em Buenos Aires, na Argentina, onde a ditadura era mais severa, Valéria ficou em cartaz na boate Palladium, mas seu nome não constava na “cartelera”. Caso chegasse algum censor, deveria dizer que estava apenas de passagem, dando uma canja, para que os donos da casa não tivessem problemas.

Em 1973, Valéria gravou um videoclipe para o programa *Fantástico*, mas foi proibido de ser exibido pela Divisão de Censura de Diversões Públicas. A representatividade de Valéria teve efeito imediato no percebimento de Claudia Celeste, que em 1977 fazia parte do elenco da

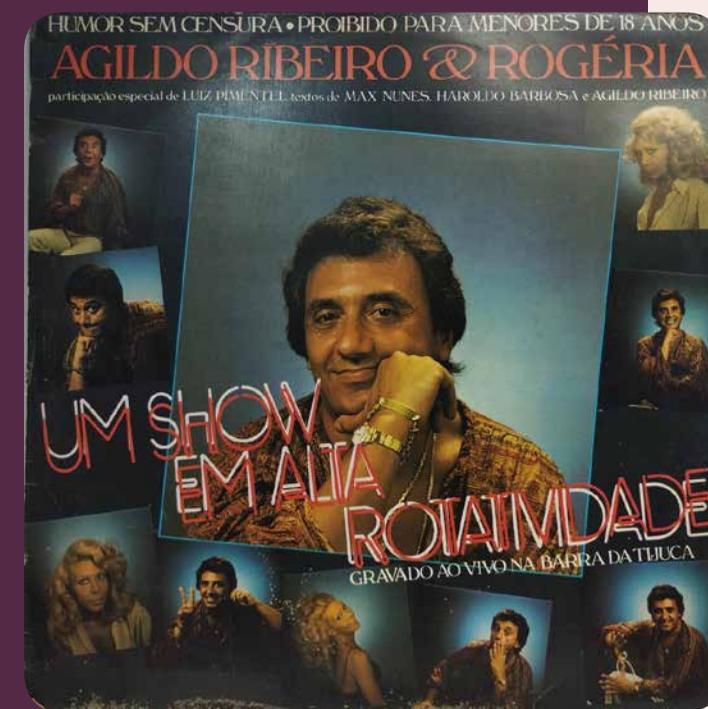


Pedrinho Mattar, Divina Valéria e Agildo Ribeiro em *Misto Quente*. (Fonte: Divina Valéria Brasil Blogspot)

novela *Espelho Mágico* na TV Globo, sendo a primeira travesti a atuar em uma telenovela brasileira, mas que devido a censura foi retirada da novela.

Com Rogéria, o show *Em Alta Rotatividade* estreou em julho de 1976, na Boate Sucata, que resultou num disco gravado ao vivo. Embora com seu nome e foto na capa, o disco só continha os números de Agildo Ribeiro. Rogéria disse:

Foi uma tremenda falta de ética da gravadora, e tudo por puro preconceito (...) Jane Di Castro também foi vítima desses preconceitos e não conseguiu gravar. Um dos argumentos das gravadoras era de que ditadura não gostava de bichas.



Capa do LP *Um Show em Alta Rotatividade*.

Em 1979 Rogéria ganhou o prêmio Molière de revelação pela peça *O desembestado*, do diretor Aderbal Freire-Filho, com o ator Grande Otelo no elenco. No mesmo ano, *A Ópera do Malandro* teve Geni interpretada por Andrea de Mayo. Houve protestos de grupos católicos por mostrar uma travesti com os seios pequenos à mostra. Nenhuma resenha ou crítica a citavam. Ela foi ignorada, e, depois de dois meses, deixou de frequentar e foi substituída por Telma Lipp (artista que chegou a ser jurada efetiva do programa *Clube do Bolinha*, nos sábados à tarde na TV Bandeirantes, na década de 1980).

A censura às travestis na televisão, inicialmente atribuída à ditadura militar, já não se mostrava tão veemente em 1982, e Rogéria se apresentou no programa de Agildo Ribeiro, o *Estúdio A-Gildo*, na TV Globo. No ano seguinte, Rogéria foi contratada pela Rede Bandeirantes para fazer reportagens na avenida e nos bailes. Também em 1983, o *Jornal do Brasil* publicou várias notas críticas ao show *Umas e outras*, de Rogéria, na sala FUNARTE, justificando que a Sala Sidney Miller não comportava shows com esse “viés popular”. A atriz rebateu na *Folha da Praia*:

Não sei por que o Jornal do Brasil faz campanha contra mim. Se estivesse criticando o meu trabalho artístico, tudo bem. Mas, no fundo, o que eles criticam é a minha condição homossexual. É uma discriminação inadmissível num veículo que se diz liberal, e inaceitável numa época de abertura política.

Rogéria ainda fez propaganda para a marca Cirillo (1982) para a marca de lingerie Duloren (1988, e Roberta Close fez em 1995), além da esponja de aço Bombril. No programa *Canal Livre*, da Rede Bandeirantes, com Roberto D’Avila, Rogéria falou sobre homofobia e sobre a luta para ser aceita como artista:

Para que essa onda de preconceito não tomasse vulto foi preciso, então, uma carta aberta ao público, uma nota de apoio dos artistas, capitaneada pela cantora Miúcha e assinada por nomes como Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Ferreira Gullar, Chico Buarque, Elizeth Cardoso, Marieta Severo, Dias Gomes, (...) para corroborar que Rogéria era uma artista reconhecida e premiada em 1980 pelo Serviço Nacional de Teatro. Na carta afirmam: “Queremos testemunhar que se trata de uma profissional de nível, cujos méritos artísticos foram reconhecidos inclusive pelo Inacem, que lhe outorgou o prêmio Mambembe.

Então, imagine: para continuar atuando, foi preciso uma carta assinada por pessoas cisgêneros de prestígio social para validarem uma travesti como artista!

Roberta Close participou do elenco da peça *Uma vez por semana* durante um ano, e ainda teve um programa de entrevistas chamado *Big Close* na extinta TV Manchete em 1984. Mas, em qualquer atividade em que se envolvesse, sempre aparecia alguém na mídia reclamando que ela estava no lugar errado:

Roberta via-se perseguida. Foi proibida de ser modelo e de trabalhar como atriz – porque não tinha cursinho, embora fizesse teatro de revista desde 1979. (RITO, 1998, p. 152)

Na peça *O homem e o cavalo*, de Oswald de Andrade, com direção de Zé Celso, Claudia Wonder foi a Camarada Verdade substituindo Sonia Braga, em meio a 150 atores no Teatro Sérgio Cardoso em dezembro de 1984.

Em 1985, no auge da epidemia de HIV/AIDS, na boate Madame Satã, no show intitulado *Vômito do Mito*, Claudia Wonder fazia um número onde entrava nua em uma banheira cheia de “sangue”. O jornalista e dramaturgo Caio Fernando Abreu publicou em sua coluna no jornal o texto “Meu amigo Claudia”, defendendo-a enquanto artista e convidando o público a ir assisti-la. O documentário que conta a vida de Wonder (e leva o mesmo nome da coluna de Caio) diz que as pessoas passaram a tratar e olhar para Cláudia melhor; depois da defesa do jornalista. Ou seja: mais uma vez uma pessoa cisgênero de prestígio social precisou validar a qualidade artística de uma travesti. Valéria disse em seu livro:

Mas lá não dão valor à gente, à arte. Só a pude mostrar aqui na Europa e no Japão. A travesti na Europa está em outra faixa do que no Brasil, onde não sabem reconhecer seus méritos.

A novela *Tieta do Agreste*, de Aguinaldo Silva, estreou em 1989 com “Ninete”, o primeiro personagem travesti da teledramaturgia nacional feito para a Rogéria. O papel ficou na novela por três semanas.

Em junho de 2011, no Canal Brasil, Rogéria estreou o programa *Preliminares*, e em junho de 2013 o talk show *Com frescura* no mesmo canal. Na novela *Lado a Lado* (2012-2013) na TV Globo, Rogéria interpretou Alzira Celeste: pela primeira vez uma travesti interpretava uma mãe e avó na televisão brasileira.

Este foi um pequeno apanhado da luta pela permanência, e com isso, a profissionalização de travestis e pessoas trans nas artes. Como transpóloga percebo que sou “censurada” na arte, muito antes de interpretar Jesus de Nazaré em *O evangelho segundo Jesus, Rainha do céu* (2016-2019), com texto da inglesa Jo Clifford, que coloca Jesus nos dias atuais em

Rogéria em *Tieta do Agreste* e em *Lado a Lado*. (Fonte: Internet)





Renata Carvalho em *O evangelho segundo Jesus, Rainha do céu*. (Foto: Tiago Lima. Fonte: O Globo Cultura Online)

um corpo trans/travesti. Com este trabalho, tive a dimensão do ódio ao corpo travesti no Brasil. Fomos censuradas cinco vezes, sofremos ameaças contra a vida, usamos colete à prova de balas e sofremos até um atentado à bomba.

Notando essa ausência das travestis e pessoas trans nos grupos de pesquisa, nos coletivos artísticos e nos festivais, fundei em 2017 o **MONART – Movimento Nacional de Artistas Trans**, e dentro dele criei o *Manifesto Representatividade Trans nas Artes – Diga SIM ao talento Trans*, que visa a inclusão, profissionalização, permanência e representatividade coletiva de artistas trans e travestis nos espaços de atuação e criação artística para além da arte do espetáculo “pluma e paetês”. O manifesto também pede uma pausa na prática do transfake, quando artistas cisgêneros interpretam personagens trans. O debate finalmente se tornou público e hoje, sete anos depois, vemos mudanças significativas no mercado artístico.



Renata Carvalho em *Manifesto Transpofágico*. (Foto: Nereu Jr.. Fonte: Instagram da atriz)

Agora é hora de repensarmos nossas narrativas viciadas, depreciativas e cheias de conteúdo transfóbico, incluindo as feitas por pessoas trans. Ninguém passou ileso por essas estruturas. Precisamos literalmente de narrativas positivas, as que tenho chamado de “narrativas do sonho”. Precisamos falar de sucesso, vida, amor, afeto, amizade entre pessoas trans travestis. Chega de narrativas de violência, morte ou dor. Sem nossos corpos sofrendo em cena. Precisamos recriar esse imagético coletivo. Se nós artistas somos responsáveis por essa construção, nós artistas de 2024 precisamos também ser responsáveis pela reconstrução.

Evoé Traviarcado. Travaé. TravaSomos. <T>

Referências

1. CAMARERO, A.; OLIVEIRA, A. *Divina Valéria*. São Paulo: Desacato, 2021.
2. PASCHOAL, M. *Rogéria: uma mulher e mais um pouco*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.
3. SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino – Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
4. RITO, L. *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.
5. *Meu amigo Claudia*. Direção de Dácio Pinheiro. Produção: Dácio Pinheiro, Alexandra Chalabi, Biba Wedesheim, Chica Mendonça, Daniel Soro, Mariana Guerra. Festival Filmes, 2009.

THE EXPERIENCES AND THE LIVINGS OF THE TRAVESTY BODY ON STAGE AND IN THE ARTS

by Renata Carvalho

Art has always been among travesties. And I say this as a travesty OF and IN the theater for 28 years. The theater – and I extend this to art – is one of the most democratic places I know, it's a shame that some cisgender artists didn't know this, and some still don't.

There is a social, pathological, criminal, hypersexualizing, carnivalesque, religious and moral construction that permeates the common sense imagery of what it means to be a travesty or trans person. This image formed by the collective removes us from places of sociability, making it difficult for us to remain in any field of work, including art.

We have the false impression that art – and therefore, artists – are inclusive, but theater began with only cisgender men allowed to perform, including female roles. Cisgender women were not even allowed to be in the audience. It was only with the arrival of Commedia Dell'Arte around the 15th century that cisgender women began to join casts.*

*Due to the process of enslavement, black people were prohibited from entering theaters. It was only in the 1940s, with the Teatro Experimental do Negro, that Abdias do Nascimento fought for black representation in artistic productions and for the end of the practice of blackface**.*

Many travesties, before stepping onto the stage, worked behind the scenes; many were makeup artists for big stars. The struggle to occupy places in the arts has been going on for a long time. The most expressive records begin with the Teatro de Revista (Revue Theater) with the stars, during the Military Dictatorship. Ângela Leal, daughter of Gomes Leal, owner of Teatro Rival said:

When the Teatro de Revista was at its lowest point, in total decline during the dictatorship and censorship, it was Rogéria and her travesty friends who maintained and preserved the Teatro Rival, the revue genre, with glamour, elegance and beauty, even forming part of our counterculture.

On December 4, 1964, the show that became a landmark in travesty art debuted: “Les Girls”, at the Boate Stop, in Rio de Janeiro. The great innovation was to present travesties not in a series of variety acts, but playing female characters within the context of a plot: it was about a therapist who received maladjusted women in his office who exposed their problems. These patients were played by the travesties in the cast and their issues served as themes for the songs they sang. The cast included Jerry di Marco, Jean Jacques, Rogéria, Marquesa,

Brigitte, Nádia, Manon, Wanda, Carmem, Valéria, Jardel Mello and Glaucio Gil. Later on, Eloína dos Leopardos, Jane Di Castro and many others came along.

The success in Rio was overwhelming. Since representation has an immediate effect, other venues began to have shows with travesties. The cast of “Les Girls” wanted to perform in São Paulo, not in concert halls, but in theaters. However, travesty performances in theaters were prohibited in the early 1960s. The person responsible for changing this scenario and achieving the legalization of the genre in São Paulo was the star Joana D’Arc, who was interested in the subject as a theater entrepreneur, as Valéria recounts in the book “Divina Valéria”. The premiere in São Paulo took place at midnight on July 14, 1965 at Ela, Cravo e Canela, and at two in the morning at Oásis. The success was resounding. In 1965 in Montevideo, at the Stella D’Italia Theater, Divina Valéria said:

They wouldn't let us do it because we were travesties. One of the people who took the show there was a great comedian, Cacho de la Cruz. He had the idea of inviting the wives of the censors to an exclusive show. The women went, were delighted and convinced their husbands to sign the authorization.

In 1967, the program for the play “Come hot, I’m boiling” warned:

**TRAVESTY IS ART,
TRAVESTY IS PEOPLE.**

* A popular and comic theatrical genre, derived in part from folk festivals with juggling displays, parodies and popular songs. The script allowed for improvisation and had fixed characters, such as Pierrot, Columbine, Harlequin, Punchinello, among others, who were recognizable by their characteristic masks and costumes. The theatrical companies were itinerant and almost always family-run. Their performances were held in the streets and public squares and they had to ask permission to perform in the cities, in their wagons that had stage structures.

** Blackface refers to the theatrical practice of white actors coloring themselves with charcoal to portray black characters in an exaggerated manner. The practice gained popularity during the 19th century and contributed to the proliferation of racist stereotypes.

Rogéria for her documentary.
(Photo: Marcelo Theobald.
Font: Internet)





Covers from Revista Manchete [1984, 1990 and 1994] with Roberta Close. (Font: Internet)

Writer Marcio Paschoal recalls that “from 1969 onwards, the tendency for travesties to proliferate on the sidewalks of large cities, selling their bodies in exchange for money, began to become noticeable. There was still the moralistic ideology and censorship of the Médici government, which discouraged these performances. As a result, the military began to veto plays that in any way addressed the subject of homosexuality. It was natural, then, that the number of productions with travesties would gradually decrease.”

With the persecution not only of the dictatorship, but also of the travesty diaspora for prostitution, many travesty artists went to Europe to perform in cabarets. Claudia Wonder in the film “My Friend Claudia” says that she went to Europe in 1978: “I arrived as a boy, I came back all made up”.

The travesties who were still unable to live their feminine identities in public places, because wearing women’s clothing would put them at imminent risk of being arrested, returned to Brazil with their bodies transformed by the ingestion of hormones and the application of industrial silicone. This return of the travesties after a period in Europe was covered by the media, especially Rogéria and Valéria. However,

the difficulties imposed by the dictatorship and structural transphobia were still evident:

TV Excelsior invited Rogéria to make a pilot program with the suggestive name “Who’s afraid of Rogéria? (...) Rogéria, who until then had strangely passed unscathed by the censors, did not escape this time. The program was removed from the broadcaster’s schedule without further explanation. (PASCHOAL, 2016, p.62).

The newspaper “O Globo” in its April 11, 1972 edition announced that “the ban imposed on the travesty Valéria is definitive: she cannot appear on television. For whatever reason.” Valéria said:

All the programs wanted to feature me. Flávio Cavalcanti did everything he could to get me to be a judge on his program, but they wouldn’t let me. I went to Flávio’s program on TV Tupi a few times. I would sit in the audience, in a place determined by the production team so the camera could show me. But I couldn’t say anything.

On June 20, 1972, “Misto Quente”, with Agildo Ribeiro, Pedrinho Mattar and Divina

Valéria, in her first time as an actress and singer, premiered at the Teatro Princesa Isabel (Rio de Janeiro). The show, which ran for seven months, was one of the ten biggest box office hits in Rio de Janeiro theater that year.

In Buenos Aires, Argentina, where the dictatorship was more severe, Valéria performed at the Palladium nightclub, but her name was not on the “cartelera”. If a censor came by, she had to say that she was just passing through, doing a little bit of acting, so that the club owners would not get into trouble.

In 1973, Valéria recorded a music video for the program “Fantástico”, but it was banned from being shown by the Public Entertainment Censorship Division. Valéria’s representation had an immediate effect on the perception of Claudia Celeste, who in 1977 was part of the cast of the soap opera “Espelho Mágico” on TV Globo, being the first travesty to act in a Brazilian soap opera, but due to censorship was removed from it.

With Rogéria, the show “Em Alta Rotatividade” premiered in July 1976, at the Boate Sucata, which resulted in a live album. Although it had her name and photo on the cover, the album only contained Agildo Ribeiro’s numbers. Rogéria said:

It was a tremendous lack of ethics on the part of the record company, and all due to pure prejudice (...) Jane Di Castro was also a victim of these prejudices and was unable to record. One of the record companies’ arguments was that the dictatorship did not like gays.

In 1979, Rogéria won the Molière Award for best newcomer for her play “O desembestado” (The Uncontrolled), directed by Aderbal Freire-Filho, with actor Grande Otelo in the

cast. That same year, the Ópera do Malandro featured Geni, played by Andrea de Mayo. There were protests from Catholic groups for showing a travesty with her small breasts on display. No reviews or critics mentioned her. She was ignored, and after two months, she stopped attending and was replaced by Telma Lipp (an artist who was a regular judge on the Saturday afternoon program “Clube do Bolinha” on TV Bandeirantes in the 1980s).

The censorship of travesties on television, initially attributed to the military dictatorship, was no longer so vehement in 1982, and Rogéria appeared on Agildo Ribeiro’s program, Estúdio A-Gildo, on TV Globo.

The following year, Rogéria was hired by Rede Bandeirantes to report on Carnival avenue and at ballrooms. Also in 1983, Jornal do Brasil published several critical notes on Rogéria’s show “Umas e outras” at the FUNARTE hall, arguing that the Sidney Miller Hall could not accommodate shows with this “popular bias”. The actress responded in “Folha da Praia”:

I don’t know why Jornal do Brasil is campaigning against me. If they were criticizing my artistic work, that would be fine. But, deep down, what they are criticizing is my homosexuality. This is unacceptable discrimination in a newspaper that claims to be liberal, and unacceptable in an era of political openness.

Rogéria also advertised for the Cirillo brand (1982), the Duloren lingerie brand (1988, and Roberta Close did it in 1995), and the Bombril steel wool sponge. On the Canal Livre program, on Rede Bandeirantes, with Roberto D’Avila, Rogéria spoke about homophobia and the struggle to be accepted as an artist:

In order to prevent this wave of prejudice from becoming widespread, an open letter to the public was needed, a note of support from the artists, led by the singer Miúcha and signed by names such as Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Ferreira Gullar, Chico Buarque, Elizeth Cardoso, Marieta Severo, Dias Gomes, (...) to corroborate that Rogéria was a recognized artist and awarded in 1980 by the National Theater Service. In the letter they state: “We want to testify that she is a high-level professional, whose artistic merits were even recognized by Inacem, which awarded her the Mambembe award.

So, imagine: to continue performing, a letter signed by cisgender people of social prestige was needed to validate a travesty as an artist!

Roberta Close was part of the cast of the play “Uma vez por semana” (Once a Week) for a year, and even had a talk show called “Big Close” on the now-defunct TV Manchete in 1984. But, in any activity she got involved in, someone always appeared in the media complaining that she was in the wrong place:

Roberta felt persecuted. She was forbidden from being a model and from working as an actress – because she had not taken a preparatory course, although she had been doing revue theater since 1979. (RITO, 1998, p.152)

In the play “O homem e o cavalo”, by Oswald de Andrade, directed by Zé Celso, Claudia Wonder was Comrade Verdade replacing Sonia Braga, among 150 actors at the Teatro Sérgio Cardoso in December 1984.

In 1985, at the height of the HIV/AIDS epidemic, at the Madame Satã nightclub, in a

show called “Vômito do Mito”, Claudia Wonder performed a number in which she entered a bathtub full of “blood” naked. Journalist and playwright Caio Fernando Abreu published the text “Meu amigo Claudia” (My friend Claudia) in his newspaper column, defending her as an artist and inviting the public to go see her. The documentary that tells the story of Wonder (and has the same name as Caio’s column) says that people began to treat and look at Cláudia better after the journalist’s defense. In other words: once again, a cisgender person of social prestige had to validate the artistic quality of a travesty. Valéria said in her book:

But there they don’t value people or art. I’ve only been able to show it here in Europe and Japan. Travesties in Europe are in a different category than in Brazil, where they don’t know how to recognize their merits.

The soap opera “Tieta do Agreste”, by Aguinaldo Silva, premiered in 1989 with “Ninete”, the first travesty character in national television drama created for Rogéria. The role remained in the soap opera for three weeks.

In June 2011, on Canal Brasil, Rogéria debuted the program “Preliminares” (Foreplays), and in June 2013 the talk show “Com frescura” on the same channel. In the soap opera “Lado a Lado” (2012-2013) on TV Globo, Rogéria played Alzira Celeste: for the first time a transvestite played a mother and grandmother on Brazilian television.

This was a brief overview of the struggle for the permanence, and with it, the professionalization of travesties and trans people in the arts. As a transpologist, I realize that I am “censored” in art, long before I played Jesus of Nazareth in “The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven” (2016-2019), with a text by the

Renata Carvalho in
Transpophagic Manifesto.
(Photo: Rodrigo Fidelis.
Font: Instagram’s actress)



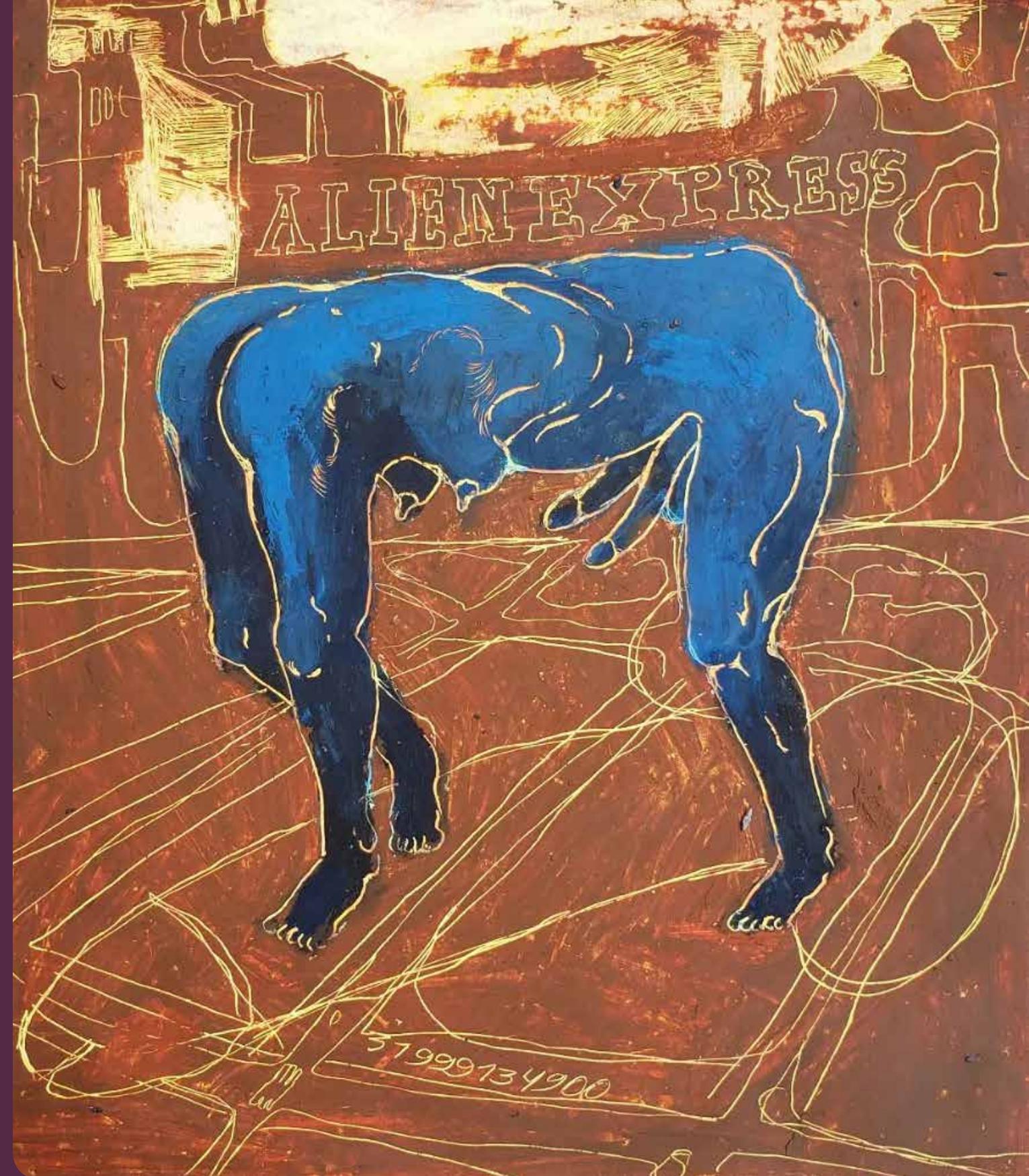
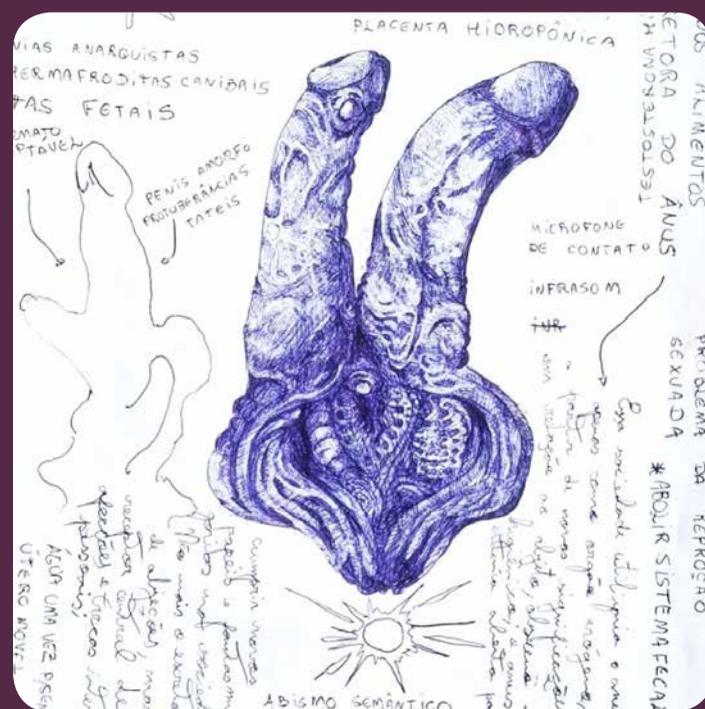
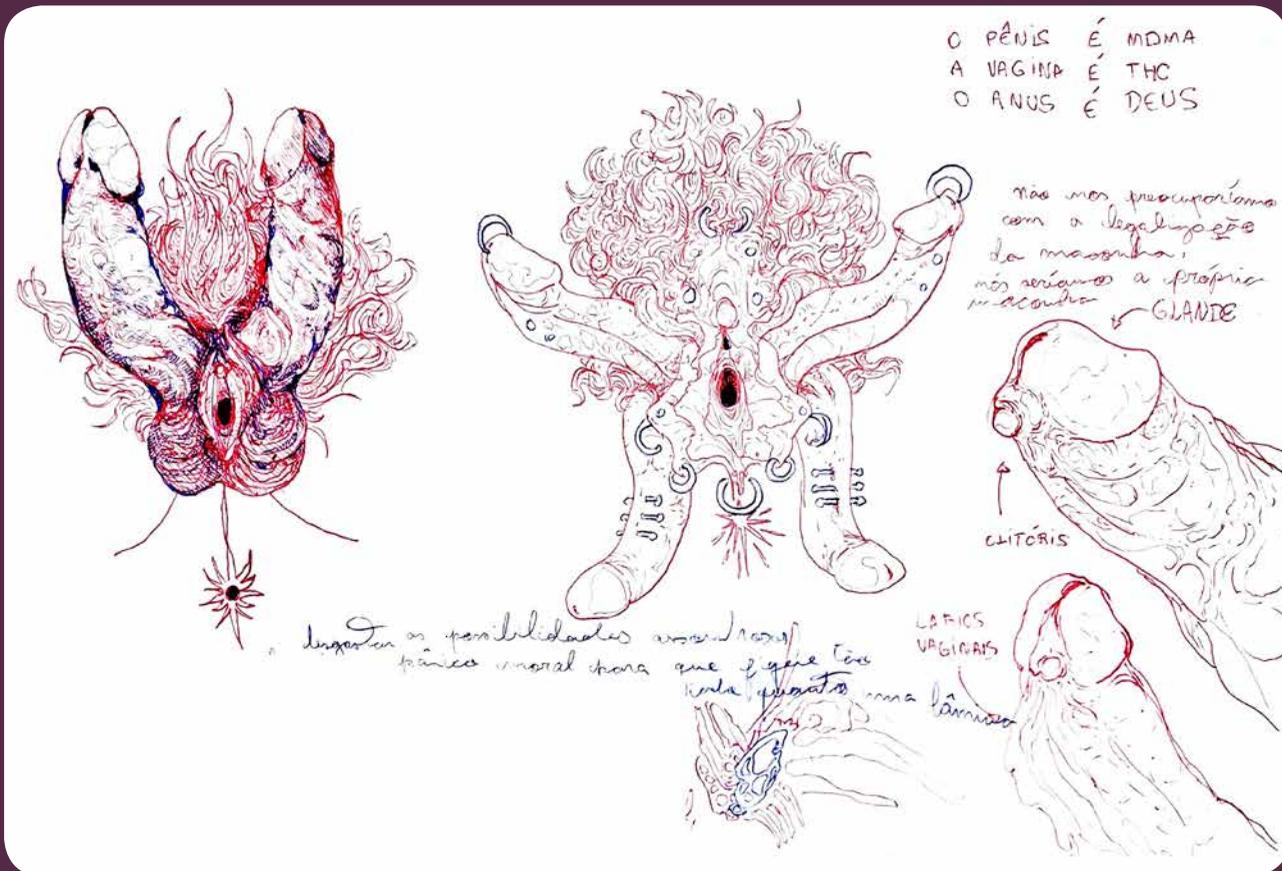
Englishwoman Jo Clifford, who places Jesus in the present day in a trans/travesty body. With this work, I got to know the extent of the hatred towards the travesty body in Brazil. We were censored five times, received threats against our lives, wore bulletproof vests and even suffered a bomb attack.

Noticing the absence of travesty and trans people in research groups, artistic collectives and festivals, in 2017 I founded MONART [National Movement of Trans Artists], and within it I created the “Manifesto Trans Representativity in the Arts – Say YES to Trans Talent”, which aims at the inclusion, professionalization, permanence and collective representation of trans and travesty artists in spaces of performance and artistic creation beyond the “feather and sequins” art of the show. The manifesto also calls for a pause in

the practice of transfake, when cisgender artists play trans characters. The debate has finally become public and today, seven years later, we see significant changes in the artistic market.

Now is the time to rethink our biased, derogatory, and transphobic narratives, including those made by trans people. No one has been unscathed by these structures. We literally need positive narratives, what I have called “dream narratives.” We need to talk about success, life, love, affection, and friendship between trans people. Enough with narratives of violence, death, or pain. Without our bodies suffering on stage. We need to recreate this collective imagery. If we artists are responsible for this construction, we artists of 2024 also need to be responsible for the reconstruction.

Evóé Traviarchy. Trava-Be. Trava-W/e. <T>



Lume Ero
Estudos transgenitais
caneta sobre papel, 2023.

Transgenital studies
ballpoint pen on paper, 2023.

ALIENEXPRESS
pastel oleoso sobre papel, 2022.

ALIENEXPRESS
oil pastel on paper, 2022.

INDRA HARETRAVA



[FALO] Pensando no aspecto do espetáculo, como você percebe a sua corporiedade, a sua expressão e a não-imagem padrão CIS em relação ao público?

{INDRA} O Love Cabaret é para mim um templo que me permite aprimorar a artista que sou a cada apresentação. Como mestre de cerimônias neste um ano de casa aberta, pude experienciar uma interação direta com um público plural, pois temos clientes de literalmente todas as idades. Pela disposição do palco ser no mesmo plano de quem vai assistir aos shows, percebo a evolução e a assimilação da minha imagem se transformando durante a noite. É comum no começo do show, momento em que abro a noite cantando, me deparar com feições de susto ou estranheza. Com o passar da noite, sinto que as pessoas criam uma certa simpatia comigo, vão me conhecendo melhor, se abrindo mais e, no final, se sentem quase como se fossem amigas íntimas.

Também já estive à frente de uma ONG para pessoas trans, que tinha um diálogo amplo com diversas bolhas e, sobretudo, com pessoas cisgêneras. Sempre defendi a ideia de que somente a partir da convivência é que conseguimos romper com determinados estigmas que são limitações na percepção de corporeidades que divergem do padrão. É preciso humanizar a nossa existência e não vejo oportunidade melhor do que a de estar com um microfone na mão, compartilhando minhas inúmeras facetas, em um jogo de conquista e sedução, que é impossível não encantar quem se dispõe a viver uma experiência num lugar com uma proposta singular. E é minha função ali fazer com que as pessoas se sintam em casa. Me tornar uma poetisa que faz com que a audiência se sinta segura e confortável em absorver novas perspectivas do que é o corpo e principalmente a sacralidade e as potências do mesmo.



[F] Entre o cotidiano e a artista no palco, o que muda? Você acredita que há uma blindagem do palco que te deixa mais segura? O empoderamento da rua também fortalece você?

{I} Essa questão foi trabalhosa para eu assimilar e entender quem sou eu no palco e eu na vida. Não que eu não enxergue o palco como minha vida também, mas é só uma parte dela. Creio que ter a responsabilidade de carregar a energia de uma casa fez com que eu inevitavelmente criasse uma persona no palco, que embora se pareça muito comigo, ainda sim é muito mais gentil e polida do que eu sou no meu dia-a-dia. Agora, na rua, desde que assumi minha identidade feminina para o mundo, treinei me privar desse atravessamento do outro para comigo. Como sou sensível, lembro da sensação quando usei minha primeira peça feminina na rua. Percebia os olhares que tentavam me chamar a atenção, uma sensação de que estava sendo colocada numa prateleira de mercado, onde pessoas se sentiam livres para comentar e assediar. O desconforto foi tamanho que criei uma armadura: uma forma de caminhar e de me proteger dos olhares. Me tornei muito boa no desprezo de quem está à minha volta – o que nem sempre é bom, pois junto com as pessoas desagradáveis, acabo deixando passar despercebido muitas outras pessoas interessantes.

[F] E como você processa esse entendimento consigo mesma? Sua percepção pessoal da sua identidade e expressão de gênero, aquela coisa de se olhar no espelho e se entender como de fato é sem os códigos impostos socialmente.

{I} Eu tenho uma “qualidade” de não guardar o peso das coisas que me ferem. Faço questão de lembrar sobretudo o que me marca positivamente. O processo que me trouxe até aqui, sendo a travesti barbada que sou, foi extremamente complexo e dolorido. Sou filha de pastor e minha



Foto: Marcos Rossetton.

família fez um excelente trabalho no sentido de me alienar do mundo até meus 16 anos de idade. Quando comecei a flertar com a ideia de questionar minha sexualidade, fui profundamente penalizada por eles. Então, o processo de entendimento do que sou hoje se deu com o passar dos anos e não só por ter amadurecido, mas principalmente pelos encontros que tive. Obviamente que essas transformações só foram possíveis, porque sou essa energia de fogo, né?! Sempre tive sede de aventuras, num constante exercício de escuta das pessoas mais velhas e mais jovens – pois sim, acredito que todo mundo tem algo a dizer e alguma sabedoria a compartilhar. A vida por si só é uma transição constante, para todo mundo. Por ser filha de Maria Padilha (entidade de religiões de matriz africana), ando lado a lado com a morte, mas, quando falo de morte, não é aquela que todos temem, o fim nela mesma, um rumo ao desconhecido e, por vezes, o fim de tudo. Falo de uma ruptura com os padrões impostos, um redesenho de rota, um aprimoramento do ser, um renascimento. Para vivenciar esta grande ruptura, a vida me propôs ir à Índia, em 2018, onde decidi passar um ano

peregrinando e passando por experiências diversas que contribuíram muito para este grande renascimento que me fez retornar ao Brasil com uma nova perspectiva sobre mim mesma. Lá, estudei as escrituras sagradas, tanto indianas quanto cristãs, e, no final, entendi os equívocos que ceifam tantas vidas em detrimento de interpretações errôneas sobre o que é de fato a espiritualidade. Foi entendendo sobre o amor – e, principalmente, o amor à mim mesma – que me vi num território inabitado e auspicioso para eu poder sonhar uma outra possibilidade de mim.

[F] Você fala em renascimento. No sentido de desconstruir conceitos e endossar as variações dos espectros, fale um pouco sobre a sua travestilidade.

{I} Quando reflito sobre o meu processo de renascimento eu entendo que sim, vim diferente de muitos padrões impostos até para pessoas que teoricamente não teriam obrigação nenhuma de atender a determinadas

imposições binárias de expressão. O amor ao meu corpo e a compreensão de que ele é sim um templo se deu pelo meu contato com a yoga há quase 10 anos atrás. Praticando não só os asanas (posturas da yoga), mas também compreendendo a filosofia que a yoga propõe, reconheci a potência não só do meu corpo, mas principalmente da potência que a mente tem para materializar mudanças e transformações. Lembro que no começo da compreensão da minha transição de gênero, passava muito tempo meditando e buscando ouvir narrativas de outras travestis. Foi um processo de reconhecimento deste lugar de pertencimento. Claro que desde minha autoafirmação, fui extremamente atacada e questionada principalmente por pessoas da “comunidade”... Comunidade esta que coloco entre aspas, pois essa ideia de comunidade acabou morrendo para mim. Comunidade dá a ideia de um núcleo familiar, lugar onde há acolhimento e escuta, mas o que aconteceu comigo foi exatamente o oposto: esta “comunidade” tentou minar a minha existência. Por isso, prefiro substituir o nome comunidade por egrégora, pois tive sim o acolhimento de várias pessoas, de lugares distintos, tanto trans quanto cis, e é este núcleo que me fortaleço e que contribui para o meu processo.

Por exemplo, para muitas pessoas, o signo da barba é um símbolo masculino, mas para mim é diferente. Logo no começo deste processo, morava no Arouche, um bairro em São Paulo que tem uma grande aglomeração de pessoas trans. Lembro que encontrei uma travesti mais velha que me ofereceu uma depilação a laser para que eu ficasse mais “feminina” e, com isso, legitimasse a minha mulheridade. Fui para casa nesse dia meio atordoada, me fez questionar a imagem que estava construindo. Eu, que nunca havia tirado a barba, raspei tudo naquela noite e senti que tinha ficado menos feminina, quase que uma sensação de que havia mutilado uma parte de mim. Hoje entrei em paz comigo mesma, pois o que me feria já não me fere mais. Me tornei mais forte e entendi que a estrutura binária gera esse policiamento que cobra determinados padrões que inevitavelmente atingem a todes.

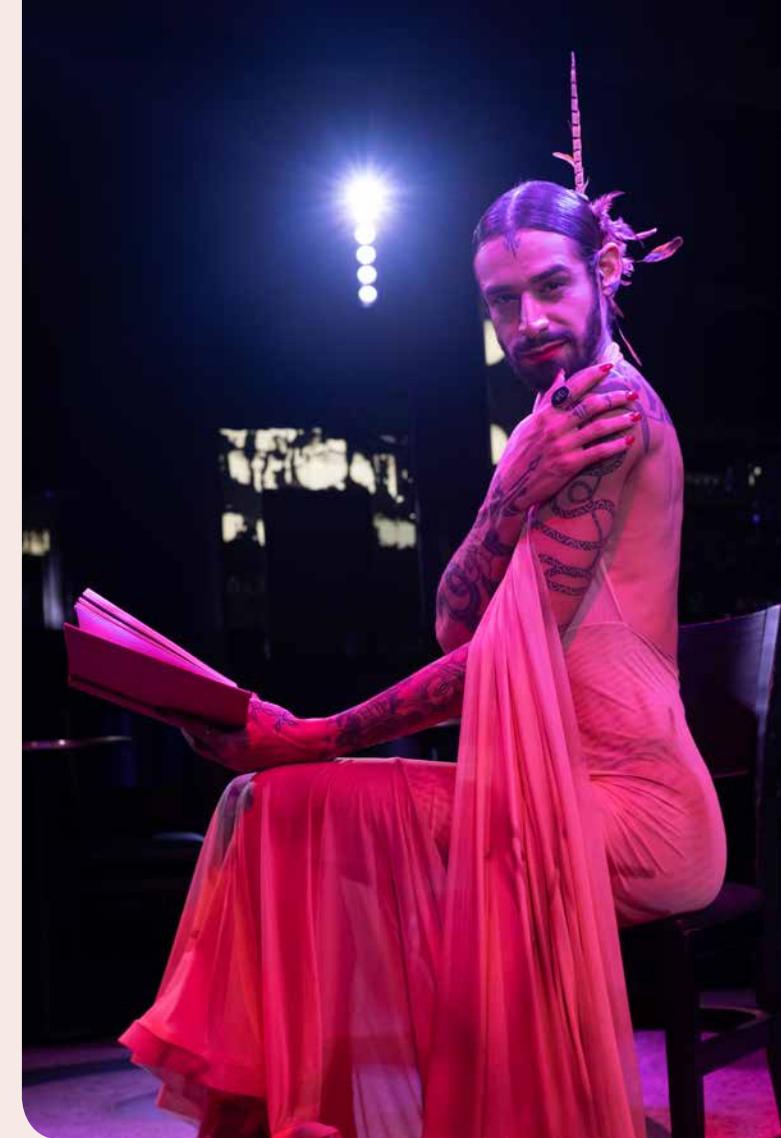


Foto: Nina Nunes



[F] O corpo artístico é também provocativo e político. O que você pensa sobre a nudez deste corpo dito dissidente?

{I} Para mim, a nudez se dá a todo instante. Por ser quem eu sou, me sinto constantemente despida, exposta e cada vez mais confortável com isso. A pessoa artista que se dispõe a se apresentar em um palco precisa estar bem com a ideia da nudez. Se entregar através da música, da dança e até como uma mestre de cerimônias, é se ver vulnerável e entregue às possíveis adversidades que uma vida pública propõe. Experimentei essa progressão nos palcos do cabaret, pois no começo eu ia muito mais vestida do que hoje. Foi um processo de confiança em mim mesma e na nossa audiência. Acredito que também esteja vinculada a uma construção de autoestima. No final das contas, é a autoestima que faz com que a gente se veja mais bonita e, quando isso acontece, pouco importa a opinião de qualquer pessoa. Vejo que nossa casa propõe durante toda a programação uma provocação constante através de inúmeros artistas, que fica ainda melhor quando as apresentações são amarradas através da poesia. Este estado de graça que emociona, acessa diretamente o coração, é sublime.

Agora, é claro que tudo isso é regido pelas entidades que caminham comigo e fazem com que tudo que eu produza ou faça, seja magia e feitiço. Revolucionário para mim é eu poder dar a devida honra à quem caminha comigo e me protege. Política é a minha existência. É poder sair por aí e poder viver bem. É uma conquista que foi dolorosa, mas também gloriosa. E é só o começo.

<T>

-  INDRA HARETRAVA, artista da voz e da palavra, mestre de cerimônias do Love Cabaret. // *voice and word artist, master of ceremonies at Love Cabaret.*
-  Fotos // *Photos:* Marcos Rossetton e Nina Nunes
-  Styling: Marcos Rossetton
-  Vestido // *Dress:* Loja Das Haus (coleção *Toda Nudez Será Bem Vestida*, de Rober Dognani)
-  Acessórios // *Accessories:* Brechó Minha Avó Tinha
-  Locação // *Location:* Love Cabaret

Agradecimentos // *Thanks:* Nelson Brazys e Pablo



Foto: Nina Nunes.

[FALO] Thinking about the aspect of the show, how do you perceive your physicality, your expression and the non-standard CIS image in relation to the audience?

{INDRA} For me, Love Cabaret is a temple that allows me to improve the artist that I am with each performance. As master of ceremonies in this first year of open house, I was able to experience direct interaction with a diverse audience, as we have clients of literally all ages. Because the stage is arranged on the same plane as those who will watch the shows, I notice the evolution and assimilation of my image transforming during the night. It is common at the beginning of the show, when I open the night singing, to come across expressions of fright or strangeness. As the night goes on, I feel that people develop a certain sympathy for me, they get to know me better, open up more and, in the end, they almost feel as if they were close friends.

I have also been in charge of an NGO for trans people, which had a broad dialogue with various groups and, above all, with cisgender people. I have always defended the idea that only through coexistence can we break with certain stigmas that are limitations in the perception of corporealities that diverge from the standard. We need to humanize our existence and I see no better opportunity than to be with a microphone in my hand, sharing my many facets, in a game of conquest and seduction, which is impossible not to enchant those who are willing to live an experience in a place with a unique proposal. And it is my job there to make people feel at home. To become a poet who makes the audience feel safe and comfortable in absorbing new perspectives of what the body is and especially its sacredness and powers.

[F] Between your daily life and the artist on stage, what changes? Do you believe that there is a shield on stage that makes you feel safer? Does the empowerment of the street also strengthen you?

{I} This question was hard for me to assimilate and understand who I am on stage and who I am in life. Not that I don't see the stage as my life too, but it is only a part of it. I believe that having the responsibility of carrying the energy of a house inevitably made me create a persona on stage, which although it looks a lot like me, is still much kinder and more polite than I am in my day-to-day life. Now, on the street, since I assumed my feminine identity to the world, I have trained to deprive myself of this crossing of others towards me. As I am sensitive, I remember the feeling when I wore my first piece of women's clothing on the street. I noticed the looks that tried to get my attention, a feeling that I was being placed on a supermarket shelf, where people felt free to comment and harass me. The discomfort was so great that I created an armor: a way of walking and protecting myself from stares. I became very good at despising those around me – which is not always good, because along with the unpleasant people, I end up letting many other interesting people go unnoticed.

[F] And how do you process this understanding with yourself? Your personal perception of your gender identity and expression, that thing of looking in the mirror and understanding yourself as you really are without the socially imposed codes.

{I} I have a "quality" of not holding on to the weight of things that hurt me. I make a point of remembering, above all, what has left a positive mark on me. The process that brought



Foto: Marcos Rosseton.

me here, being the bearded travesty that I am, was extremely complex and painful. I am the daughter of a pastor and my family did an excellent job of alienating me from the world until I was 16 years old. When I started to flirt with the idea of questioning my sexuality, they deeply punished me. So, the process of understanding who I am today happened over the years and not only because I matured, but mainly because of the encounters I had. Obviously, these transformations were only possible because I am this fiery energy, you know?! I have always been thirsty for adventure, in a constant exercise of listening to older and younger people – yes, I believe that everyone has something to say and some wisdom to share. Life in itself is a constant transition, for everyone. As the daughter of Maria Padilha (an African-based religious entity), I walk side by side with death, but when I speak of death, I am not talking

about the kind of death that everyone fears, the end in itself, a journey into the unknown and, sometimes, the end of everything. I am talking about a break with imposed patterns, a redesign of a route, an improvement of the self, a rebirth. To experience this great break, life invited me to go to India in 2018, where I decided to spend a year on pilgrimage and have different experiences that contributed greatly to this great rebirth that made me return to Brazil with a new perspective on myself. There, I studied the sacred scriptures, both Indian and Christian, and, in the end, I understood the mistakes that take so many lives to the detriment of erroneous interpretations of what spirituality really is. It was by understanding love – and, mainly, love for myself – that I found myself in an uninhabited and auspicious territory where I could dream of another possibility for myself.

[F] You talk about rebirth. In the sense of deconstructing concepts and endorsing the variations of the spectrum, talk a little about your transvestism.

{|} When I think of my rebirth process, I understand that yes, I came into being differently from many standards imposed even on people who theoretically would have no obligation to comply with certain binary impositions of expression. The love for my body and the understanding that it is indeed a temple came about through my contact with yoga almost 10 years ago. By practicing not only the asanas (yoga postures), but also understanding the philosophy that yoga proposes, I recognized the power not only of my body, but mainly of the power that the mind has to materialize changes and transformations. I remember that at the beginning of my understanding of my gender transition, I spent a lot of time meditating and trying to listen to stories from other travestys. It was a process of recognizing this place of

belonging. Of course, since my self-affirmation, I have been extremely attacked and questioned, mainly by people from the “community”... A community that I put in quotation marks, because this idea of community ended up dying for me. Community gives the idea of a family nucleus, a place where there is acceptance and listening, but what happened to me was exactly the opposite: this “community” tried to undermine my existence. That is why I prefer to replace the name community with egregore, because I did have the acceptance of several people, from different places, both trans and cis, and it is this nucleus that strengthens me and that contributes to my process.

For example, for many people, the beard is a masculine symbol, but for me it is different. At the beginning of this process, I lived in Arouche, a neighborhood in São Paulo with a large population of trans people. I remember meeting an older travesty who offered me laser hair removal so that I would look more “feminine” and, in doing so, legitimize my femininity. I went home that day feeling a bit dazed, and it made me question the image I was building. I, who had never shaved my beard, shaved it all off that night and felt that I had become less feminine, almost like I had mutilated a part of myself. Today I have come to peace with myself, because what used to hurt me no longer hurts me. I have become stronger and I understand that the binary structure generates this policing that demands certain standards that inevitably affect everyone.

[F] The artistic body is also provocative and political. What do you think about the nudity of this so-called dissident body?

{|} For me, nudity is a constant occurrence. Because of who I am, I constantly feel naked, exposed, and increasingly

comfortable with it. An artist who is willing to perform on stage needs to be comfortable with the idea of nudity. Surrendering oneself through music, dance, and even as a master of ceremonies means seeing oneself as vulnerable and ready to face the possible adversities that a public life can bring. I experienced this progression on the cabaret stage, because in the beginning I was much more dressed than I am today. It was a process of trusting myself and our audience. I believe it is also linked to building self-esteem. Ultimately, it is self-esteem that makes us see ourselves as more beautiful, and when that happens, no one else’s opinion matters much. I see that our venue offers constant provocation throughout the program through numerous artists, which is even better when the performances are tied together by poetry. This state of grace that moves, directly reaches the heart, is sublime.

Now, of course, all of this is governed by the entities that walk with me and make everything I produce or do, be magic and spell. What is revolutionary for me is being able to give due honor to those who walk with me and protect me. Politics is my existence. It is being able to go out there and be able to live well. It is an achievement that was painful, but also glorious. And it is only the beginning.

<T>

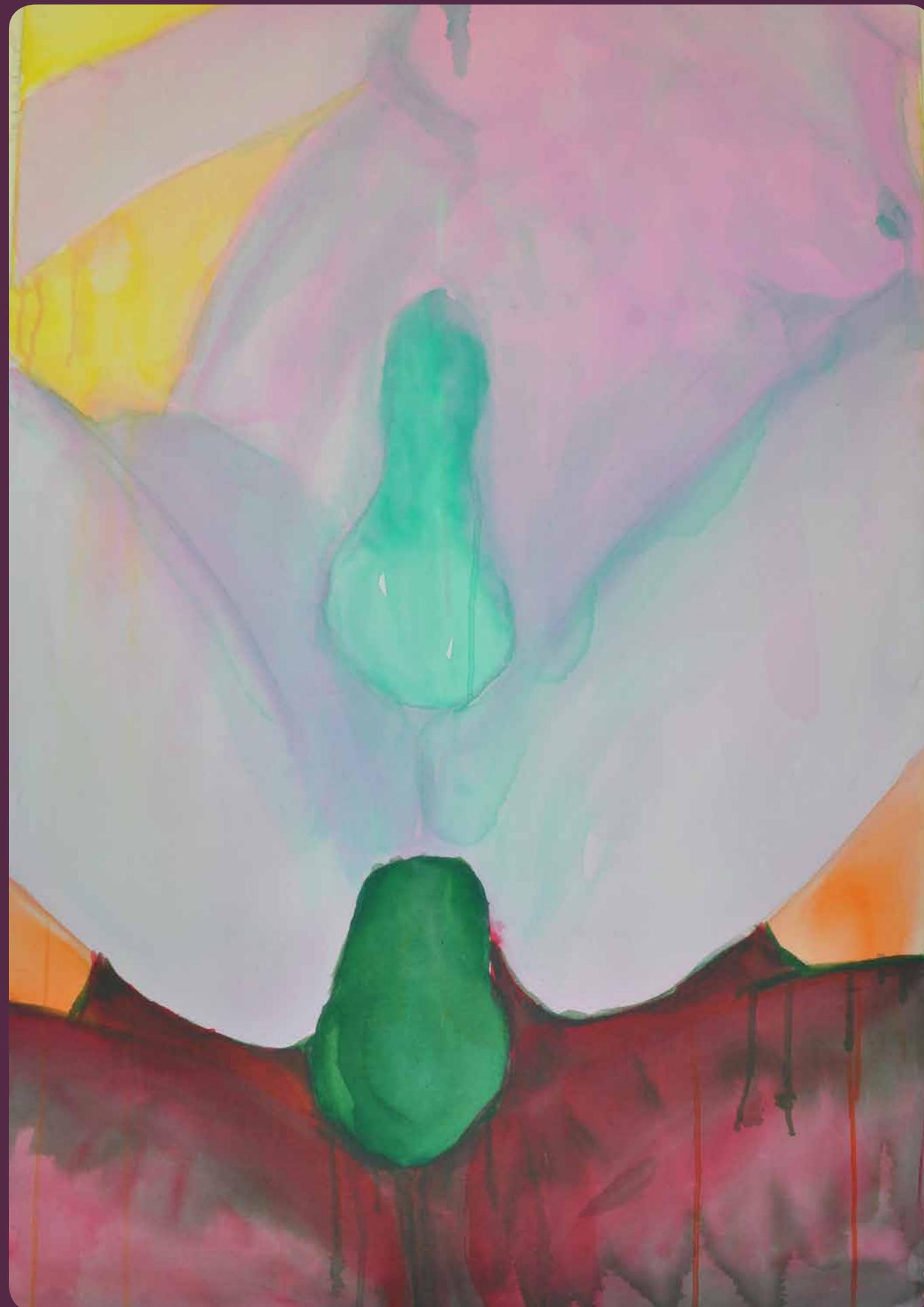


Fotos: Nina Nunes.



Alice Yura
*Complementar I, II,
III e IV*
Série EXPLICIT, aguada
sobre tela, 2010.

*Complementar I, II,
III and IV*
EXPLICIT Series, wash on
canvas, 2010.





A magia do reencontro traz consigo conexões inesperadas e explosivas. Naquela praia, já tarde da noite Gabriel e Igor discutiam sobre as suas vivências e os motivos de ambos se afastarem.

— Você sumiu Gabriel, não mandou sequer uma mensagem. — afirmou Igor.

— Eu tenho meus motivos, e sinceramente não começa com isso novamente. Todo esse processo afetou minha mente. — disse Gabriel pegando uma cerveja no cooler.

— Eu não quero estragar esse momento. Sei o quão foi e está sendo difícil esse teu processo. Mas eu não parei de pensar em você um só minuto. Por que você quis se afastar de mim?

— Eu tenho meus motivos e não estava feliz sendo aquela pessoa. Precisei de um tempo para pôr as ideias em ordem.

— E você é feliz agora sendo Gabriel? Ou ainda tem resquícios da Gabriela? — retrucou ele se aproximando mais.

— Nunca mais pronuncia esse nome! Ela tá morta e você sabe disso! — falou ele se afastando e dando as costas.

No silêncio profundo que permeava entre os dois, a fogueira que estava quase no meio de ambos não se comparava com o gelo daquela conversa. Sob o barulho das ondas ao fundo, os paredões rochosos daquele lugar refletiam as sombras de duas pessoas que um dia já se amaram, já se entregaram de corpo e alma, mas hoje são dois desconhecidos.

Dois estranhos que se encontram sob a luz do luar. A meia noite é um momento de segredos e desejos ocultos se revelarem; onde cada sussurro é uma promessa e cada olhar, um convite avassalador.

— Você lembra de como era apaixonado por noites de lua cheia? — disse Gabriel olhando novamente para Igor.

— E eu ainda sou. E principalmente quando ela está desse jeito em tons de amarelo. Um amarelo sagaz que me causa arrepios. — Igor falou apontando para lua.

— Como assim, cara? Arrepios?

— É o que eu sinto quando vejo uma super lua dessas. Você sabe que luas assim eu fico... Estranho.

— Estranho você sempre foi né? — ambos riram porque isso era meio óbvio.

O ar gélido carregado de risadas descontraídas carregava consigo uma tensão implícita, uma verdadeira atmosfera elétrica. Como se a própria noite estivesse conspirando para unir seus destinos. Entre olhares furtivos e sorrisos tímidos, Igor faz um convite inesperado para Gabriel:

— Bora ali mergulhar, cê topa?

— Quê? Como assim mergulhar? Agora? — falou Gabriel com espanto.

— Sim. Agora, como nos velhos tempos. Ou prefere que eu arranque suas roupas? — indagou Igor.

— Não! Não precisa... É que... — Gabriel estava com medo do que ia falar então gaguejou um pouco.

— Tem vergonha de mim?

— Não, não é vergonha. É porque você ainda não está acostumado com essa minha nova fase.

— Eu não quero te obrigar a nada. Só quero que seja você mesmo. — disse Igor levando suas mãos ao rosto de Gabriel. — Eu sei que você tem medo dos julgamentos, mas confia em mim.

— Confiar é uma palavra muito forte. E talvez...

Gabriel foi interrompido nesse exato momento porque Igor o beijou com veemência. Gabriel o empurrou com um certo espanto dizendo:

— É isso mesmo que você quer?

— Sim, é isso. E você? — indagou Igor.

A resposta de Gabriel para a sua surpresa foi um beijo muito mais quente que o primeiro. Mais

ousado e frenético. Foram tirando peça por peça de seus corpos. E a cada beijo uma frase quente aguçava mais os dois, frases do tipo “*You te foder por inteiro e fazer esse momento valer a pena*” reverberavam no interior de cada um.

Igor instintivamente parou quando viu bandagens elásticas pretas cobrindo os seios de Gabriel. E ele falou:

— Eu não consegui me adaptar ao binder. Então a solução que encontrei foi essa.

— Essa é a primeira vez que te vejo usando isto. E não sabia que você era sexy desse jeito.

— Vamos mergulhar ou tá com medinho? — proferiu Gabriel mudando de assunto para esconder sua timidez.

— Olha como ela tá, Gabriel! Tá chamando pela gente — exclamou Igor mais uma vez apontando para a lua cheia.

— Talvez ela não esteja chamando a gente... Talvez ela esteja chamando por você!

Igor então chamou Gabriel para subir em suas costas como uma “mochilinha” que ele sempre carregava. A “mochilinha” dos tempos do Ensino Médio que ele sempre amou em segredo. Então ele disse:

— Lembra como era? Vem cá, sobe nas minhas costas.

Gabriel obedeceu, subiu nas costas e o contato físico de ambos já causavam algumas faíscas. Gabriel cheirou o cangote de Igor. Era um almíscar de suor e de perfume barato, o mesmo perfume que sempre usou. Igor começou a caminhar em direção ao mar, as ondas revoltas estavam refletindo como o interior deles estavam. Inquietos e vorazes. Foi então que

ele começou a caminhar cada vez mais rápido; mais rápido ao ponto de se cansar e desabar quando sentira as pequenas ondas aos seus pés. Gabriel resmungou:

— Cara, o que você fez? Foi o maior tombo da sua vida! — nesse momento ambos riram. Mas rapidamente as risadas deram lugar ao tesão que permeava entre eles.

Gabriel, quando deu conta de si, estava em cima de Igor só que ele ainda estava de bruços devido ao tombo. Em um movimento astucioso, Igor jogou Gabriel para o lado e começou a beijá-lo com mais tesão num roça roça de pernas intermináveis. Nem mesmo as ondas que encostavam no corpo deles poderia apagar aquele fogo, aquele desejo adormecido por tanto tempo.

Igor via o reflexo da lua no olhar de seu amado e isso instigava cada movimento de seu corpo, foi quando ele sentiu o coração de Gabriel acelerar cada vez mais. O coração batia descompassadamente junto com o de Igor. Gabriel sussurrou no ouvido de seu amado:

— Você está sentindo isso?

— Sim... Eu sinto que preciso ter você por inteiro comigo nesta noite.

— Então me mostra o que você é capaz de fazer. — provocou Gabriel.

Neste exato momento Igor arrancou a única peça de roupa que Gabriel vestira. Mas Gabriel ainda tinha uma certa “vergonha”, ou receio do que Igor poderia ver. Então, em um ato de coragem o Lobo ergueu seu amado, o colocou de joelhos e foi linguando do seu umbigo até chegar em seu órgão genital e, sem julgamentos, ele encontrou uma buceta que aguçava pelos seus lábios. Ela estava úmida e suplicava por uma fera que a abocanhasse por inteiro.

— Puta que pariu! — resmungou Gabriel.

Gabriel mesmo com as pernas trêmulas não poderia negar a explosão de prazer que sentia. Ele pegou suas mãos e enfiou a cara de Igor ainda mais entre suas pernas e como resposta ele chupava com vigor os pequenos lábios vaginais de uma pessoa que já reprimiu inúmeros prazeres por ter uma vulva e uma vagina entre suas pernas.

Assim, sob o céu estrelado, Gabriel e Igor formaram uma ligação indestrutível. Uma doce licantropia que estivera adormecida por anos dentro do corpo de Igor. O Lobo poderia retornar à sua forma humana ao amanhecer, mas a conexão entre os dois permaneceria eterna. Dois corpos que mesmo sendo silenciados por prazeres mundanos, jamais seriam silenciados naquela noite tão especial em suas vidas.

Igor quando chegou no clitóris não foi linguando de uma vez só. Ele dedilhava com precisão porque sabia da sua importância. Dedilhava da abertura da vagina até o clitóris, depois revezava o mesmo movimento com sua língua. Era um verdadeiro frenesi dos deuses! Então Gabriel para a surpresa de Igor disse:

— Vem cá, deixa eu provar do sabor da minha buceta!

Gabriel então puxou Igor para cima e o beijou com força desfrutando do néctar dos deuses que era a sua buceta. Era inegável o quanto aquilo era a melhor foda deles. Era uma entrega total de ambos, uma troca de sentimentos que transcendia as barreiras entre as espécies humanas. Naquele instante, ambos souberam que estavam destinados a se encontrar.

Gabriel que estava sentado e encaixado no corpo de seu amado podia sentir que o pau de Igor estava latejando de tão duro. Ele poderia chupá-lo, mas não fez. Era incontestável que sua buceta estava suplicando para ter esse falo dentro dele. E foi exatamente o que ele fez.

Mas Igor suavemente começou a encaixar o falo dentro de seu amado. Mas Gabriel não queria algo suave; naquele momento ele queria senti-lo tudo e por inteiro. De uma vez só. Naquele momento os dois esqueceram completamente que estavam em uma praia e com as ondas batendo em seus corpos. O mar e a lua eram as únicas testemunhas da imensidão daquele prazer.

Gabriel urrou de prazer quando colocou e sentiu o pau de Igor todo dentro dele chegando nesse momento a fechar os olhos. Igor mal conseguia falar, apenas fazer alguns movimentos. Poderia ser um delírio da sua mente, mas Gabriel conseguiu ouvir um uivo de um lobo, um uivo de uma fera que estava bem próximo de ti. O uivo se repetia mais uma vez selando um pacto entre eles.

Gabriel se arrepiou por inteiro com o uivo. Mas não conseguia dizer com palavras o que sentia... era muito mais do que prazer! As estocadas começaram a ficar cada vez mais fortes e frenéticas. Gabriel começava um movimento de vai e vem que fazia Igor enlouquecer e esquecer que algum dia ele já foi humano. Igor abraçava ferozmente as costas de seu amado ao ponto de deixar marcas de suas unhas naquele lugar.

A lua cheia transbordou de prazer naquele exato momento em que os corpos de ambos — mesmo molhados e cheios de areia — conseguiam exalar a pura adrenalina que corria em suas veias. Mesmo chegando ao clímax ambos não conseguiam se desgrudar de imediato. Eles ainda estavam coladinhos, suadinhos de prazer. O suor se misturava com as águas do mar e isso resultava numa espécie de combustão incomum.

Depois de muito tempo e de conseguirem recuperar o fôlego, eles foram tomar banho de mar, do jeito que estavam: completamente nus. Em seguida caminharam em direção ao “mini acampamento” que tinham montado. Acenderam novamente a fogueira e se deitaram em cima de uma tanga de praia. Passaram o resto da madrugada coladinhos e dividindo o mesmo edredom.

Um novo amanhecer começara a apontar bem distante na vida de ambos. O mar que era revoltoso, na noite anterior, dava lugar para a calma e o sossego. Depois daquela noite, Gabriel e Igor nunca mais foram os mesmos. Juntos eles TRANScenderam os mistérios da vida e do amor. Um amor licantropo que abraçava a verdadeira natureza de cada um.

<T>

Sweet Lycanthropy

The magic of reunion brings with it unexpected and explosive connections. On that beach, late at night, Gabriel and Igor were discussing their experiences and the reasons why they had both drifted apart.

“You disappeared, Gabriel, you didn’t even send a message,” Igor said.

“I have my reasons, and honestly, don’t start that again. This whole process has affected my mind,” Gabriel said, grabbing a beer from the cooler.

“I don’t want to ruin this moment. I know how difficult this process has been and is. But I haven’t stopped thinking about you for a single minute. Why did you want to distance yourself from me?”

“I have my reasons and I wasn’t happy being that person. I needed some time to get my thoughts in order.”

“And are you happy now being Gabriel? Or do you still have traces of Gabriela?” he replied, moving closer.

“Never say that name again! She’s dead and you know it!” he said, moving away and turning his back.

In the deep silence that permeated between the two, the bonfire that was almost in the middle of them was no comparison to the ice of that conversation. Under the sound of the waves in the background, the rocky walls of that place reflected the shadows of two people who once loved each other, who once gave themselves body and soul, but today are two strangers.

Two strangers who meet under the moonlight. Midnight is a time for secrets and hidden desires to be revealed; where every whisper is a promise and every look, an overwhelming invitation.

“Do you remember how much I loved nights with a full moon?” Gabriel said, looking at Igor again.

“And I still am. And especially when it’s like this in shades of yellow. A clever yellow that gives me goosebumps.” Igor said, pointing to the moon.

“What do you mean, man? Goosebumps?”

“That’s what I feel when I see a super moon like that. You know that moons like that make me feel... Strange.”

“You’ve always been strange, haven’t you?” – they both laughed because it was kind of obvious.

The cold air filled with relaxed laughter carried with it an implicit tension, a truly electric atmosphere. As if the night itself was conspiring to unite their destinies. Between furtive glances and shy smiles, Igor makes an unexpected invitation to Gabriel:

“Let’s go diving, are you up for it?”

“What do you mean, dive? Now?” Gabriel said in astonishment.

“Yes. Now, just like old times. Or would you rather I rip your clothes off?” Igor asked.

“No! You don’t have to... It’s just...” – Gabriel was afraid of what he was going to say so he stuttered a little.

“Are you ashamed of me?”

“No, it’s not ashamed. It’s because you’re not used to this new phase of mine yet.”

“I don’t want to force you to do anything. I just want you to be yourself.” – Igor said, bringing his hands to Gabriel’s face. – “I know you’re afraid of being judged, but trust me.”

“Trust is a very strong word. And maybe...”

Gabriel was interrupted at that exact moment because Igor kissed him vehemently. Gabriel pushed him away with some surprise, saying: “Is that really what you want?”

“Yes, that’s it. And you?” Igor asked.

Gabriel’s response to his surprise was a kiss much hotter than the first. More daring and frantic. They began to remove each other’s bodies piece by piece. And with each kiss, a hot phrase made them both even more excited, phrases like “I’m going to fuck you completely and make this moment worth it” reverberated inside each of them.

Igor instinctively stopped when he saw black elastic bandages covering Gabriel’s breasts. And he said:

“I couldn’t adapt to the binder. So this was the solution I found.”

“This is the first time I’ve seen you wearing this. And I didn’t know you were sexy like this.”

“Shall we dive in or are you scared?” Gabriel said, changing the subject to hide his shyness.

“Look at her, Gabriel! She’s calling for us,” Igor exclaimed once again, pointing to the full moon.

“Maybe she’s not calling for us... Maybe she’s calling for you!”

Igor then called Gabriel to climb on his back like a “little backpack” that he always carried. The “little backpack” from high school that he always secretly loved. Then he said:

“Remember how it was? Come here, climb on my back.”

Gabriel obeyed, climbed on his back and the physical contact between them already caused some sparks. Gabriel smelled Igor’s neck. It was a musk of sweat and cheap perfume, the same perfume he always used. Igor started walking towards the sea, the rough waves were reflecting how their insides were. Restless and voracious. It was then that he started walking faster and faster; faster to the point of getting tired and collapsing when he felt the small waves at his feet. Gabriel grumbled:

“Dude, what did you do? It was the biggest fall of your life!” – at that moment they both laughed. But quickly the laughter gave way to the excitement that permeated between them.

Gabriel, when he realized it, was on top of Igor, but he was still face down due to the fall. In a clever move, Igor threw Gabriel to the side and began to kiss him with more passion, their legs rubbing together endlessly. Not even the waves that touched their bodies could extinguish that fire, that desire that had been dormant for so long.

Igor saw the reflection of the moon in his beloved's eyes and this instigated every movement of his body. That was when he felt Gabriel's heart race faster and faster. His heart beat wildly along with Igor's. Gabriel whispered in his beloved's ear:

"Are you feeling this?"

"Yes... I feel like I need to have you all with me tonight."

"Then show me what you're capable of doing," Gabriel teased.

At that exact moment, Igor tore off the only piece of clothing Gabriel was wearing. But Gabriel still felt a certain "embarrassment," or fear of what Igor might see. Then, in an act of courage, the Wolf lifted his beloved, placed him on his knees and started licking his belly button until he reached his genitals and, without judgment, he found a pussy that was waiting for his lips. It was wet and begged for a beast to swallow it whole.

"Holy shit!" Gabriel grumbled.

Gabriel, even with his legs shaking, could not deny the explosion of pleasure he felt. He took his hands and pushed Igor's face even deeper between his legs and in response he vigorously sucked the small vaginal lips of a person who had already repressed countless pleasures by having a vulva and a vagina between her legs.

Thus, under the starry sky, Gabriel and Igor formed an indestructible bond. A sweet lycanthropy that had been dormant for years inside Igor's body. The Wolf could return to his human form at dawn, but the connection between the two would remain eternal. Two bodies that, even though silenced by worldly

pleasures, would never be silenced on that special night in their lives.

When Igor reached her clitoris, he didn't just lick it all at once. He fingered it with precision because he knew how important it was. He fingered it from the opening of her vagina to her clitoris, then alternated the same movement with his tongue. It was a true frenzy of the gods! Then Gabriel, to Igor's surprise, said:

"Come here, let me taste the flavor of my own pussy!"

Gabriel then pulled Igor up and kissed him hard, enjoying the nectar of the gods that was his pussy. It was undeniable how much that was the best fuck they had ever had. It was a total surrender from both of them, an exchange of feelings that transcended the barriers between human species. At that moment, they both knew they were destined to meet.

Gabriel, who was sitting and fitted into his lover's body, could feel that Igor's cock was throbbing with hardness. He could suck it, but he didn't. It was undeniable that his pussy was begging to have that phallus inside it. And that's exactly what he did.

But Igor gently began to insert his cock inside his lover. But Gabriel didn't want something gentle; at that moment he wanted to feel everything and everything. All at once. At that moment, they both completely forgot that they were on a beach and the waves were crashing against their bodies. The sea and the moon were the only witnesses to the immensity of that pleasure.

Gabriel roared with pleasure when he inserted and felt Igor's cock all the way inside him, and at that moment he closed his eyes. Igor could

barely speak, only make a few movements. It could be a delusion of his mind, but Gabriel could hear a wolf howl, a howl of a beast that was very close to him. The howl repeated itself once more, sealing a pact between them.

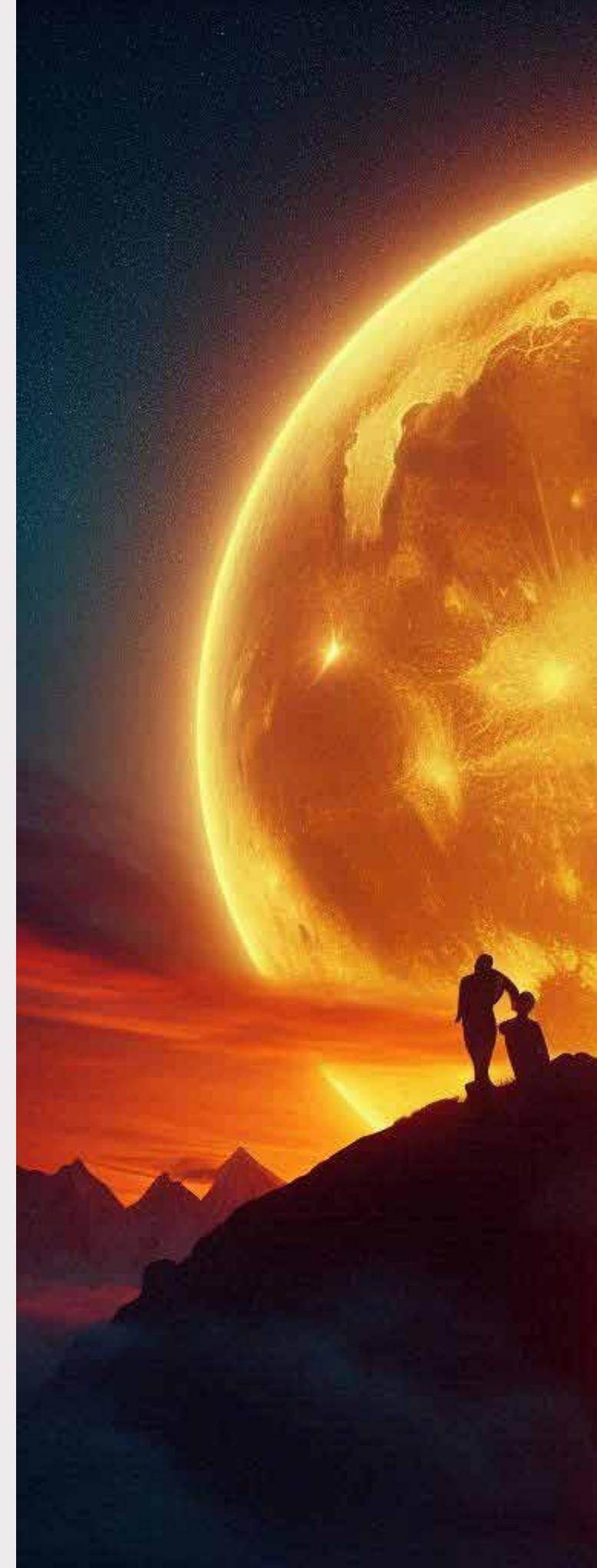
Gabriel shivered all over with the howl. But he couldn't put into words what he felt... it was much more than pleasure! The thrusts began to get stronger and more frantic. Gabriel began a back and forth movement that made Igor go crazy and forget that he had ever been human. Igor hugged his beloved's back fiercely to the point of leaving marks of his nails there.

The full moon overflowed with pleasure at that exact moment when their bodies – even wet and full of sand – managed to exude the pure adrenaline that ran through their veins. Even reaching climax, neither of them could separate immediately. They were still glued together, sweaty with pleasure. The sweat mixed with the sea water and this resulted in a kind of unusual combustion.

After a long time and after being able to catch their breath, they went to bathe in the sea, as they were: completely naked. Then they walked towards the "mini camp" they had set up. They lit the fire again and lay down on top of a beach thong. They spent the rest of the night glued together and sharing the same comforter.

A new dawn had begun to appear in the distant future in both of their lives. The sea that had been rough the night before gave way to calm and quiet. After that night, Gabriel and Igor were never the same again. Together they TRANSCENDED the mysteries of life and love. A lycanthropic love that embraced each other's true nature.

<T>





Ju Bentes
Série *Transafeto*
acrílica e PVA sobre tela, 2023.

Transaffection Series
acrylic and pva on canvas,
2023.

Vamos ler um livro?

por Renata Carvalho

EDITOR'S NOTE:
This text will not be translated into English because it talks about books released in Brazil.

Eu pratiquei a leitura até ela fazer parte e falta na minha vida. A prática da leitura vem com a insistência. O que me faz ser uma feroz leitora é que os livros me ampliam, alargam minha consciência do ser político que todes nós somos.

Meu primeiro contato com os livros (não escolares) foi na escola. Existiam projetos de incentivo à leitura em escolas municipais da cidade de Santos em São Paulo. Depois em 1996 o teatro chegou em minha vida, trazendo livros de escritores, dramaturgos, biografias, peças de teatro... eu amava explorar esses mundos! Com os livros viajei ao mundo sem sair de casa.

Em 2007 me tornei agente de prevenção voluntária em ISTs, HIV/AIDS, hepatites e tuberculose trabalhando com travestis e mulheres trans na prostituição, em Santos, e passei a ir atrás dos livros que falassem do tema, no princípio mais ligados a saúde. Fiquei 11 anos como APV.

Com o meu percebimento travesti, notei que minha identidade de gênero foi me tirando dos espaços sociais e familiares dia após dia. Sem saber o porquê e sem ainda entender o que eu era. Lembro que os livros contavam a história de praticamente todos os povos, sociedades e vidas humanas. Então, fui atrás de um livro que contasse a história das travestis e pessoas trans, para entender meu coletivo, mas principalmente, a mim mesma.

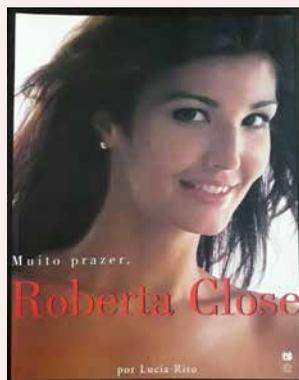
Consta que os livros, que tive acesso na época, apenas contavam a exclusão histórica desses corpos e na maioria das vezes, cheias de conteúdo transfóbico. Decidi então que iria escrever esse livro. Passei a juntar livros, trabalhos acadêmicos, biografias, todo material em que o tema fosse debatido. Esse compêndio de livros eu chamo de TRAVESTECA, minha biblioteca com temática travesti/trans e temas interseccionais, que estão me servindo para montar esse quebra-cabeça da nossa história, memória e transcestralidade.

Esse acervo, apenas sobre travesti/trans, tem até hoje (agosto/2024) 276 livros, sendo 77 de outros idiomas. Agora quero lhes apresentar um pequeno apanhado (alguns) dos meus livros queridinhos. E que recomendo muito a leitura.

Vamos começar com as biografias. Eu adoro ler biografias. Tenho muitas:

Muito prazer, Roberta Close, de Lúcia Rito, Ed. Rosa dos Tempos, 1998.

Roberta Close foi a primeira mulher trans a ficar famosa nacionalmente, chamada de fenômeno. Foi a minha primeira grande referência de pessoa trans. No livro, ela conta esse período com toda transfobia estrutural e sua luta por dignidade e respeito. Evoé Roberta.



Viagem Solitária, de João W. Nery, Ed. Leya, 2011.

A partir desse livro, e com João vindo a público para falar de sua vivência como uma pessoa transmasculina – e como a representatividade tem efeito imediato – os homens trans passaram a sair do anonimato e revelarem suas identidades. Li em 2011 e na época me foi de muito impacto. Eram raras as biografias trans. Evoé João.



Olhares de Claudia Wonder, de Claudia Wonder, Ed. GLS, 2008.

É uma coletânea da coluna que Claudia teve na revista “G Magazine” de 2002 a 2008. Claudia foi atriz, cantora, escritora, presença forte nos anos 80 e 90 na noite paulistana e uma das minhas inspirações e musas. Este livro traz uma entrevista com Thelma Lipp, que conta ter sido substituída no filme “Carandiru” por Rodrigo Santoro, e ambas pensam em fazer algo para que isso não aconteça mais. Não deu tempo para elas. Marquei com caneta essa parte da entrevista e escrevi no livro “Ver essa ideia”. Este livro foi semente importante para a criação do MONART (Movimento Nacional de artistas Trans) e conceituar o “Manifesto Representatividade Trans nas Artes - Diga SIM ao talento Trans” e a prática do transfake. Claudia e Thelma são as madrinhas traviarcas do movimento. Evoé Claudia. Evoé Thelma.



Ricardo e Vânia – o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor, de Chico Felitti, Ed. Todavia, 2019.

A partir de uma reportagem que viralizou do Ricardo Correa, conhecido como o Fofão da Augusta, Felitti usa seu talento de repórter investigativo até chegar em Vânia Munhoz. Primeiro preciso ressaltar a qualidade na escrita de Felitti e como ele desenvolve a história. É de ler devorando. Como transpóloga, com incentivo de um amigo, fui atrás de Vânia nas redes sociais. Nos encontramos em 2021 em Paris, quando estava me apresentando no Festival d'Automne com a peça “Manifesto Transpofágico”. Nos tornamos grandes amigas e hoje ela é a tradutora em língua francesa e participa comigo no palco das apresentações. Evoé Vânia.



Eu, Travesti – Memórias de Luisa Marilac, de Luisa Marilac e Nana Queiroz, Ed. Record, 2019.

Da viralização do seu bordão “Se isso é tá na pior” e de bebermos com ela “bons drinks”, a realidade da vida de uma travesti nascida no fim dos anos 70. O livro nos apresenta a humanidade e doçura de Luisa, mesmo o mundo sendo tão agressivo a ela. Você se apaixona por Luisa, gosta mais da Luciana Gimenez e tem raiva da Eliana. E ainda tem orelha da Liniker. Evoé Luisa. Evoé Liniker.



EDITOR'S NOTE: As this is a text with reviews of Brazilian books, this text will not be translated into English.



Rainhas da noite - as travestis que tinham São Paulo a seus pés, de Chico Felitti, Ed. Cia das Letras, 2022

Conta a história das travestis Jaqueline Welch, Andréa de Mayo e Cristiane Jordan que comandaram o centro de São Paulo de 1970 a 2010. Essa história foi primeiro publicada em audiobook e adivinhem quem narra essa história: euzinha! E detalhe, Felitti me convidou porque viu eu lendo trechos de livros no meu Instagram. Vale muito a pena revisitar essas memórias, torço para se tornar um produto audiovisual. E quem for dirigir me chame! Evoé Jaqueline, Evoé Andréa, Evoé Cristiane.



Livros com autoras trans que eu amo:

Nã V nos matar agora, de Jota Mombaça, Ed. Cobogó, 2021.

Um compêndio de textos dessa artista e intelectual travesti. Seus textos nos movem de lugar. É uma artista que eu amo acompanhar suas produções na arte, ler e ouvir. Ela me inspira e fortalece. Evoé Jota.



Eu sou o monstro que vos fala - Relatório para uma academia de psicanalistas, de Paul Preciado, Ed. Zahar, 2022

Paul Preciado é um filósofo espanhol, um dos intelectuais trans mais respeitados e importantes da história. Em 2019 ele foi convidado para falar na Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana em Paris, mas ele não conseguiu terminar sua fala, pois foi hostilizado pelos participantes. Então, decidi publicar na íntegra sua fala. Um dos melhores livros dele, esse é certo, é científico, é estudado, é um tapa na psiquiatria mundial. Como diz no livro: "Libertem Édipo Rei". Este mesmo texto ele dirigiu e adaptou para o teatro e será apresentado em São Paulo. Infelizmente ele não estará presente, mas eu sim. Um detalhe: Paul assistiu "Manifesto Transpofágico" em Paris. Evoé Paul.

Os livros acadêmicos:



Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil, de Don Kulick, Ed. FioCruz, 2008.

A personagem central do livro é Keila Simpson, traviarca do movimento político organizado das travestis e ex-presidente da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Neste trabalho de campo com as travestis, vivendo com elas, é bonito acompanhar toda graça de Keila no livro. É um dos primeiros trabalhos acadêmicos que respeita a identidade feminina das travestis e mulheres trans, usando o gênero feminino para retratá-las. Evoé Keila.

Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS, de Larissa Pelúcio, Ed. AnnaBlume, 2009.

Pelúcio vai atrás pela primeira vez dos homens cisgêneros que se envolvem sexualmente com travestis e mulheres trans, inclusive participando de grupos em redes sociais de homens que procuram travestis. Os depoimentos nos fazem entender a solidão afetiva dos corpos trans. Um corpo para vida privada, evidenciando que eles têm receio de do envolvimento público com travestis e mulheres trans, pois temem serem confundidos ou chamados de gays ou homossexuais, perdendo seu "lugar social de homem".

Transfeminismo – teorias e práticas, org. Jaqueline Gomes de Jesus e colabores, Ed. Metanoia, 2014.

Quando acabei de ler esse livro com todos os textos e autores nele contidos, chorei. Ficou nítido que minhas exclusões sociais não aconteceram porque eu era uma pessoa ruim ou má: era apenas pelo fato de eu ser uma travesti. Me salvou e me auxiliou na retirada da culpabilização de ser uma travesti. Jaqueline Gomes de Jesus é doutora e professora universitária, mulher negra e trans. Além de minha amiga, escreve o prefácio do livro do "Manifesto Transpofágico". Recomendo acompanhá-la. Evoé Jaqueline.

A história incompleta de Brenda e outras mulheres, de Chico Ludermir, Ed. Confraria do Vento, 2016.

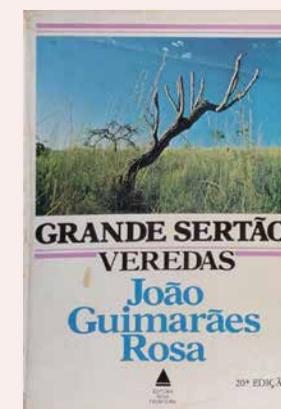
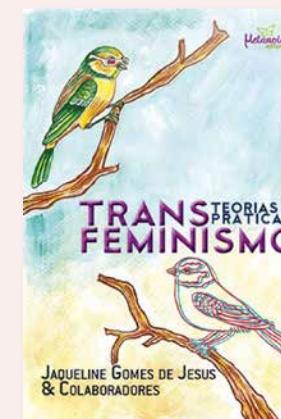
São entrevistas com 11 travestis e mulheres trans nordestinas, que vivem em Pernambuco. Com delicadeza, Chico nos apresenta essas histórias. Nesse livro, começo a perceber que nos livros acadêmicos que li uma das entrevistadas acabava morrendo, geralmente assassinadas.

E o meu livro de cabeceira, o clássico:

Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, Ed. Nova Fronteira, 1956.

Além de ser um livro incrível, é o primeiro personagem homem trans que se tem registrado na literatura brasileira. Diadorim é um homem trans. E se você já leu, releia com esse novo olhar. Chega de mulheres cisgêneros interpretando Diadorim. Essa narrativa está ultrapassada. Como chamamos uma pessoa que foi designada do sexo feminino ao nascer, mas viveu a vida como um homem socialmente, e foi tratado como um homem a vida toda, mas ao morrer descobrem que esse homem possui uma vagina? Quantas histórias como a de Diadorim foram notícias ao longo da história pelos jornais, televisões e internet com reportagens de vivências como a de Diadorim? Evoé Diadorim.

Espero que tenham gostado dessa minha seleção, e despertado a curiosidade para conhecerem esses livros e histórias. Boas Leituras. Evoé Traviarcado. Travaé. TravaSomos. <T>





Noah Ruiz

Autorretrato

caneta hidrográfica e aquarela sobre papel, 2024.

Self-portrait

felt-tip pen and watercolor on paper, 2024.



Torugo

Buceta de homem
hidrocor em papel pólen, 2017.

Man's pussy
marker on pollen paper, 2017.



Sem título

aquarela e nanquim sobre papel, 2017.

Untitled

watercolor and ink on paper, 2017.



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

